NOVOS
ENSAIOS CRITICOS
10916

NOVOS ENSAIOS CRITICOS

NSS
14/8/24
E. arss
13/2/27

NOVOS

ENSAIOS CRITICOS

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

PORTO

EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA

PRAÇA DE D. PEDRO

1867

PORTO : 1867 — Typographia Commercial,
rua de Bellomonte n.º 19.

AO ILL.mo E EX.mo SNR.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

em testemunho de muito respeito, muito sincera admiração, e reconhecido affecto

O. D. C.

O Auctor.

DUAS PALAVRAS AO LEITOR

O primeiro volume publicado dos «Ensaios Criticos» foi acolhido favoravelmente pelo publico. Tal acolhimento impoz-me a obrigação de aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, estes estudos rapidos sobre a litteratura contemporanea, estudos entre os quaes apparece agora timidamente um ou outro esboceto d'alguma physionomia mais notavel das que avultam nos nossos annaes litterarios, não menos gloriosos do que os politicos.

Este volume, contra o costume das obras da mesma indole, encerra uma grande parte de artigos ineditos. Pareceu-me que o livro se tornaria assim mais digno da publicidade. Não só os meus

leitores habituaes ganham porque vêm encontrar leitura nova, mas ganham tambem os artigos por serem escriptos socegadamente no tranquillo gabinete, em vez de serem dictados pela inspiração febril do trabalho jornalistico. O habito da analyse periodiqueira é causa talvez das luctas insensatas que se travam no campo da litteratura sem proveito para ella nem para o publico. D'essa fórma a critica, devendo ser a arbitra das questões, devendo ter a suprema tranquillidade do juiz que pronuncia o *veredictum*, em vez da agitação mais ou menos eloquente do orador apaixonado pela causa que defende, devendo proferir a sentença final, analysar a causa que se debate com uma frieza imparcialissima, vê-se obrigada a ceder ao primeiro movimento d'aquelle que a exerce, a tornar-se propugnadora ardente d'um principio; a lançar-se no meio da peleja, a pintar uma divisa no escudo e a combater corpo a corpo os que arvoram um opposto signo. Depois, quando chega a gelada reflexão, percebe os erros a que se deixou arrastar pelo primeiro impulso, e vê-se muitas vezes obrigada a combater as idêas que primeiro defendeu, a contradizer-se emfim. Ora o publico, indulgente com muitos outros peccados, não perdôa facilmente a contradicção, que é aliás um peccado inevitavel em todos quantos vão confiando á publi-

cidade os seus pensamentos, que se alteram por força á medida que a instrucção se vai desenvolvendo, que vão correndo os annos, que se vai modificando emfim o prisma atravez do qual observamos o mundo das idêas.

Assim como a critica do jornalismo é ardente nas pugnas, é tambem, e por identico motivo, prodiga no elogio. Obrigada a ajuisar um livro depois d'uma primeira e rapida leitura, deixa-se facilmente deslumbrar por uns certos esplendores de estylo, por uma certa novidade na frase, por um certo arrojo no pensamento, e, tendendo mais, quando é verdadeiramente de boa fé, para o elogio do que para a satyra, expõe a plena luz as bellezas que primeiro lhe deram na vista, e deixa ficar na sombra os defeitos que só pouco a pouco lhe foram avultando. De quantas admirações á primeira leitura não estou agora fazendo penitencia particular, e penitencia publica tambem porque não recúo diante d'ella!

Os artigos, escriptos para um livro na placidez do gabinete, ficam menos expostos a esse inconveniente; por isso preferi reservar para este volume as apreciações d'algumas obras, já publicadas ha muito.

Se o publico houvesse por bem acolher favoravelmente um livro em parte executado segundo

esse plano, esta empreza editora, uma das mais illustradas de Portugal, abalançar-se-hia talvez a publicar todos os annos um volume, no genero dos *Annuarios* francezes, em que se fizesse uma apreciação cordata mas imparcial das obras mais notaveis, que durante o anno todo vissem a luz no nosso paiz, e d'algumas d'essas obras estrangeiras, que, pelo seu grande vulto e pela popularidade cosmopolita que adquirem, pertencem não á litteratura d'esta ou d'aquella nação, mas á litteratura europea, á litteratura universal.

Isto é uma pequena utopia que eu lanço no mercado já que as utopias estão tanto em voga. Sobre o presente volume direi apenas que as apreciações, que n'elle se contém, podem não ser justas, mas são sinceras sempre.

M. Pinheiro Chagas.

NOVOS ENSAIOS CRITICOS

O ROMANCE HISTORICO EM PORTUGAL

I

ARNALDO GAMA [1]

Não é um estudo desenvolvido sobre o estabelecimento e o progresso do romance historico em Portugal que eu vou tentar n'estas paginas. Se o tentasse, teria de fazer desfilar por diante dos olhos dos leitores os vultos mais notaveis da nossa litteratura. E á testa d'esse longo cortejo teria de collocar a figura eminente de Alexandre Herculano com o seu austero poema do pensativo Eurico, e o d'esse pallido monge de Cister emtorno do qual tumultua a côrte popular d'el-rei D. João I, e principalmente com esses typos admiraveis, que passam como relampagos nos pequeninos e inimitaveis romances das

[1] O Filho do Baldaia, 1 vol.

Lendas e narrativas. Teria de nomear um dos nossos escriptores mais distinctos, o snr. Oliveira Marreca, hoje, ainda mal, retirado da labutação litteraria e que nos deixou incompleto, mas formoso como uma estatua mutilada das ruinas de Athenas, o seu *Conde Soberano de Castella*, um dos mais bellos estudos historicos do nosso tempo. Teria de citar o nome do snr. Andrade Corvo, que fez no *Anno na Côrte* o mais bem travado e interessante romance historico do nosso paiz, e que resgata plenamente com essa grande qualidade, alguns defeitos que o escurecem; teria de lembrar aos leitores a *Mocidade de D. João V*, a joia mais esplendida do diadema litterario do snr. Rebello da Silva, e d'essa fórma, pouco a pouco, teria de fazer quasi a historia completa da nossa litteratura contemporanea, tão raros foram os talentos d'algum vulto, que se não abalançaram a este genero, muito da indole do nosso seculo, porque lhe satisfaz a um tempo os instinctos dramaticos, e as tendencias estudiosas; genero, que, na altura a que o elevaram os grandes mestres, podemos audazmente classificar como a unica epopéa possivel no seculo XIX.

O que era a epopéa? o poema d'um heróe, a evocação sublime d'um grande vulto, a que a poesia dava ainda proporções mais collossaes, vulto que ella doirava com todos os seus esplendores, que cercava do vago nimbo do maravilhoso, em torno do qual travava a lucta das potencias do ceu e do inferno para lhe dar o interesse que as suas façanhas pessoaes, por maiores que fossem, não podiam

inspirar. O que é o romance historico, posto na altura em que o tratam Walter Scott sempre, Dumas ás vezes, e Victor Hugo mais do que ambos elles, mas uma vez só? É o poema d'um povo, é o resurgir d'uma geração. O seu multiplo heróe não precisa que o exaltem, porque é gigante por si; não precisa que o envolvam no mysterio sagrado, porque não ha mysterio maior e mais augusto do que os vagos pensamentos que refervem na mente das multidões, e nos quaes se encerra o segredo do futuro. Vêde uma onda isolada que rebenta no rochedo, prestai o ouvido ao seu grito d'agonia e ao seu canto d'amor, comprehendereis essa musica ou plangente, ou jubilosa, vereis as gotas d'agua escoando-se pouco a pouco por entre as fendas da penedia, e sentireis um doce prazer em assistirdes ás pequenas peripecias d'esse dramasinho isolado; mas em vez de mirardes sentado na areia cada onda de per si, trepai ao pincaro dos fraguedos e relanceai os olhos para essas vagas innumeras, que se embatem, que se quebram, que se torcem, que se enrolam, que espumam, que verdejam, que scintillam ao sol, que rugem pavorosas, que sacodem os navios, que refervem em enormes cachões, e sentireis não já o interesse brando que vos foi inspirado por cada uma d'ellas, separada pela vossa imaginação da grande massa liquida, mas um terror indefinivel, um vago frémito que vos adverte que estais diante d'um dos insondaveis mysterios da natureza.

A onda é o individuo, e o mar é a multidão. Embevecei-vos na contemplação da existencia d'a-

quelle, vêde o jogo das paixões, segui as peripecias do seu destino e tereis o romance phylosophico ou frivolo que vos entretem ou vos inspira um brando meditar: encarai a multidão, vêde-a agitar-se ao sopro desconhecido da idéa dominante d'um seculo, e tereis a moderna epopéa, o grande romance historico, *Ivanhoe* ou *Notre-Dame*.

Por isso todos quantos sentem em si mesmos a força creadora têem procurado arrancar do marmore das tradições não só as estatuas sublimes dos grandes vultos, mas tambem os baixos relevos onde se agitam os grupos dos personagens inferiores. Por isso como a historia da epopéa é entre nós a da grande litteratura dos seculos passados, e como a da tragedia — da tragedia, que não é mais do que uma epopéa theatral, onde a acção occulta da divindade substitue a acção directa, onde a fatalidade substitue o maravilhoso, se póde dizer que em França constitue igualmente a da sua litteratura nobre, assim a do drama e do romance historico forma a parte mais elevada da historia litteraria contemporanea.

D'esse extenso edificio apenas completarei um lanço, limitando-me a estudar os romances historicos publicados ultimamente por alguns dos nossos escriptores mais notaveis n'este genero. Será o primeiro um do snr. Arnaldo Gama, a quem já tributei o louvor, que os seus incansaveis trabalhos merecem, no anterior volume d'estes esbocetos de critica.

N'um dos periodos antecedentes acudio-me aos bicos da penna uma comparação da esculptura com

o romance historico, e disse, parece-me, que o romancista, lançando mão do marmore da historia, ou talha n'elle as estatuas dos homens eminentes, ou d'elles desentranha os baixos-relevos, onde os grupos secundarios lhe brotam debaixo do cinzel. Mantenho a comparação, e sirvo-me d'ella para dividir em duas classes o genero de que trato. N'uma o romancista apodera-se dos grandes personagens, estuda-lhes o caracter, perscruta-lhes as intenções, reconstrue-lhes a physionomia, e arroja-os depois audazmente á scena, que preparou adequada ao vulto que a vai occupar. Este é o processo da estatuaria; reproduz a epoca pelos seus vultos dominantes, e deixa agitar-se emtorno d'elles, mas no segundo plano, a multidão confusa, como as figuras accessorias que o capricho do artista dispersou pelas faces do pedestal.

Segue-se na outra o processo do baixo-relevo. Em vez de se reunir a epocha n'um vulto principal, estuda-se-lhe a sua multipla physionomia, e reproduz-se integralmente com a agitação dos personagens, com os seus variados aspectos; desce-se ao fundo da sociedade; adivinham-se as feições do vulgo ignorado, percorre-se com a lanterna do mineiro os ultimos degráos da escada, onde a chronica severa e grave deixou accumularem-se as sombras, porque reservava o clarão do seu facho para os degráos superiores. Mas, da mesma fórma que se reproduz o que a historia põe de banda, tambem se deixa á historia a sua presa preferida, não se ousa tocar n'esses grandes vultos, cuja sombra immensa

occultou os humildes; o sopro que animou as plantasinhas que fervilham no recanto mais escuro da floresta não ousou fazer correr a seiva da vida phantastica por baixo do cortex rugoso d'esses robles gigantes, o nigromante, que andou de valla em valla despertando os pequenos, não se atreveu a dizer a uma só d'essas estatuas colossaes, que dormem silenciosas e gelidas no seu leito de pedra, a frase vivificadora: *Surge et ambula!*

Tambem o romance historico póde reunir estas duas feições, tambem junto da estatua se póde aninhar o baixo relevo, tambem, se nos permittem que alteremos a comparação e appellemos para a pintura a fim de não abandonarmos o campo metaphorico, tambem na tela vastissima póde o pincel do artista derramar as grandes massas de luz e sombra, dispersar os personagens grandes e pequenos, reis e mendigos, sabios e ignorantes, tambem póde fazer resurgir uma geração com as suas summidades intellectuaes e politicas e os seus humildes e pobres, o general e o aventureiro, o pontifice e o cura, mas então a floresta mysteriosa revive no quadro expondo a intensa luz o roble e a planta rasteira; avulta o mar immenso do passado com as suas ondas bramidoras, e as verdes algas que vão semear o areial das praias; com as suas naus alterosas, de velas desfraldadas ao vento e alvejantes ao sol, e os seus barquinhos de pescador sulcando as aguas com o remo inflammado na phosphorescencia da ardentia; mas então o pincel do pintor, o escopro do estatuario são guiados pelo genio, mas então o romancista

chama-se Walter Scott, o romance chama-se *Quintino Durward*.

N'est pas Walter Scott qui veut diriam os francezes, e muito feliz se deve considerar o escriptor quando poder arrotear com proveito uma porção d'esse vasto campo, quando poder, com merecidos louvores, exercitar o cinzel n'um dos ramos d'essa esculptura litteraria. Ao snr. Arnaldo Gama coube, parece-me, o baixo-relevo, baixo-relevo um tanto rude, devemos confessal-o; o escopro do romancista portuense não desbasta o marmore talvez com grande finura, não rendilha a pedra, não faz correr em torno dos seus personagens um festão de flores suavemente recortadas, não lavra com uma perfeição de artista da Renascença a materia prima que desentranha das minas da historia; mas, pondo de parte esses defeitos de fórma, traça os personagens com um vigor e uma exactidão admiraveis, agrupa-os maravilhosamente, dá-lhes vida, e apresenta-nos, resurgida e fremente, a geração que julgava poder dormir para sempre na vasta crypta dos seculos, ouvindo apenas ao longe a sentença fria e implacavel da historia.

Sirva de prova para isso a *Ultima dona de S. Nicolau*, emquanto a mim, o romance mais primoroso do snr. Arnaldo Gama. Quem melhor do que elle soube reproduzir a physionomia animada do seculo XV? Onde se encontrará um quadro com mais luz do viver portuense d'essa era? Em parte nenhuma de certo; alli se revela o estudioso incansavel e o homem a quem Deus concedeu o magico poder de

transformar em rosas o oiro da erudição, de adivinhar, pelas tintas que encontra dispersas nas palhetas dos cartorios, o colorido dos quadros, e de os refazer sem que o traço prejudique a verdade da côr.

Mas no outro genero de romance historico parece-me que não é igualmente feliz. Já se deixava presentir essa falta de tendencia n'alguns capitulos do *Motim ha cem annos* onde os traços do retrato de Sebastião de Carvalho, ainda que visto d'escorço, não são dignos nem do original, nem do pintor, que n'esse mesmo livro traçou tantas scenas magistraes, mas a quem faltam, devemos confessal-o, as qualidades do retratista. *O Filho do Baldaia* veio confirmar o que tinhamos presentido.

A tentativa era audaciosa. Não foi simplesmente um grande vulto nacional que o snr. Arnaldo Gama quiz evocar do tumulo, foram dois grandes vultos estrangeiros, e quaes foram elles? Luiz XI de França, e Carlos o Temerario de Borgonha, os dois heróes do *Quintino Durward*, os dois retratos mais perfeitos da galeria historica de Walter Scott! Por muito grande pintor que se seja, não me parece rasoavel que se escolha para assumpto d'um quadro a *Transfiguração* ou o *Juizo final*. Muito audacioso será o pincel que não tremer, muito confiado em si mesmo será o artista que não receiar os perigos da comparação.

Mas, dir-me-hão, porque Walter Scott se lembrou de escolher Luiz XI e o seu rival borgonhez para protogonistas do seu maravilhoso livro devemos privar-nos de estudar um dos casos mais no-

taveis da historia portugueza, porque elle se prende com a epoca estudada pelo romancista da Escocia? E, adoptando o mesmo simile empregado antecedentemente, não têem reproduzido centenares de pintores a cabeça de Christo, apesar de essa cabeça divina apparecer no primeiro plano da tela da transfiguração? Desenhar de novo uma figura não é reproduzir um quadro.

Estou plenamente d'accordo, e julgo bem escolhida a epoca do romance pelo snr. Arnaldo Gama. Nunca percorri nas paginas de Ruy de Pina a ingenua historia da ida de D. Affonso V a França, das suas tentativas baldadas pela astucia de Luiz XI e pelas desventuras do duque de Borgonha, sem pensar que magnifico assumpto seria esse para um romance. Folguei immensamente vendo a mina aproveitada e explorada pelo snr. Arnaldo Gama, cujo talento e proficiencia conhecia e respeitava, porém nunca julgára que tanto de rosto se affoitasse o escriptor portuense a combater com o romancista escocez; imaginava que Luiz XI atravessaria rapidamente a scena, mas, se a sua presença e a sua intervenção constante no enredo fossem indispensaveis, pensava que o snr. Arnaldo Gama analysaria a physionomia régia debaixo d'outro ponto de vista. Luiz XI no *Quintino Durward* é a raposa caida em Peronne no laço do caçador, é o monarcha vencido e humilhado, que se salva a poder de astucia e de *bonhomia,* é o homem em frente do toiro furibundo, do toiro que sáe da jaula, vomitando fogo pelas ventas, escarvando o solo

com as patas, açoitando com a cauda os quadris e pondo a cabeça em riste; na epoca, em que se passa o *Filho do Baldaia* Luiz XI é o monarcha poderoso, que burla Affonso V, porque o seu velho systema é esse, não porque precise de o burlar, porque deseja tel-o na côrte como uma ameaça constante dirigida contra o seu esperto visinho Fernando d'Aragão, é o homem que já não teme o duque de Borgonha, vencido em Granson e em Morat; esta grande differença de circumstancias altera forçosamente a physionomia d'um vulto; o snr. Arnaldo Gama não attendeu a isso, pautou-se pelo Luiz XI do *Quintino Durward*, e a copia teve a pallidez do reflexo.

Walter Scott pinta a fingida *bonhomia*, a astucia *bertoldamente* burgueza do rei de França, mas dá-nos a perceber que por baixo d'aquella mascara está o vulto d'um grande homem. *Maître Pierre* esconde um rei que sabe apertar a corôa na fronte, que sabe empunhar o sceptro, e, estendendo-o pela França, curvar a cabeça dos altivos senhores feudaes. O astucioso homemsinho de chapéu com medalhas de chumbo é o valente cavalleiro de Montlhéry, o compadre de Tristão é um rei que a fundo conhece as questões de dignidade real.

Ora as finuras escaparam ao snr. Arnaldo Gama, as sombras leves, os relampagos que illuminam uma physionamia tudo isso poz de parte e o seu Luiz XI saio-lhe empastado, saio-lhe verdadeiramente um typo de merceeiro. Que elle affectou com D. Affonso V modos de bonacheirão, dil-o a historia e estava no caracter do homem, porém que fizesse

coisas que provocassem o despreso do seu irmão de Portugal, isso é que estava muito longe do caracter d'um rei que o sabia ser.

Evidentemente influio o typo traçado por Walter Scott no desenho feito pelo snr. Arnaldo Gama, e estou convencido que, apesar de o não citar uma vez só, teve os olhos mais fitos no *Quintino Durward* do poeta d'Abbotsford do que nas chronicas de Commines, Olivier de la Marche, e João de Troyes tantas vezes citadas. E por isto não se imagine que não presto justiça ao estudo de ferro do snr. Gama, em tudo quanto diz respeito a factos; vê-se que folheou conscienciosamente os livros apontados, e que se tornou tão senhor da historia franceza d'esse tempo como já o estava da nossa historia nacional do mesmo seculo; mas no que se refere aos caracteres dos dois grandes personagens historicos, é certo que não deu um passo sem consultar o seu glorioso antecessor, e tanto que o enredo se resente d'essa timidez. Luiz Baldaia, pela sympathia que merece ao rei de França, pela audacia com que atravessa os projectos reaes, lembra o caracter franco e generoso do joven guarda escocez Quintino Durward, Yolanda tem os seus longes de semelhança com a condessa de Croye, os amores dos dois moços seguem quasi os mesmos tramites, a protecção que o rei de França concede a esses dois apaixonados parece-se, pelas intenções, com a protecção final que o mesmo Luiz XI concede, no romance de Scott, a Quintino e a Isabel; as scenas do castello de Fruges tem grandes

parecenças com as do castello de Schonwaldt antes do assassinio do bispo de Liège.

Não se supponha que estou fazendo ao snr. Arnaldo Gama uma accusação vulgar de plagiario; os que a fazem com estas bases ignoram completamente como a execução diversa d'uma mesma idéa, os diversos incidentes que se interlaçam com ella tornam completamente dessemelhantes duas narrações partindo d'um mesmo ponto; mas quiz provar que o escriptor portuense se vio fatalmente obrigado a anteparar-se com o vulto do seu predecessor, a fim de responder aos que o accusassem, uma ou outra vez, de sacrificar o caracter historico d'algum dos seus personagens ás exigencias do enredo, com o exemplo do grande mestre.

Tudo isso o embaraçou, tudo isso o tirou do elemento onde á vontade vive. Talvez, se mais audacia tivesse, fosse tambem mais feliz. O vulto de Carlos de Borgonha, como atravessa com mais rapidez a scena, é, por isso mesmo, um desenho mais vigoroso; os vultos secundarios apresenta-os o snr. Arnaldo Gama com o seu talento habitual para essas figuras de baixo-relevo. Pero Rodrigues Bandarra, Pero Nagalho, Fernão d'Alvares Baldaia são figuras primorosamente desenhadas.

Nada mais tenho a dizer a respeito d'este romance, que, no resto, fica a par dos bons livros do snr. Gama; a mesma verdade de pormenores, o mesmo interesse dramatico das scenas, a mesma animação e movimento na descripção de batalhas, a mesma boa disposição de personagens. Em compensa-

ção frequentes incorrecções de linguagem, estylo um tanto compacto, principalmente nas narrativas feitas pelos personagens, e falta de fogo, de paixão no enredo. É na litteratura, mais do que em qualquer outra coisa, que todas as grandes qualidades são acompanhadas pelos defeitos que á sua exaggeração correspondem. É o que os francezes tão felizmente designam pela frase: *On a les défauts de ses qualités.*

II

REBELLO DA SILVA [1]

Eloquencia viva e apaixonada, colorido suave e mimoso com uns toques de claro-escuro, cujo segredo lhe pertence exclusivamente, suprema delicadeza nos traços, finissimos cambiantes que dão um relevo particular ás figuras que espalha pela tela innundada de luz, eis as qualidades principaes d'este romancista, que é ao mesmo tempo um dos poucos escriptores a quem Deus concedeu a bem-fadada magia do mais incantador estylo que tem servido aos narradores de namorados casos para reproduzirem as ternuras inebriantes da paixão, e os mimos do galanteio.

Oh! Deus! bem sei que, ao sairmos do gabi-

[1] Casa dos phantasmas, 2 vol.

nete de trabalho, escuro e pulverulento, mas atochado de erudição, do snr. Arnaldo Gama, respirâmos um ar menos historico, menos carregado dos miasmas das cryptas seculares no jardim ameno, onde a penna do snr. Rebello da Silva corre ligeira no papel, ao som do murmurio da agua, dos cantos dos passarinhos, entre os aromas das flores, e os sorrisos do sol. Bem sei que os romances historicos do snr. Rebello da Silva, se epopéa são tambem, são-n'o um pouco á moda dos poemas de Ariosto, onde a phantasia, viva e graciosa, volteia em mil caprichosos arabescos emtorno da idéa principal; bem sei que o pincel do romancista corre mais á superficie, e não vai ao fundo dos tumulos procurar escrupulosamente as tintas olvidadas pelos seculos; bem sei que o cinzel do esculptor fica satisfeito se encontra ao seu alcance marmore alvissimo de Carrara d'onde possa desentranhar as suas formosas estatuas, em quanto o escopro do snr. Arnaldo Gama procura com obstinação as lapides tumulares, onde se conservam, para assim dizermos, os moldes dos cadaveres das gerações extinctas.

Mas digâmol-o; a intuição não valerá ás vezes tanto como a observação minudenciosa? N'estas resurreições historicas, uma phantasia ardente, auxiliada por estudos fortes, não conseguirá reproduzir o aspecto geral d'uma epoca tão verdadeiramente como a reconstrue a erudição juntando traço a traço? E se perde por não ser tão completa e exacta, não ganha pelo effeito magico da perspectiva? O lapis do artista viajante que se aventura n'esses cam-

pos do passado não esboçará o edificio das velhas instituições com tanta verdade como o instrumento do topographo que lhe vai levantando a planta, que o vai medindo e reduzindo á escala? e isto principalmente, quando o auctor possue, como o snr. Rebello da Silva, o genio eminente do estatuario, e póde personalisar em quatro ou cinco vultos, de vigorosos contornos, a geração que se trata de revocar ao sol da vida?

Assim nos parece, e por tanto, prestando justiça ao methodo laborioso do snr. Arnaldo Gama, graças ao qual se reconstrue uma época da mesma forma que o celebre Cuvier reconstruio um mastodonte, não deixarei de admirar tambem o escriptor, que va, como Rebello da Silva, ao cume da montanha, que fite os seus olhos d'aguia na mortalha que encobre o passado, que a rasgue pela imaginação, que veja n'um relance o mundo que sob elle se agita, que grave a sua imagem no espelho da phantasia, e que a reproduza depois illuminada esplendidamente pelos fogos de mil côres do seu estylo deslumbrante.

Se ha entre nós quem saiba retratar primorosamente, cinzelar admiraveis estatuas n'estas largas telas do romance, n'este marmore litterario, é de certo o snr. Rebello da Silva; é possivel que o retrato se idealise um pouco, é possivel que as pregas das roupagens, compondo-se artisticamente, dêem ao vulto marmoreo maior donaire e graça do que o teria talvez o vulto original, mas essa tendencia para opulentar os modelos revela o grande artista, se não revela o photographo. Se a photographia existisse

no tempo de Raphael, Cesar Borgia enviaria á posteridade uma tão incantadora imagem do seu rosto feroz?

Tudo se compensa nas differentes maneiras que os grandes escriptores escolhem para tratar um mesmo assumpto. Seja-se escrupulosamente exacto na reproducção d'uma época, em tudo se procure pautar-se pelo molde antigo, linguagem, costumes, indole; não se faça dar a um personagem um passo sem que esse passo seja authorisado por um documento existente no masso numero tantos dos archivos de tal mosteiro; e estylo, paixão, tudo esfriará ao contacto constante d'esses cadaveres gelados. Por isso alguns escriptores dizem que Walter Scott poetisou demasiadamente a idade media; é porque elles esquecem que o historiador tem de se esconder por traz do romancista, que, se aquelle deve escrupulisar em reproduzir, o melhor que possa, a indole da era que estuda, este vê-se obrigado a agradar aos leitores actuaes, a interessar o gosto moderno, a actuar sobre espiritos sujeitos á influencia contemporanea. Esta necessidade reclama algumas concessões dos escrupulos do estudioso. A essas concessões devemos a parte brilhante do romance historico, o dialogo colorido, a frase apaixonada, a descripção mimosa, o typo sympathico. Se o vulto de Gomes Lourenço, no *Odio velho não cança*, não fosse, como P. Mérimée notou ao auctor, um typo demasiadamente scismador e delicado para o seculo rude em que vivia, encontrariamos n'esse romance o gosto que elle nos dá, leriamos com tanto prazer

essas paginas deliciosas, em que uns toques fugitivos do pincel dão suavissimo relevo ao contorno vigoroso do desenho?. Teriamos de sacrificar nos altares da escrupulosa exactidão historica essa formosa lenda do Castello queimado, lenda tão perfumada de poesia, tão resplendente de clarões phantasticos, tão povoada de vagas musicas dos espiritos do ar?

E, tomando agora corpo a corpo o grande livro de Rebello da Silva, não confessaremos que o seu D. João V dista um pouco do typo verdadeiro do fradesco monarcha, ainda mesmo quando estava na sua juventude, isento da influencia beata que lhe estupidificou a segunda parte da sua vida? Quem ousa accusal-o de ter idealisado um pouco o retrato do seu heróe, quando essa idealisação em nada se oppõe á historia; porque a historia não investiga o caracter do principe no tempo em que a sua vida e gestos nenhuma influencia tinham nos destinos do reino? Do que elle foi depois deduzimos que nunca poderia ter sido tal qual se nos pinta alli, e ainda assim é esse um ponto que depende da apreciação que se fizer do caracter do rei fidelissimo.

Depois de advertir os leitores d'esta ligeira tendencia do snr. Rebello da Silva para embellezar os seus heróes, nada mais temos a fazer na apreciação dos retratos da sua galeria, se não admiral-os. Figuras de quadro, na agitação das paixões, que vehemencia na expressão! que nobreza de movimentos! que verdade de colorido! estatuas, na immobilidade da descripção, que attitude esculptural! que ondulações de roupagens! que vigor de physiono-

mia! O cinzel do esculptor acaricia amorosamente essas castas filhas da sua imaginação; se é feminino o vulto, como o escopro, correndo pelo marmore voluptuoso, lhe alteia o seio pudibundo, lhe desenha a curva graciosa da boca, lhe avulta as faces melindrosas, lhe ondeia as tranças, lhe ageita as roupas, lhe traça ao de leve o fugitivo pé; com que esmero lhe abre nos labios o sorriso, e no sorriso lhe encerra poemas d'indizivel ternura; como lhe poisa bem o vulto na pensativa attitude, como lhe rasga a fronte candida, e lh'a povôa dos mysteriosos hieroglyphos, por onde se adivinha o horoscopo feliz ou fatal d'essa creatura suave.

Escrevendo este periodo pensava, e pensavam tambem os leitores, no formoso retrato da Cecilia da *Mocidade*. Alguem o tem accusado de prolixo, e tem citado bastante a desproposito a invectiva de Boileau contra as descripções.

Ce ne sont que festons, ce ne sont qu'astragales

.....

Et je me sauve à peine à travers le jardin.

Os versos de Boileau applicam-se á descripção d'edificios, e só a esses são applicaveis. O scenario forma a parte secundaria do drama, os actores formam a principal. Que eu abranja de relance o sitio onde se vão passar as scenas a que tenho de assistir, e estou plenamente satisfeito; mas os personagens desejo vêl-os, desejo conhecel-os intimamente, desejo travar com elles as mais apertadas rela-

ções. Diante d'uma estatua de Praxiteles, Phidias, Miguel Angelo, Canova, ou Thorwaldsen quem não deseja passar longas horas em muda contemplação? E durante essas longas horas o que fazemos? Contamos a nós mesmos as impressões que ella nos está produzindo; analysamol-a no foro intimo, admiramos a posição voluptuosa de Venus, cujas fórmas núas fremem no marmore secular beijado pelo sol da Grecia; seguimos a vigorosa concentração do pensamento na fronte vasta do legislador hebreu; punge-nos a dor de Niobe que se estorce na immobilidade atroz, a que o esculptor a condemna; sentimos como que retrahir-se, debaixo dos nossos dedos que lhe palpam as marmoreas carnes, a púdica Psyche. Ora este contemplador, que a si mesmo narra as proprias impressões, desdobra-se em duas pessoas no romance, o escriptor, que vê dentro de si, na sua phantasia, o vulto a que deu vida, o leitor que segue com o pensamento as impressões que a sonhada imagem produzio no espirito d'aquelle. E ousam aconselhar-lhe a concisão quando lhe trasbordam as idêas, quando amaldiçoa a linguagem humana por n'ella não encontrar teclas bastante harmoniosas que suspirem um echo das musicas, em que se desentranha lá dentro essa nova estatua de Memnon, beijada pelo sol da imaginação?

Não digo que Rebello da Silva se não compraz em espraiar as tintas, em multiplicar os accidentes de luz, em florear com mil variações melodiosissimas o gracioso thema que a si mesmo se propoz. Rebello da Silva conhece os infinitos recursos do

seu estylo, e aproveita-os; opulento e prodigo, arroja ás mãos cheias sobre os leitores enlevados as flores que em vastas abadas colhe nos jardins viçosos do idioma portuguez; a penna, que não precisa de apurar o traço, porque logo no primeiro rasgo lhe sáe com a ondeada curva, com a finura e a elegancia conveniente, deixa-se correr á vontade, volteia em espiraes, enlaça umas nas outras as volutas e os festões, que se succedem, que se prendem, que se entretecem, que se encadeiam, sem que a penna um instante se levante do papel, como esses rendilhados que o habil calligrapho vai descrevendo com a pluma obediente ao longo das margens da folha, rendilhados que, operando as evoluções mais diversas e caprichosas, não deixam nunca de formar, apesar d'esses meandros em que a phantasia do desenhador os deixa perder-se, uma unica linha, cuja curva serpeante a vista segue com enlevo.

Sigam tambem a penna de Rebello da Silva nos seus vagos giros, verão que o romancista não quer senão incutir bem no espirito dos leitores a visão que lá dentro lhe esplende na phantasia, visão que elle namora, visão que elle segue no extasi, como os escriptores mysticos seguiam nos seus ineffaveis arrobamentos o vago espectro que os abrazava no fogo d'uma santa voluptuosidade.

Outros escriptores accentuariam com um ou dois traços a physionomia d'esse vulto, e rapidamente o fariam visivel aos leitores, como o chymico habil, com uma ou duas gotas d'um licor precioso, faz resurgir na face alvissima do papel os caracteres

que foram n'elle traçados com uma tinta mysteriosa: Rebello prefere seguir com o lapis as letras apagadas, que elle só distingue. Uns como Victor Hugo deixam em cada periodo nervoso estampada uma idêa, outros, como Lamartine, alongam scientemente o periodo, e conservam os leitores suspensos, longo tempo, dos seus labios de mel. Aquelles, como Tacito gravam, estes como Tito Livio floreiam. Mas o que é defeito na historia, é apenas no romance o excesso d'uma qualidade.

Rebello da Silva é da escola de Lamartine e de Tito Livio. Por isso a sua eloquencia tão amavel no romance, transforma-se na historia n'uma tal ou qual redundancia que é, emquanto a mim, a macula dos capitulos aliás tão bem escriptos da sua *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII.*

Vimos o escriptor desentranhar do marmore o vulto formoso de Cecilia, podiamos seguil-o tambem na creação d'esses vultos admiraveis do padre Ventura, de Jeronymo Guerreiro, de Diogo de Mendonça, de Filippe da Gama, de fr. João dos Remedios. Que formosa e ampla galeria! Notámos na descripção d'esses typos soberbos a tendencia de Rebello da Silva para o desenvolvimento completo da idêa, para a percepção e reproducção das mais ligeiras *nuances.* Eis-aqui, parece-me, a origem a um tempo das suas brilhantes qualidades e dos seus defeitos. Todos os cambiantes da paixão elle os exprime nos seus dialogos d amor, os refolhos mais occultos do coração feminino são perscrutados nas suas palestras entre amigas, as finuras mais subtis da diplo-

macia são empregadas nas conversações dos seus estadistas e dos seus frades de Jesus. Imagine-se este especial talento auxiliado pela mais harmoniosa linguagem, pelo mais colorido estylo, e podem já suppor com que deleite se saboreiam esses formosos capitulos, como na *Mocidade* se lê e se relê com intimo gosto a scena admiravel de Diogo de Mendonça e do padre jesuita, a scena deliciosa das tres meninas conversando no mirante sobre casos de consciencia amorosa, a scena apaixonada de Cecilia e do principe, a delicada conversação de Jeronymo e de Thereza! Transportem-se comtudo para o theatro scenas taes, e veremos com espanto as platéas tranquillas em presença de movimentos oratorios, que, na solidão do gabinete, nos arrancavam gritos d'enthusiasmo.

É porque o espectador, no theatro, não tem, como o leitor no romance, tempo de estar apreciando minuciosamente as diversas faces d'um pensamento, quer que lhe escolham a mais esplendida, e que lh'a exponham com rapidez e energia. A finura d'observação, o primor do desenho, a correcção da copia, tudo isso passa despercebido no theatro, em cuja atmosphera febril não podem viver essas flores melindrosas d'um talento finissimo.

Vejâmos ainda da mesma causa derivarem-se novos effeitos. Quando descreve um bello vulto, Rebello, como já dissemos, vai-se comprazendo em lhe altear o pedestal, até que emfim a estatua chega a topetar os céus com a fronte. Tal é Cecilia, por exemplo, esse vulto melancholico e diaphano que se

divinisava á medida que o pincel do artista o ia enriquecendo com um novo diamante de poesia. Aqui nada ha que censurar. Que a heroina do romance seja uma nova Beatriz Portinari, um vulto de anjo exilado, tanto melhor! d'isso me não queixo. Figuras assim são as que ficam para sempre gravadas na phantasia das gerações, são aquellas a que os poetas deram uns nomes d'oiro: Julieta, Desdèmona, Laura, Ophelia, Haydé. Mas o que é uma consequencia fatal d'esse mesmo principio da profusão nos traços e nas tintas é o exaggero da parte comica. O snr. Rebello da Silva apresenta um divertido typo em Thomé das Chagas, em Bernardo Pires, em Domingos José Chaves, trava estes bons homens nas mais comicas pendencias, com a sua a um tempo feliz e fatal facilidade; os periodos arredondam-se, e insensivelmente vão chovendo os traços no vulto já desenhado por mão de mestre; o leitor segue-o com gosto, porque é uma opulenta e original phantasia a phantasia do snr. Rebello da Silva, mas a final quando se repara no caminho percorrido, quando se reflecte no que ficou sendo o comico typo, que servio d'assumpto ás variações, encontramos o desenho transformado completamente n'uma caricatura.

Todos estes defeitos e boas qualidades brotam do mesmo tronco, alimentam-se com a mesma seiva, da mesma fórma que o parasita se enrosca á flor, legitima filha da arvore, sugada tambem pela atra vida estranha. Mas o parasita impede que a arvore se erga rainha da floresta entre as suas irmãs? Pelo

contrario confirma-lhe a soberania. Só aos opulentos se rouba; a arvore, emtorno da qual se enlaçam maior numero de parasitas, é o roble, esse gigante da creação. Assim os defeitos que apontei só podem pertencer a um vulto notavel, porque todos elles provêm necessariamente d'uma culpa feliz, a exuberancia, a exuberancia do talento, da vida, da phantasia, da animação.

Vejo que me fui deixando arrastar pelo tentador pensamento de analysar o genio do snr. Rebello da Silva na sua melhor obra, e só me agora lembra que é destinado este artigo a tratar especialmente do ultimo romance publicado pelo distincto escriptor: *A Casa dos phantasmas.*

Tendo procurado comtudo analysar minuciosamente o genio e as tendencias de Rebello da Silva, basta que applique a theoria geral estabelecida ao caso particular que é agora sujeito. Um dos grandes triumphos de Rebello da Silva é o estylo; o estylo da *Casa dos phantasmas* é muito agradavel ainda que tenha menos fogo do que o da *Mocidade* e do *Odio velho.* Ninguem como elle sabe em Portugal vazar nos moldes fornecidos pela historia o bronze liquido que hade animar os vultos chamados a figurarem no romance. Os retratos historicos da *Casa dos phantasmas* são perfeitos, e o vulto guerreiro de Junot, o intrepido *sabreur* napoleonico, estampa-se bem na tela. Pena tenho que talvez algumas razões de conveniencias não permittissem ao escriptor esboçar outras figuras do tempo; o conde da Ega mesmo está desenhado com tal ou qual

*

timidez, pouco vulgar nos formosos quadros de Rebello da Silva. A epoca é ainda muito recente para que o romance historico, juiz mais implacavel do que a propria historia, possa estampar na fronte dos homens d'essa geração o estygma que muitos d'elles merecem.

O dialogo costuma ser nos romances de Rebello da Silva animado, mas pouco incisivo; costuma diluir-se um pouco. D'ahi provém a belleza da scena entre os dois officiaes francezes e os conjurados portuguezes. A elegancia na conversação entre adversarios que têem a mão no punho da espada, e que protrahem a palestra com a presença d'espirito de quem se corteja n'uma sala, incanta os leitores. Voltemos a medalha, e vejâmos o reverso; as primeiras scenas do romance deveriam ser mais rapidas; assim como estão, fatigam um pouco. Sente-se n'ellas a redundancia no comico, que já prejudicára levemente algumas scenas da *Mocidade*. O espião estafermo é uma d'estas caricaturas, a que Rebello da Silva é em demasia affeiçoado.

Prima nas descripções o snr. Rebello da Silva, e n'ellas se compraz; quando o pincel se lhe embebe em tintas opulentas, quando o quadro merece um colorido ardente, a descripção é soberba. Temos n'este romance para exemplo d'isso a batalha do Vimieiro, quadro bellico digno das telas mais inspiradas de Gérard ou de Vernet. Ás vezes tambem não merece o modêlo as honras que se lhe concedem, e a descripção n'esse caso torna-se uma excrescencia dispensavel. Temos ainda para exemplo as descrip-

ções do principio do romance, que é incontestavelmente a parte mais frouxa de todo elle.

Em conclusão a *Casa dos phantasmas*, sem ser uma obra da importancia da *Mocidade de D. João V*, sem ser um episodio tão acabado como o *Odio velho não cança*, é ainda assim um formoso livro, e mostra que o snr. Rebello da Silva conserva o posto elevadissimo, que lhe cabe na lista dos nossos romancistas historicos.

III

CAMILLO CASTELLO-BRANCO [1]

FATIGADO da sua longa excursão atravez das torpezas e dos ridiculos da sociedade contemporanea, cançado de photographar os quadros comicos ou dramaticos do viver actual, Camillo Castello-Branco, ha muito estudioso e amante da nossa velha historia e da nossa antiga litteratura, entendeu que não devia servir-se unicamente d'essas pristinas fontes para n'ellas retemperar a vernaculidade da sua linguagem, mas que as devia tambem aproveitar como reportorio copioso de magnificos entrechos, de telas vastissimas onde podia bordar e entretecer em matiz os dourados fios da sua palavra imaginosa, da sua eloquencia de narrador.

O chronista ironico da vida e gestos dos nossos

[1] O Santo da montanha, 1 vol.

contemporaneos e compatriotas, o Balzac da limitada comedia humana que se agita n'este pequeno palco do Occidente da Europa, lustrou as sendas, para elle novas, do romance historico, e foi hastear o seu pendão de triumphador na corôa ameiada d'esses baluartes, onde procura esconder-se das vistas do presente o viver intimo das gerações extinctas.

Podemos dizer que foi a *Sereia* o primeiro passo dado pelo fertil romancista n'esse terreno por elle inexplorado? Sim e não. A *Sereia* tem já por assumpto drama cujo scenario é o Portugal do seculo XVIII. São já contemporaneos dos nossos avós os personagens, cujas paixões e infortunios o romancista illumina com a magica luz do seu estylo. Comtudo parece estar longe do pensamento do author a evocação da epoca. O drama desenrola-se a um canto de Portugal, bem longe da influencia das ideias e dos costumes de um tempo differente do nosso. As peripecias de uma paixão infeliz são identicas sempre, mau grado ás transformações da humanidade. Para o coração é indifferente o lento correr dos seculos. Os suspiros de Ignez de Castro não alteraram a sua modulação plangente, porque o sopro de quinhentas primaveras renovou quinhentas vezes a folhagem do arvoredo, onde a brisa do Mondego ciciava brandamente o doce nome de Pedro.

Depois da *Sereia*, apresentaram-se os dous volumes do *Judeu* com a intenção confessada de constituirem um romance historico. Parece-me que tal não constituiam. Como sempre, o estylo pompeiava

as mais opulentas galas, a narração captivava os leitores, mas o seculo XVIII não resurgia do tumulo, nem as figuras historicas estampavam o seu vulto bem pronunciado no fundo liso da tela. As feições do heroe do livro, do proprio Antonio José, nem por sombras accusavam uma individualidade caracteristica. Não chegava mesmo a haver desenho. Da monotona galeria de personagens vulgares não destacava um typo que se nos encravasse na memoria. O pseudo-romance historico cifrava-se apenas na formosa narrativa d'esse dramatico episodio, alindado pela imaginação do escriptor, mas que não fôra de modo algum levantado á altura do palco sublime, onde os personagens se agitam, e onde o leitor julga vêr as scenas succederem-se umas ás outras, como se se desenrolassem no tablado de um verdadeiro theatro.

O *Olho de vidro* seguiu-se ao *Judeu*, sem denunciar progresso, antes mostrando ser o producto d'essas horas de fadiga, que um escriptor, tão immensamente laborioso como tem sido Camillo Castello Branco, ha-de sentir por força cortarem-lhe de quando em quando a longa serie das suas horas triumphaes.

Monographia de um homem, cuja vida agitada daria para um romance de interessantissimas peripecias, o *Olho de vidro* contém paginas admiraveis; mas o seu entrecho caminha aos solavancos, e raras vezes se demora no esboço de scenas que devéras captivem o espirito do leitor.

A Camillo Castello Branco, o provadissimo ta-

lento que tantos laureis tem conquistado, póde um dos seus mais convictos admiradores fazer estas observações. O verdadeiro genio não se offende por lhe notarem algumas intermittencias de esplendor, como o sol não queima os astronomos porque lhe descobriram as manchas. O sol e o genio sabem que podem resgatar com torrentes de luz as sombras leves que lhe desfeiam aqui ou além a sua corôa fulgida.

Está a prova d'isso mesmo no *Santo da montanha*. Aos que temiam ver no *Olho de vidro* um presagio de decadencia, respondeu o talentoso romancista elevando-se, com um simples bater d'aza, aos pincaros mais altivos a que o seu genio tem até agora ascendido.

O estylo descolorira-se um pouco? resplandeceu com brilho mais intenso no *Santo da montanha;* humedecera as pennas ao de leve nos tremedaes rasteiros do prosaismo, a que a leitura do *Portugal medico* forçosamente o condemnára? no *Santo da montanha* perfumou-se de novo com todas as fragrancias da poesia purissima, essa flor das cumiadas, que viça e rescende entre o alvor immaculado das neves, e o limpido crystal dos arroios montesinos.

As figuras desenhadas mal entremostravam os seus apagados contornos por entre as brumas d'esse que parecia crepusculo da gloria do romancista? No *Santo da montanha* como que reponta o sol no viso dos fraguedos, e illumina em cheio vultos, cujas linhas vigorosamente se estampam na tela radiante do horisonte.

Affrouxara um pouco a «veia comica», essa feição tão peculiar e tão caracteristica do talento de Camillo, o seu humor satyrico parecera levemente embotar-se, e assetear, sem fixar bem a pontaria, o vulto indistincto do prégador dos autos inquisitoriaes? No *Santo da montanha* scintilla de novo o chiste agudissimo da veia implacavel do romancista, o picaresco lapis do author da *Queda d'um anjo* accrescenta á sua galeria comica a figura admiravel do toureador e culinario fidalgo D. José, e o sal portuguez é lançado ás mãos cheias na vivissima descripção das festas allegorico-religiosas de Braga.

Finalmente fatigara-se o leitor com o abuso da narrativa, que assemelhára os romances ás antigas chronicas? Apparecem-nos de novo no *Santo da montanha* os quadros, as scenas interessantes, os dialogos vivos, as peripecias bem traçadas, que desenrolam diante dos olhos do leitor episodios que a sua phantasia póde facilmente reconstruir.

O *Santo da montanha* é como que uma resurreição, e, da mesma forma que todas as resurreições, teve um prologo tenebroso, uma incubação preliminar, uma elaboração mysteriosa durante a qual o publico via apenas a chrysalida onde estava germinando a borboleta. Na sua passagem do romance contemporaneo para o romance historico, o escriptor notavel de quem tratamos hesitou, balbuciou, tacteou antes que podesse transplantar bem de vez a sua vigorosa individualidade para esse terreno uberrimo sim, mas desconhecido, antes que podesse desatar-se nos fructos e flores de que habitualmente

se avergava essa fecundissima e magnifica arvore do nosso vergel litterario.

A transformação completou-se, operou-se a transplantação. O *Santo da montanha* indica-nos claramente qual é o caminho que deve ser seguido por Camillo Castello Branco atravez da vegetação luxuriante d'essa floresta do passado, por entre a qual o romance historico abre as suas luminosas sendas.

A faculdade, que no espirito de Camillo Castello Branco sobreleva a todas as outras, é decididamente a da observação. A imaginação vem depois. Camillo reproduz admiravelmente o que vê, mas não adivinha com identica facilidade. Demais, está habituado ao trabalho rapido e sem preparativos, trabalho em que a penna, correndo pelo papel, vai reproduzindo os modêlos que lhe pullulam em torno, sem precisar de estar sujeito a um plano concebido anteriormente. A reproducção de uma geração extincta com todo o seu tumultuar vertiginoso de typos differentes dos nossos, de diversas instituições, de costumes estranhos aos actuaes, não se póde por fórma alguma casar com esse genero de trabalho. A phantasia do escriptor vê-se obrigada a assemelhar-se então á camara escura do paizagista. Nas trevas em que se abriga este instrumento optico, vem a paizagem exterior insinuar-se, enfeixar-se e reproduzir a sua miniatura no vidro preparado a recebel-a. A imaginação do romancista deve tambem abrigar-se da luz do presente para que o immenso quadro do passado venha conglobar-se, como a paizagem, no vidro da phantasia. E' então que a penna, seguin-

do traço a traço a miniatura produzida por um energico esforço de vontade, desenha com fidelidade os vultos que tumultuavam confusamente n'esse panorama, que os seculos apagaram.

Debaixo d'este ponto de vista o romance historico estava defezo a Camillo Castello Branco. A sua penna é muito impaciente, a sua imaginação não tem a força necessaria para completar este trabalho preparatorio. O «Judeu» e o «Olho de vidro», escriptos ao correr da penna, deviam demonstrar exuberantemente ao seu author, que de certo lhes reconheceu os defeitos, a distancia enorme que separa o romance historico do romance contemporaneo.

Mas, em vez de tentar essa obra gigante, separe do immenso panorama um quadro especial, concentre n'um episodio que nada tenha que ver com o movimento geral a luz do seu engenho, estude com amor um grupo de typos cujos modelos ainda hoje subsistem com leves alterações, porque se os seculos modificam profundamente as relações do homem com a humanidade, poucas variações introduzem nas relações do homem com o homem; applique a essa pequena collecção de typos os seus notaveis dotes de observação, analyse as paixões que os agitam com as suas eminentes faculdades philosophicas, os seus infortunios, narre-os com esse magico estylo de lagrimas que Deus lhe concedeu, ponha em relevo os seus ridiculos usando de uma outra face do seu multiplo talento, procure na palheta riquissima, que a sua vasta erudição lhe

proporciona, as tintas proprias com que ha-de colorir a linguagem dos heroes e os accessorios do quadro, e em vez de uma obra prima, como o «Santo da montanha», terá feito tantos primores n'esse genero do romance historico quantos são os que o romance contemporaneo lhe deve.

E não supponham por isso que eu não julgue capaz das mais completas tranformações, das mais inesperadas metamorphoses o talento vigoroso de Camillo Castello Branco. Escriptor que sabe passar das facecias burlescas do Bazilio Fernandes Enxertado para o sentimento elevado e commovente que perfuma de fragrancias tão puras as paginas da «Sereia» póde, sem que tenhamos direito de nos espantar, percorrer todas as notas da escala magica da arte. Mas aqui não ha impossibilidade manifesta de vocação, ha incompatibilidade absoluta entre a rapidez do trabalho, que está sendo um habito arraigado em Camillo Castello Branco, e a longa elaboração mysteriosa do pensamento indispensavel á perfeição do romance historico, tal como Walter Scott o deixou por modelo aos seus innumeraveis imitadores. E tanto isto é assim, que o proprio romancista escocez, quando um negocio de honra o poz em face de uma divida enorme, que se viu obrigado a pagar com a sua penna [1] deixou de escrever obras primas como o «Waverley», «Ivanhoé»,

[1] A fallencia do seu editor, fallencia cuja responsabilidade judicial não cabia ao illustre romancista, mas que elle, por um generoso ponto de honra, entendeu dever assumir perante os credores.

«Quintino Durward» ou «Rob Roy», e entrou na segunda phase do seu talento, phase ainda esplendida, mas muitissimo inferior á primeira.

De um momento para o outro affrouxára o genio do bardo de Abbotsford? Não; mas a perfeição do trabalho diminuiu proporcionalmente ao augmento de rapidez.

Camillo Castello Branco ha-de primar sempre nos romances de observação, de analyse, de paixão, quer elles se passem na actualidade, quer se desenrolem nas epochas anteriores. Por isso podemos dizer que o «Santo da montanha» é mais um diamante que se vem juntar á grinalda de maravilhas, com que o grande escriptor tem opulentado a nossa litteratura.

A NARRATIVA HISTORICA EM PORTUGAL

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO [1]

HAVERÁ poucos paizes que tenham como o nosso uma historia tão abundante em pittorescos episodios, haverá tambem poucos paizes cuja historia seja tão completamente desconhecida não só pelo vulgo mas tambem pela classe illustrada, pela classe que devora os livros estrangeiros, que conhece a fundo os mais pequenos mysterios da côrte de Luiz XIV, que é capaz de historiar, sem a mais leve hesitação, as intrigas e os combates da «Fronde», as aventuras amorosas da côrte de Luiz XV, as tentativas de restauração dos Stuarts, os episodios da revolução ingleza, as pequenas anecdotas da vida de Cromwell, a chronica escandalosa de Trianon, e as peripecias sanguinolentas do regimen terrorista des-

[1] Lucta de gigantes, 1 vol.

de o morticinio dos presos nos terriveis dias 2 e 3 de setembro, até á bemaventurada reacção de nove de thermidor.

Pois esta mesma classe illustrada, que se delicia com a leitura da historia das nações estrangeiras, ignora completamente a historia da sua patria. E servindo-me do adverbio «completamente» não quiz fazer uma hyperbole ou arredondar o periodo; empreguei-o na sua mais ampla significação. Bem sei que não se ignora em geral que fomos nós que descobrimos o Brazil, um novo caminho para a India, e a costa oriental e occidental da Africa. Ha até bastantes pessoas que estão ao facto dos nomes dos nossos principaes batalhadores, e que podem facilmente fazer um discurso, onde sejam pronunciados pomposamente os nomes de Duarte Pacheco e d'Affonso de Albuquerque. Mas convençamo-nos d'isso, a nossa historia entre nós mesmos é conhecida apenas pelas amplificações rhetoricas de meia duzia de chronistas, alindadas e remoçadas no nosso seculo por alguns escriptores notaveis, que prostrando-se n'uma adoração idolatra perante os fetiches da nossa litteratura historica, entenderam que deviam simplesmente repintar as velhas fachadas do pomposo templo erigido á nossa gloria pelos antigos narradores com duas ou tres camadas das tintas mais brilhantes que se encontram na palheta romantica, sem ousarem demolir as columnas e os porticos, derrubar os altares, reduzir os idolos á sua estatura vulgar, e procurar finalmente no meio das declamações que transformam cada um dos nossos an-

tepassados n'um semi-deus, a *verdade verdadeira*, a verdade humana, a simples e prosaica verdade.

Ora a nossa historia, não mettendo em linha de conta os admiraveis livros do snr. Alexandre Herculano, tem sido apenas até hoje, como dissemos, uma amplificação rhetorica. Estamos costumados a vêr nas gerações que nos precederam umas collecções de vultos á parte, de gigantes que nada teem de humano, de heroes que passaram a sua vida a dar cutiladas, e que não sabiam combater bem senão na proporção d'um contra duzentos. Quando os vultos da historia assumem estas proporções fabulosas, não é possivel distinguil-os entre si, nem mesmo formar d'elles uma idéa muito exacta. Os chronistas, que antes desejavam encher as suas paginas de retumbantes declamações do que transmittir ás gerações futuras uma noticia singela dos grandes acontecimentos que presenciavam, erguiam-n'os n'um mesmo pedestal, e mostravam-nos, envoltos n'uma nuvem, como os deuses d'Homero, os grandes generaes e os soldados valentões, os politicos eminentes e os fanaticos *defensores da religião*. D. João II e D. Manoel, Affonso d'Albuquerque e D. João de Castro, D. Francisco d'Almeida e Lopo Barriga teem nos nossos chronistas direito egual ás phrases mais sonoras. e ás figuras rhetoricas de maior lote. É necessario estudar os factos na sua crueza para se comprehender que D. João II era um dos homens mais notaveis do seu seculo, D. Manoel um dos principes mais inhabeis da christandade, que se deixava dominar pela camarilha que o rodeiava, que

sacrificou uma população inteira aos devotos caprichos da filha dos reis catholicos, que nunca foi capaz de perceber um só dos grandes planos concebidos pelos grandes homens que lhe arrojavam aos pés a India, que não fez senão suscitar-lhes obstaculos, e que no fim da sua vida cahiu no ridiculo *d'empalmar* a seu proprio filho a noiva que lhe estava destinada! É necessario, repito, estudar os factos, despindo-os da phraseologia declamatoria dos nossos historiadores para se comprehender que Affonso d'Albuquerque era um d'estes vultos que apparecem de seculos a seculos, uma d'estas aguias que empolgam o mundo nas suas garras, quando encontram livre o ambiente como o encontraram Napoleão ou Cesar, mas que morrem de desalento e de fadiga quando, ao quererem desferir o vôo, sentem o dente d'um monarcha timido e desconfiado a roer-lhes as possantes azas.

E comtudo estamos costumados a dizer indifferentemente: Duarte Pacheco ou Affonso de Albuquerque. Oh! meu Deus; eu não estou aqui desfazendo reputações confirmadas pela homenagem unanime dos seculos, mas desejo que se escreva a historia como ella se deve escrever, e que se ponha cada vulto no lugar que lhe compete. É necessario que se perceba que a nossa conquista das Indias não foi um cerco de Troya, e que não se tratou simplesmente de dar valentes cutiladas. Os nossos antepassados não eram heroes fabulosos, eram homens como nós, e é necessario que estudemos aquellas campanhas, como estudamos por exemplo as campanhas do pri-

meiro imperio francez. Não basta dizermos Duarte Pacheco, oh! Affonso de Albuquerque, oh! Não se imagine que a historia portugueza se resume em pontos de admiração. Duarte Pacheco era um heroe, tudo quanto quizerem, mas estava longe de ser um grande homem!

Era o Murat, era o Lannes, era o Ney das nossas campanhas da India, mas pôrem-no a par de Albuquerque equivale a pôrem qualquer d'estes generaes a par de Napoleão. Affonso de Albuquerque era um genio; á sombra das palmeiras da India a sua vasta imaginação devaneou o sonho gigante de um imperio oriental, sonho que illuminou a mente de todos os grandes conquistadores desde Alexandre até Bonaparte. E, logo que concebeu esse magnifico plano, não hesitou um instante, caminhou com passo firme para a sua execução. Relanceou o seu olhar de aguia pelo mappa da Asia, abrangeu com a vista os tres pontos principaes que lhe deviam servir de base, Malaca na Aurea Chersoneso, Goa no centro do Malabar, Ormuz ás portas do golpho Persico, e correu com as suas esquadras infatigaveis de uma a outra extremidade do mar da India para arvorar a bandeira das quinas em cada uma d'essas tres cidades. Severo disciplinador dos seus soldados, implacavel inimigo dos mahometanos, foi brando e justo com os indigenas. Assim o exigia a sua politica, porque elle bem conhecia a tendencia dos rajahs indianos para serem protegidos, e não queria tambem commetter o erro que os inglezes depois commetteram e que lhes deu em resulta-

do a revolta de 1857. Todos os grandes planos sorriam á sua potente phantasia; foi elle o primeiro que concebeu a idéa de desviar o Nilo do seu alveo, e de empobrecer o Egypto, privando-o da sua espuma fertilisadora, que viria, opulentando a Abyssinia, lançar no mar Vermelho as suas aguas, em vez de as arrojar ao Mediterraneo. Ah! era um gigante aquelle! A mania de admirarmos os nossos antepassados por empreitada, se levanta alguns a alturas descommunaes, torna-nos bem injustos para com outros!

Estou longe, segundo vêem, da «Lucta de gigantes», mas, mostrando o modo como é costume em Portugal estudar-se a nossa historia, parece-me que fiz comprehender melhor aos leitores a importancia e o valor d'esse formoso livro de Camillo Castello Branco. Sem fio conductor no labyrintho das chronicas, é difficil descortinarem-se as proporções verdadeiras dos vultos do nosso passado, e as paixões que agitaram as gerações que nos precederam. Falta-nos um grande elemento para conhecer, como já dissemos, a verdade humana; esse elemento, que abunda em França, é o que as memorias proporcionam. Essas narrativas, muitas vezes de senhora visinha, mas em que se respira a peito largo o ambiente da epocha em que foram escriptas, utilissimas ao historiador perspicaz ainda quando se vê que foram dictadas pelas paixões violentas, essas narrativas esclarecem-nos mais sobre a historia das gerações extinctas do que trezentos volumes de chronicas academicas e impertigadas. Mas os nossos ante-

passados tiveram pouca tendencia para esse genero de litteratura. Camillo Castello Branco não trepidou perante esta difficuldade, e costumado, pelo uso prodigioso que tem feito do seu grande talento analytico, ao estudo das paixões humanas, descortinou perfeitamente os seus effeitos no meio da phraseologia official dos historiadores dos primeiros annos da dynastia de Bragança; seguiu com persistencia e notavel habilidade o fio de uma intriga dispersa por um labyrintho de alfarrabios, e com a prestigiosa magia do seu estylo contou aos leitores da «Lucta de gigantes» a historia da rivalidade de duas casas fidalgas portuguezas, e com esta simples narração fez-nos entrar na intimidade da côrte de D. João IV e Affonso VI tão completamente, como se houvesse n'essas côrtes um duque de St. Simon, cuja penna implacavel transmittisse á posteridade a narrativa dos odios aristocraticos, e das intrigas monasticas.

É incontestavelmente um formoso livro este que foi publicado nos folhetins do *Commercio do Porto*, é uma das obras mais notaveis de Camillo Castello Branco, é um magnifico estudo historico, que dá principio a um genero quasi novo entre nós, que mostra os grandes recursos que encontra na historia portugueza quem souber estudal-a, como em toda a parte se estuda a historia no seculo actual. Demais a mais as qualidades requeridas por este genero são exactamente as que formam a porção mais bella do talento de Camillo Castello Branco, e as que lhe faltam são exactamente as que este genero dispensa. O narrador acha-se completamente desconstrangido,

não tem laços que o prendam, não tem exigencias de romance a que attender. Por isso como a penna lhe corre ligeira na téla da narrativa! que finura de traços! que elegancia de desenho! que formosos arabescos de phraseologia! que amavel fluencia de estylo! Sente-se o escriptor no seu terreno; conta! E quem ha ahi em Portugal que saiba contar como Camillo Castello Branco? Haverá muitos na Europa que rivalisem com elle? Haverá muitos que saibam suspender o leitor dos bicos da penna, e fazel-o seguir, sem as excitações das grandes peripecias e das grandes paixões, a narrativa despretenciosa em todos os meandros por onde lhe apraz divagar? Ah! é tão difficil esta arte de contar bem, de conversar com o leitor, de lhe captivar a attenção apenas com a justeza do pensamento, com o mimo do estylo, com a verdade da observação, com a phrase elegante realçada por um fino sorriso, é tão difficil e vai estando tão olvidada desde que os leitores pedem aos romancistas aventuras maravilhosas e absurdas, machinismos complicados, mysterios de taverna, e commoções de prostibulo, que saboreamos sempre com delicias um livro tão bem narrado, como é a «Lucta de gigantes» e desejâmos que o seu author não saiha nunca d'esse terreno, em que, prendendo a attenção dos leitores, vai ao mesmo tempo trazendo á luz do dia, do fundo dos golphãos do nosso passado, as pérolas que por lá existem, e fazendo reviver os nossos avoengos, taes como eram, com a sua propria physionomia, com as suas virtudes e os

seus vicios, o seu heroismo cego e as suas mesquinhas paixões.

Depois da «Lucta de gigantes» Camillo Castello Branco tem continuado a revolver as antigas minas, e a arrancar de lá novos livros. Comtudo, devemos confessal-o, todos ficaram a immensa distancia d'esse primeiro volume. E porque? porque o grande escriptor não quiz simplesmente contar, quiz fazer romance, quiz fazer quadro, e a faculdade de *metter em scena*, de dispor as decorações segundo as leis da perspectiva, de fazer mover os personagens de modo que nos pareça que os vemos e os seguimos nas peripecias da sua vida, faculdade que o snr. Arnaldo Gama tão facilmente possue, falta completamente a Camillo Castello Branco. A sua penna febril não espera que se disponha o plano, não prepara as scenas, corre attrahida pelo gosto da narração, e quando se vê obrigada a estacar para attender ás exigencias do romance, hesita, embaraça-se, e faz com que o leitor perca um prazer sem lh'o substituir por outro.

A posteridade esquecerá talvez as grandes machinas historicas do presente seculo, e o *Judeu* não escapará de certo ao naufragio, a *Lucta de gigantes* ha de sobreviver, como uma perola entre as ondas.

II

MIGUEL D'ANTAS [1]

Acabámos de ver um grande romancista evocando das trévas historicas um episodio esquecido, reconstruindo-o fragmento a fragmento, ligando estes entre si, e mostrando-nos alguns dos vultos notaveis do nosso passado, illuminados em cheio pelo sanguineo reflexo das paixões odientas. Levando ao trabalho historico o talento de narrador empregado até ahi em assumptos mais frivolos, Camillo Castello Branco, se mostrou tal ou qual tendencia para tornar os seus personagens mais interessantes, fazendo depender da influencia das suas rivalidades as grandes transformações politicas, e dando assim causas minimas a maximos effeitos, em compensação desenhou com extremo vigor os heroes da narrativa, poz

[1] *Les faux Don Sébastien*, 1 vol.

habilmente em relevo as scenas dramaticas, e contou com a fluencia e o incanto, que são o condão especial do seu genio, as varias peripecias d'esse drama sombrio, em que foram actores Lencastres e Mascarenhas, e que ennodoou o resplendor, que deveria ser immaculado, da recem-nada aurora da nossa nacionalidade.

Um outro narrador historico apparece na liça, propondo-se contar-nos, e não só a nós portuguezes mas tambem á Europa inteira, porque o livro é escripto na lingua franceza, um episodio não menos interessante dos nossos annaes, um episodio que se prende intimamente com a perda da nossa independencia, como o outro se enlaça, d'um modo secundario, com a restauração d'ella. Se a preoccupação dramatica, o desejo de collocar os seus personagens no primeiro plano tráem na *Lucta de gigantes* o romancista, nos *Faux Don Sébastien* apparece a investigação historica em toda a sua inflexibilidade, e se d'alguma coisa podessemos accusar o seu auctor, seria pelo contrario de desprezar nimiamente o interesse dramatico proporcionado por muitas scenas, de conservar a seccura do processo verbal, e de dar de barato os seus heróes, que mereceriam talvez, ainda que não fosse senão pela audacia aventurosa, mais sympathia do que parece professar por elles o distincto escriptor que se fez seu chronista.

E d'aqui não se conclua que eu ache a minima verosimilhança nas fabulas inventadas pelos quatro aventureiros, em cujos espiritos germinou um instante o louco devaneio de cingirem a corôa deixada

cair pelo infeliz D. Sebastião nos areiaes africanos; mas o vivo sentimento popular de que esses homens, ou aquelles que os dirigiam, foram antes as vivas encarnações do que os exploradores, é tão poetico e tão nobre que desejariamos não ver reduzidas ás mesquinhas proporções das vidas de aventureiros essas existencias, em que pareceu protrahir-se durante alguns annos a agonia da gloria e da nacionalidade portugueza. Esses homens foram como a pilha de Volta, que restitue um viver ficticio ao cadaver gelado; assim a apparição de mais um aventureiro era o choque electrico, agitando por instantes o sangue nas veias d'uma nação, inflammando-a e galvanisando-a, e fazendo-lhe irradiar ante os olhos, n'um relampago momentaneo, a aurora da restauração porvindoura.

Quando uma grande desgraça fere um povo, quando uma nacionalidade se affunda n'um violento cataclysmo, o espirito publico, abatido pela desventura, refugia-se no maravilhoso, e sente despertar com energia a sua confiança na Providencia, á medida que vai perdendo a esperança de readquirir por meios humanos a sua liberdade. Quando os judeus, o povo escolhido, foram arrancados da sua Palestina e transportados para a beira dos rios de Babylonia, quando pensaram que não tornariam a ver os muros de Jerusalem, não se limitaram a pendurar as citharas nos salgueiros, e a engrossar com as suas lagrimas a corrente do Euphrates, mas, voltando os olhos para o Deus que tinham abandonado, confiaram que era essa uma provação momentanea

a que a sua fé renascente estava exposta, e que tão brilhante seria a restauração da sua grandeza como fôra pungente a humilhação a que tinham descido. Acudio-lhes então á phantasia o vulto sympathico do seu monarcha verdadeiramente nacional, da incarnação mais energica do espirito israelita, de David em fim. Das vergonteas, que havia irradiado atravez dos seculos o tronco vivaz do rei psalmista, julgaram que sairia o fructo mysterioso, em que se havia de encerrar a redempção de Jerusalem. E, appellando para os dois grandes palladios do povo de Israel, Deus que os salvára da escravidão do Egypto, David que déra a grande consolidação á sua theocracia sublime, viram rasgar-se as trevas do futuro, e surgir d'ellas, maravilhoso e esplendido, o Messias que os levaria de novo ás margens do Jordão, e trocaria as vestes luctuosas da Sião plangente que os prophetas evocavam, pelo regio manto da dominadora das nações.

Só os enganou o egoismo, commum a todos os povos da antiguidade, que não viam irmãos para além das suas fronteiras. Veio o Messias, não para os redimir a elles, povo que já desempenhára o seu papel na historia, e de cujas mãos ia ser arrancado o unico thuribulo a Deus acceito, mas para redimir a humanidade, e para agrupar emtorno da cruz, que elles deram ao Christo, sem suspeitarem que era essa a nova arca da alliança, os povos todos do universo, enlaçados n'um fraternal abraço.

Como os judeus captivos na Assyria, todas as nações humilhadas phantasiam um Messias. Por mui-

to tempo emquanto os Bretões se não confundiram estreitamente com os Saxonios e estes com os Normandos para formarem a nação ingleza, o velho espirito celtico personalisou em Artus o seu futuro redemptor. Se a Hespanha goda não confiou ao rei Rodrigo o mesmo papel glorioso, foi porque, apenas perdeu a independencia, logo surgio Pelayo, ente vivo e energico, á sombra do qual se abrigaram as esperanças da resurreição da monarchia. Ainda assim a batalha do Guadalete fôra um tamanho desastre, o infortunio do rei traído apagára por tal fórma os erros da sua vida, que o povo não se convenceu de que a morte o ferisse no campo da peleja, sem lhe dar tempo para remir com a penitencia o crime, verdadeiro ou legendario, a que attribuiam a sua ruina. Se Pelayo não existisse, o monarcha vencido reappareceria forçosamente nas tradições populares como futuro salvador da patria, e surgiriam, como sempre, aventureiros para desempenharem o seu papel. Infelizmente para os amadores do maravilhoso, o grande vulto do heroe das Asturias enchia de sobejo a scena, e por conseguinte os Homeros populares resignaram-se a cantar apenas as peregrinações de Rodrigo, que fôra, segundo elles diziam, fazer penitencia para umas brenhas da Lusitania.

As condições, em que se forma a lenda de D. Sebastião, assemelham-se prodigiosamente ás condições em que esteve para se formar completa a lenda de D. Rodrigo. Se D. Antonio prior do Crato, em vez de ser derrotado em Alcantara, fosse vence-

dor como foi Pelayo em Cangas de Oniz, era provavel que os legendaristas fizessem morrer D. Sebastião, como santo eremita, n'alguma rocha da costa africana. Não succedeu assim; em Alcacer-Kibir D. Sebastião desapparecera, como D. Rodrigo desapparecera involto n'uma nuvem, que a imaginação popular doirou e transformou em mysteriosa auréola. Encontrou-se um cadaver desfigurado, preparando por essa fórma o terreno, em que devia viçar a flor milagrosa. A independencia de Portugal submergio-se no abysmo, e n'esse profundo sulco aberto pela espada do duque d'Alba germinou com presteza a semente legendaria.

D. Sebastião fôra, apesar de tudo, um rei popular; o seu zelo pela religião, a sua febril actividade, o seu valor destemido, o seu amor das aventuras, se faziam abanar melancholicamente as orelhas aos bons burguezes da cidade, e aos prudentes conselheiros do Paço, inspiravam uma viva sympathia ás massas populares, a quem sempre a intrepidez e o ardor irreflectido deslumbram facilmente. A expedição d'Alcacer-Kibir, ainda que fosse acompanhada de tão ruins presagios, se infundia certos receios, não era absolutamente impopular. A perda da batalha, a morte desastrosa do rei acordaram a compaixão no espirito de todos. Ninguem pensou em accusar o monarcha fallecido das desgraças que sobre a patria acarretára. A perda de independencia seguindo-se á perda do infeliz moço, consubstanciou no seu destino o destino do paiz, julgou-os inseparaveis o povo, e anciando por conquistar de novo a

liberdade, entendeu que ella só lhe podia vir das mãos do que lh'a fizera perder.

Por isso, com muito bom criterio, chama o sr. Miguel d'Antas ao rei D. Sebastião *un Messie national et patriotique*.

Quando o sentimento nacional se manifesta com tanta energia, nunca deixa de apparecer quem o satisfaça. Os dois primeiros aventureiros brotaram espontaneamente, foram as consequencias immediatas da fermentação dos espiritos. Não houve calculo politico, tudo se fez de per si. Os reis de Penamacor e da Ericeira foram os dois manequins, revestidos das insignias regias que o povo, ancioso de se illudir a si mesmo, poz nos hombros dos primeiros que a isso se prestaram. Mas, inferiores ao seu papel, sem calculos pessoaes, idolos cégos e mudos promovidos a esse posto importante pelo fanatismo do povo, mas sem culto especial nem sacerdotes, caíram do altar ao primeiro sopro da fortuna, e olvidou-os a historia, como se olvidam as bolhas d'ar que a ebullição produz, quando a ebullição se acalma.

Os outros dois que se seguiram tiveram um aspecto differente. Gabriel Espinosa e Marco Tullio Catizoni preparavam o seu papel, ou preparavam-n'o por elles os dois frades Miguel dos Santos e Estevam de Sampaio. É impossivel deixar de perceber a differença enorme que ha entre aquelles e estes aventureiros. Aquelles encontram adhesão e partidarios entre o povo que é o primeiro a proclamal-os; os dois ultimos recrutam os seus seguidores entre

pessoas de posição elevada, e apresentam-se com um plano mais ou menos bem concebido. Aquelles são filhos da insurreição popular, estes preparam-se na sombra das conspirações. Aquelles acham-se á testa da revolta, como Masaniello em Napoles ou antes como o Manuelinho em Evora; estes aproveitam de caso pensado a crença popular, e preparam uma tentativa, que é muito embryonariamente o que ha-de ser depois a feliz revolução que põe no throno a dynastia de Bragança. A historia d'estes quatro aventureiros está inundada de plena luz pela obra verdadeiramente notavel do snr. Miguel d'Antas. Investigação escrupulosa e paciente de todos os documentos que podem esclarecer esse ponto tenebroso bastante, logica vigorosa na apreciação das peças dos processos que estudou nos archivos de todos os paizes da Europa, por onde se desenrolaram os longos actos d'esse drama politico, tudo se encontra na obra do snr. Miguel d'Antas, e lhe dá uma importancia superior. Os louvores da critica estrangeira provaram ao nosso compatriota que o seu livro (escripto com pureza notavel no idioma francez) merece, pela segurança das investigações e pela copia de noticias, um logar distincto ao lado dos estudos historicos mais gabados. É o que se póde chamar um trabalho definitivo.

Comtudo não o diremos isento de defeitos. Não creia o senhor M. d'Antas na sinceridade do louvor, que apparece desacompanhado de censura. Já o dissemos n'um dos estudos precedentes, e repetil-o-hemos agora; toda a qualidade brilhante tem por

consequencia inevitavel um defeito, como toda a medalha tem reverso. Para que se possa sustentar este equilibrio indispensavel á imperfeição humana, falta por força n'um lado o que no outro superabunda. Não se podia eximir a essa lei geral o snr. Miguel d'Antas. O seu livro é d'um escrupulo, que desce a investigar a mais pequena minuciosidade, este rigor d'analysta implica a ausencia de largueza no traço. O livro é d'uma imparcialidade rigorosa; essa imparcialidade n'uma questão, em que estavam em jogo os mais exaltados sentimentos d'um povo, suppõe uma certa frieza na narrativa, e a falta do elemento dramatico. Para elle existir n'estas obras historicas, é preciso que o auctor, possuindo-se das paixões que animavam os personagens, nos inflamme tambem no mesmo fogo, nos faça resentir as mesmas impressões que elle sentio, fazendo-se, por um esforço de phantasia, contemporaneo dos vultos que mette em scena.

Onde ha ahi narração mais apaixonada, mais viva, mais vehemente, mais dramatica, do que a do duque de Saint-Simon? Onde a ha tambem menos imparcial? N'essas paginas immortaes sente-se ranger com delicias a penna de ferro do historiador, dilacerando a seu bel-prazer a gloria de Luiz XIV.

Conhecem alguma historia mais apaixonada do que a *Historia dos Girondinos?* Não de certo; mas nenhuma ha tambem onde seja menos possivel encontrar apreciações exactas dos homens e da epoca da Revolução. Lamartine é poeta, Lamartine commove-se com o infortunio, enthusiasma-se pela elo-

quencia, e todos esses sentimentos transparecem nos seus encantadores volumes.

É bem imparcial a *Historia da Revolução* de Thiers, mas que frieza n'ella! A *Historia do Consulado e do Imperio* toma proporções epicas, arrasta, enleva, enthusiasma, mas que immensa predilecção a do historiador pelo seu heroe! Como a auréola de fogo que circumdava a fronte de Bonaparte abrazou o espirito do chronista, e o levantou á altura colossal do grandioso vulto, cujas acções descreve!

O snr. Miguel d'Antas estudou friamente; e em cada pagina se está sentindo que nenhum de seus heroes o soube commover, e que nem as crueldades praticadas pelo governo hespanhol, transformando os aventureiros em martyres, conseguiram poetisal-os a seus olhos. Procurando a verdade, e só a verdade explora, investiga, analysa, confronta, estuda *in anima vili* sem attender aos frémitos que percorrem a fibra da historia, lacerada pelo escalpello implacavel.

Mas, dir-me-hão, se os aventureiros não mereciam a sympathia do historiador, se as suas physionomias vulgares reagem contra o pincel que tenta idealisal-as, para que iria o chronista consciencioso romancear aventuras, bordar com variações inexactas o singelo thema que os documentos proporcionam? — responderei:

Ainda que o vulto de Marco Tullio Catizoni, ainda que a pallida figura de D. Anna d'Austria, a victima infeliz de Philippe II, a pobre freira romanesca, não merecessem mais alguns toques, ainda

que o historiador me diga que ao romancista pertence adivinhar o que os documentos não declaram, não poderia ainda encarar-se a questão por outro lado, e ir-se além da simples investigação dos factos, esboçando a physionomia d'uma epoca tão fecunda em grandes acontecimentos? Portugal anceia e freme nas garras do leão hespanhol, o vulto sombrio de Philippe II atravessa ao fundo a scena, divisa-se de relance a phisionomia levemente zombeteira de Henrique IV, e o historiador terá de limitar-se á transcripção completa dos interrogatorios, e das cartas dos accusados, á investigação do mais leve pormenor dos processos, e deixará, encerrado em Madrigal e em S. Lucas de Barrameda, agitar-se lá fóra essa sociedade fremente e inquieta, quando só pelo conhecimento das paixões que a movem, das ambições que a dividem, póde dar algum interesse a esses vultos, de cuja fronte o snr. Miguel d'Antas arrancou a um e um todos os raios de poesia, com que os dourara a tradição.

Em resumo, por dois lados nos póde interessar este episodio da nossa historia, e tanto que sigâmos passo a passo com febril interesse os lances judiciaes. Ou os personagens são interessantes por si, ou o são os acontecimentos politicos em que elles podem ter influencia. No primeiro caso temos um bello drama, no segundo caso um formoso estudo historico sobre os fins do seculo XVI e os principios do seculo XVII. O snr. Miguel d'Antas uma e outra coisa desdenhou, cingio-se ao seu modesto e laborioso intuito de investigador, e proporcionou n

seu livro, optimo debaixo d'esse ponto de vista, um manancial riquissimo de futuros romances, e um precioso subsidio para os estudos historicos, que sobre essa epoca se emprehenderem.

*

DA INICIATIVA LITTERARIA DOS PORTUGUEZES NA PENINSULA HISPANICA

I

A LITTERATURA PORTUGUEZA NAS SUAS RELAÇÕES COM A HESPANHOLA

No grande movimento historico da Europa, no trabalho emprehendido por todos os sabios para descobrirem como a civilisação caminhou nos differentes paizes, tem sido Portugal quasi completamente desprezado. Quando os estudiosos allemães e inglezes affincadamente revolvem os annaes politicos e litterarios da nossa visinha Hespanha, porque n'elles encontram effectivamente o vestigio dos passos mais audazes do espirito civilisador, Portugal, que se avantajou entre todos os povos da Peninsula Iberica, Portugal, que lhes deu muitas vezes o exemplo e o incitamento, apenas mereceu a algum sabio como Schœffer ou Bellermann a attenção que a nossa historia interessantissima, a nossa litteratura completamente original e cheia de seiva propria, devia obter

d'esses intelligentes exploradores das minas do passado.

Qual é o motivo d'este injusto desprezo? Parece-nos que um bem claro e bem patente. A pouca importancia que nós mesmos damos á gloria dos nossos maiores, o nenhum cuidado que temos tido em começar a exploração, em abrir e facilitar o caminho aos alheios escriptores, que difficilmente podem sem guia entrar na escuridão das chronicas, no labyrintho dos cancioneiros. Não nos faltam historiadores dos nossos feitos, não nos faltam compillações volumosas e indigestas dos nossos poetas; mas á moderna geração pouco importa saber quantas valentes cutiladas descarregaram em cabeças moiras e castelhanas esses feros paladinos, e como os poetas classicos imitaram os vates romanos, ou obedeceram ás regras de Aristoteles; o que desejâmos saber é como esses paladinos concorreram para o caminhar da civilisação, quanto esses poetas contribuiram para o desenvolvimento do espirito humano.

É n'esse sentido que se deve escrever actualmente a historia politica e litteraria.

Um dos talentos mais notaveis de que Portugal se ufana, o snr. Alexandre Herculano, nome que estrangeiros e nacionaes veneram, e que o futuro ha de considerar como um dos raros, que se inscrevem em letras de oiro no livro das glorias da humanidade, tentou prestar á sua patria o serviço immenso de lhe escrever a historia politica. Os quatro volumes publicados d'esse monumento podem sem desdoiro collocar-se a par das grandes obras da mo-

derna eschola. Infelizmente, um bando ignobil de zoilos sandeus, protegido por uma facção que, depois de assassinar o paiz, vigia cuidadosamente o cadaver para impedir qualquer tentativa de resurreição, obrigou o grande escriptor a depor a penna, com grave prejuizo da gloria nacional, e de todos os homens estudiosos que se interessam por estas nobres occupações da intelligencia humana.

Mas de tentativa similhante não existe nem sequer o esboço com relação á nossa historia litteraria. As obras portuguezas que tratam d'esses assumptos, em vez de nos serem subsidio, são-nos prejudiciaes, porque, apresentando-nos as coisas debaixo de um ponto de vista falso, não fazem senão augmentar as trevas em que jaz envolto o passado da nossa litteratura, complicar o labyrintho onde debalde procurâmos um fio de Ariadne que nos guie. Veiu o honrado José Maria da Costa e Silva escrever uma obra que intitulou *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*. Honra lhe seja ainda assim, porque nos apontou ao menos os nomes dos escriptores nossos compatriotas, e, transcrevendo longos trechos das suas composições, nos habilitou a formarmos um juizo sobre elles, inteiramente independente do modo por que o bom do critico os encara. Sem pretendermos insistir na reconhecida insufficiencia d'essa obra, apenas apontaremos um erro crasso em que elle cae, e em que infelizmente o acompanham a grande maioria dos leitores instruidos. Esse erro é o que faz da poesia portugueza uma poesia toda de imitação, dando ás

cinco escholas em que vae classificando os poetas as seguintes denominações: *Eschola dos trovadores, Eschola italiana, Eschola hespanhola, Eschola franceza, Eschola latina.*

Comprehende na primeira todos os poetas desde os primeiros tempos da monarchia até Gil Vicente, inclusivè. Até Gil Vicente! E não se lembra sequer o desalmado que a litteratura provençal, a litteratura dos trovadores, fecunda em quasi todos os generos de poesia, foi absolutamente esteril em representações theatraes! Comprehende a segunda os quinhentistas; a terceira os seiscentistas, e os seus imitadores do tempo de D. João V; e a quarta e quinta deviam comprehender (Costa e Silva não chegou a este ultimo periodo) os primeiros e segundos Arcades, e talvez, quem sabe? a litteratura romantica do presente seculo.

De fórma que, para este digno homem, a litteratura portugueza, como um espelho pendurado á janella do paiz, não faz senão reflectir as imagens das litteraturas visinhas. A iniciativa gloriosa, tomada pelos portuguezes em todos os emprehendimentos civilisadores, fallecia de todo quando se tratava de emprezas litterarias? O povo, que dava novos mundos á civilisação, não podia dar tambem novos mundos á phantasia, e a indole aventureira dos nossos antepassados transformar-se-hia na litteratura em cego amor á rotina?

Com effeito não succedia assim, e a litteratura portugueza, em que peze ao digno Costa e Silva, exerceu uma grande influencia na litteratura hespa-

nhola, e, por intermedio d'esta, na litteratura européa.

Para bem comprehendermos isto devemos, primeiro que tudo, ter presente uma grande verdade que anda um pouco olvidada, graças a odios e susceptibilidades nacionaes. Portuguezes somos, portuguezes nos prezâmos de ser, rejeitamos a idéa de nos tornarmos castelhanos, mas o nome de hespanhoes cabe-nos tanto como aos nossos visinhos. Isto mesmo dizia Garrett com o apurado bom senso que n'aquelle espirito privilegiado dava tanto realce ao esplendor do genio.

Filhos da mesma raça, herdeiros das mesmas tradições, os povos da Peninsula Iberica dividiram-se necessariamente, logo que, depois da conquista arabe, cada terra começou a emancipar-se do jugo infiel como podia, e quando podia. Estes esforços isolados davam em resultado a independencia forçada de cada porção de territorio. As condições differentes em que esses territorios estavam collocados alteraram de um modo vário a lingua latina commum á Hespanha toda, e introduziram-lhe diversas modificações, modificações d'onde provinham diversos dialectos. Tres principaes se constituiram, um no extremo occidente, outro no extremo oriente, e o terceiro no meio da Peninsula. Foram aquelles o gallego e o catalão, este ultimo o castelhano. Do gallego fez-se depois a boa e sonora lingua portugueza; o catalão, sujeito á influencia proxima do provençal, seguiu-lhe os destinos, foi como elle desfallecendo, e curvou a final o collo á supremacia do

castelhano, aformoseado por uma longa serie de homens notaveis, desde o desconhecido auctor do *Poema do Cid* até ao famigerado Juan de Mena. Estes tres dialectos irmãos, vergonteas partidas do mesmo tronco, reagiram uns sobre os outros, e adoptaram as obras primas das suas diversas litteraturas. A Catalunha, subjugada pela proximidade da suavissima influencia da Provença dos trovadores, conservava para com as suas irmãs peninsulares uma certa frieza e reserva; mas Portugal e Castella, apesar das suas repetidas dissensões, sempre reconheciam o laço fraternal. Essa fraternidade, tempestuosa sim, mas por isso não menos verdadeira, reconhece-se principalmente na poesia popular. Raro é o rimance, a chacara, a ballada de que não haja dupla versão castelhana e portugueza. Qual foi a primitiva? É impossivel saber-se. Mas o que é facto é que, por entre o estridor das armas e o alarido das discordias, a voz da poesia não deixava de modular os mesmos cantos aos ouvidos dos dois povos irmãos, como a voz secreta que murmura as mesmas ineffaveis melodias aos ouvidos d'aquelles que, separados pelo turbilhão da vida, foram comtudo companheiros de infancia, e guardam no fundo do coração o fogo da saudade, alimentado pelas mesmas perfumadas recordações d'essa doirada aurora da existencia.

Mas se a reciproca influencia que apontámos é evidente na poesia popular, sem que tenhámos fio conductor pelo qual possámos remontar ás fontes primitivas, em compensação, na litteratura official,

37

onde egualmente se manifesta, os originaes encontram-se com facilidade, e vemos que para o peculio litterario da Hespanha, nossa mãe commum, concorreu Portugal com o oiro mais puro, como quem ousava em tudo investigar caminhos desconhecidos e explorar ignotas minas. A impulsão, a iniciativa, partiu quasi sempre do occidente da Peninsula. Depois a gloria portugueza sumiu-se no occaso, o desalento apoderou-se do espirito d'este povo, succedeu o cansaço á febril energia, e muitos dos generos iniciados por nós foram aperfeiçoados e aprimorados pelos nossos visinhos. Mas, em todo o caso, o impulso primitivo de cá partiu, e a gloria do iniciador illuminou quasi sempre uma d'essas altivas frontes dos nossos antepassados, Atlantes que sustiveram um mundo maravilhoso, um mundo debaixo do qual vergaram e succumbiram os frageis hombros dos seus descendentes.

De quatro generos foram escriptores portuguezes incontestavelmente os iniciadores na Peninsula: a novella de cavallaria, a comedia, a tragedia e o romance pastoril.

O romance de cavallaria é filho da imaginação septentrional: as velhas lendas dos povos germanicos, modificadas pelo espirito da edade média, deram em resultado esses poemas cavalheirescos, que por tanto tempo enlevaram os nossos rudes antepassados. Os bardos celtas transmittiram directamente aos *trouvéres* da França septentrional as tradições que, alterando-se mais ou menos, serviram de base aos romances do rei Arthur, esse canto de

cysne da velha Bretanha expirante. O espirito christão produziu os romances do Santo Graal, o espirito do feudalismo deu origem ás chronicas de Carlos Magno, onde o caracter do grande imperador apparece tão diverso do que na realidade era, como se os bardos feudaes, para se vingarem do dominio que esse nobre vulto exercêra sobre os seus senhores, quizessem personalisar n'aquelle, que fôra o seu flagello a imagem dos fracos monarchas, cuja suzerania os fidalgos solarengos acceitavam apenas como fórmula vã.

Em quanto essa litteratura viril até nas suas puerilidades dominava na França e na Inglaterra, esses dois paizes que, da mesma fórma que Portugal e Castella, se conservavam irmãos, apesar das suas terriveis dissensões, os poetas provençaes, cedendo á influencia dulcissima das brisas do Mediterraneo, das melodias languidas que fluctuam como um vago perfume entre a corôa de espuma da preguiçosa vaga azul que beija as praias ridentes da França meridional, recostavam-se, por doces noites de luar, á sombra das suas larangeiras, e arrancavam das suas harpas levemente effeminadas suaves canções de amor, ou, por entre sonoras risadas que se repercutiam de echo em echo n'essa atmosphera de cristal, verdadeiro berço da Venus Aphrodita, vibravam a satyra pungente ao monachismo e á nobreza.

Esta litteratura cortezã, risonha e galanteadora, perfumada como a flôr da larangeira, colorida como um ceo de agosto, fresca como uma noite de pri-

mavera, exerceu completo dominio na sociedade elegante (consintam-nos o termo) da Hespanha. A Catalunha pela visinhança, Portugal pela côrte borgonheza que o nosso reino infantil obteve da munificencia de Affonso VI, resentiram-se mais do que Leão e Castella d'essa influencia provençal. Os nossos reis, principes e cortezãos, dedilhavam a lyra dos trovadores, temperando-a com uma certa melancolia nativa, que sempre foi caracteristica da nossa litteratura, e que nos é inspirada pela austera tristeza do velho Oceano que banha as nossas praias. O povo, entretanto, continuava, como o povo castelhano, a modular as suas chacaras e solaus de uma tão surprehendente originalidade, chacaras e solaus que Villemain julga privativos da Hespanha, mas que foram communs aos dois povos, como facilmente se vê, comparando o *Romanceiro* de Garrett com o de D. Agustin Duran.

Veiu a final a epoca de D. João I. A alliança intima que então contrahimos com a Inglaterra ensinou-nos os varonis primores da litteratura dos *trouvéres*. D. Filippa de Lencastre, e antes d'ella mesmo seu pae, o duque de Lencastre, e a brilhante comitiva dos cavalleiros de Eduardo III, introduziram no animo dos nossos trovadores o gosto por esses romances de cavallaria tão estimados pelas nações septentrionaes. O caracter guerreador e phantasmagorico dos heroes de novella, fundindo-se com os galanteios e as amorosas finezas da litteratura meridional, deu origem a um novo personagem, que abriu um novo cyclo, o dos Amadizes.

II

A NOVELLA DE CAVALLARIA

O *Amadis de Gaula*, escripto por Vasco de Lobeira, appareceu e excitou em Portugal e Hespanha o mais vivo enthusiasmo. Desgraçadamente, e por um incrivel descuido, veiu a invenção da imprensa, e ninguem se lembrou de dar ao prelo o manuscripto portuguez, que se foi tornando raro, até que passou a ser uma d'essas phenix que os collecionadores pagam por preços exorbitantes. Desde que chegou a tal estado, ninguem teve a louca idéa de o imprimir, o que seria tirar-lhe o valor, e o duque de Aveiro, segundo todas as probabilidades, pôde ufanar-se de possuir na sua livraria esse documento unico da gloria de um dos nossos compatriotas. Veiu o terremoto de 1755, veiu o incendio immediato, o palacio dos duques de Aveiro foi um dos que mais soffreram, e o precioso manuscripto desappareceu, victima da vaidade estulta de um fidalgo, como tantos manuscriptos gregos e romanos haviam desapparecido victimas da ignorancia dos seculos barbaros.

Desde então a traducção hespanhola de Montalvo, feita em 1492, pouco mais ou menos, passou a ter os foros de original, e só vagamente se fallou n'um escripto portuguez que servira de base ao

Amadis, mas que pouco tinha que reclamar da gloria do livro hespanhol, que o refundira completamente e melhorára. A final, Vasco de Lobeira ia passando ao estado de mytho, quando a publicação da *Chronica do conde D. Pedro de Menezes*, por Gomes Eannes de Azurara, veiu restabelecer a verdade dos factos. O bom do chronista, despresador de fabulas e invenções, declara formalmente que não deseja que a sua chronica veridica se confunda com os livros como o *Amadis de Gaula*, cujas acções um snr. Vasco de Lobeira inventou muito a seu belprazer. Se o honrado Azurara não fizesse este protesto, o *Amadis de Gaula* era-nos defraudado pelos visinhos castelhanos, como tantos outros florões que o nosso incrivel descuido tem deixado arrancar da brilhantissima corôa da nossa gloria.

E comtudo, estudando-se bem a questão, muitos outros indicios seguros tinhamos de que o *Amadis de Gaula* fôra primitivamente portuguez. O primeiro escriptor hespanhol que dá noticia d'elle é o celebre chronista Ayala no seu *Rimado de palacio*, onde diz

> Plegóme otrosi oir muchas vegadas,
> Libros de devaneos é mentiras probadas,
> *Amadis* é Lanzarotes, é burlas asacadas
> En que perdi mi tiempo á mui malas jornadas.

Ora o chronista Ayala nasceu em 1332; nas dissensões entre D. Pedro o *Cruel* e seu irmão Henrique de Transtamara, seguiu o partido d'este ulti-

mo; na batalha de Nájera, em 1367, caiu prisioneiro dos inglezes, auxiliares de D. Pedro, e foi levado para Inglaterra. Voltou de lá quando a causa do seu protector triumphou, foi nomeado chanceller de Henrique II, e chanceller foi tambem de D. João I de Castella; acompanhou seu amo na guerra que este emprehendeu contra Portugal, *caiu prisioneiro na batalha de Aljubarrota, em 1385*, voltou para a sua patria quando se fez a paz, e morreu em Calahorra em 1407, de edade de 75 annos.

Pouco antes da batalha de Aljubarrota sabemos nós, ou suppomos com muita probabilidade, que Vasco de Lobeira fôra armado cavalleiro. Seria possivel que o vencedor e o vencido, ambos amadores das letras, ambos conhecedores de romances de cavallaria, Vasco de Lobeira pela communicação com os inglezes, nossos alliados, Ayala pelo seu captiveiro em Londres, sería possivel que estes dois homens não se procurassem, não se estimassem, não communicassem um ao outro as suas producções? Não sabemos nós tambem que o *Rimado de palacio* foi a composição com que Ayala se desenfadou dos tedios dos seus dois captiveiros, porque, principiado em Inglaterra, em Portugal o veiu acabar?

Este indicio parece bastante claro, mas temos ainda outro pelo qual se podia concluir, mesmo sem a positiva affirmação de Gomes Eannes de Azurara, que era portuguez o original do *Amadis*. É o seguinte:

N'uma das passagens d'essa novella de cavallaria diz o auctor que, a pedido do infante D. Af-

fonso de Portugal, altera um dos episodios do romance. Ora este infante de Portugal, que Ticknor, na sua *Historia da litteratura hespanhola*, diz erradamente que morreu em 1370, nasceu, pelo contrario, n'esse anno, foi filho bastardo de D. João I, casou em 1401 com a filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e foi o tronco da familia que hoje rege os destinos de Portugal.

Se o auctor não era portuguez, pelo menos em Portugal vivia. Não nos consta que o primeiro duque de Bragança andasse por fóra do paiz, e, em todo o caso, a concordancia da affirmação de Azurara, da citação de Ayala, do facto de se alludir no *Amadis* a dissensões e guerras no tempo do auctor, que perfeitamente se ajustam á época tempestuosa de D. João I, dão a esse caso do infante uma significação que não teria desacompanhado dos outros indicios.

Eis a novella de cavallaria introduzida em Hespanha pela musa portugueza, e não só transplantada das terras septentrionaes, mas tambem modificada pelo espirito portuguez, e levada por outro rumo. Effectivamente, o *Amadis* não pertence á familia dos romances da *Tavola redonda*, ou dos *Doze pares de França;* abre um novo cyclo e apresenta um novo typo, que é immediatamente explorado pela plebe dos imitadores. N'esse novo typo transparecem claramente as feições predominantes do caracter portuguez d'essa época, a requintada galanteria, que alistava talvez o proprio Vasco de Lobeira na Ala dos Namorados; o desejo vago de conhecer

novas terras e novos paizes que ia lançar as caravelas aventureiras do infante D. Henrique nas solidões mysteriosas do Oceano; o valor intrepido e audaz, caracteristico de todos os heroes de novellas de cavallaria, caracteristico de todos os homens d'esta epocha, mas que se tornava muito notavel nos bravos de Nuno Alvares Pereira.

Porém que vergonha e que notavel descuido! Apparece de 1492 a 1504 a traducção de Montalvo, em 1510 (pelo menos segundo assevera Diogo Barbosa Machado) reimprime-se. Surge terceira edição em 1517. No espaço de meio seculo outras doze se lhe seguem, e o manuscripto portuguez continúa a jazer na poeira das bibliothecas. E' verdade que n'esse tempo, em que as duas linguas portugueza e hespanhola eram egualmente familiares a escriptores e leitores, a existencia de edição n'uma das linguas tornava escusadas as traducções para a outra.

Em 1546 é o *Amadis* traduzido em italiano, e em menos de trinta annos fazem-se seis edições d'essa versão. Já em 1540 elle estava traduzido em francez, e foi tal o successo da obra, que em 1777 o conde de Tressan a refundiu e accommodou ao gosto do seculo. Em 1583 foi conhecido na Allemanha, em 1619 na Inglaterra, e n'este paiz ainda no principio do seculo actual, em 1803, o celebre escriptor Roberto Southey fez d'elle um elegante romance. Assevera-se mesmo que ha uma traducção do romance de Vasco de Lobeira em hebreu.

Além das traducções, que multidão de imitações e continuações! Bernardo Tasso, o pae do au-

ctor da *Jerusalem libertada*, molda pelo romance portuguez, ou antes pela traducção hespanhola, o seu poema do *Amadigi*. Montalvo, o traductor que se pavoneia com as honras de original, escreve a historia de Esplandian, filho de Amadis e de Oriana, mas essa continuação serve só para arrancar as pennas á gralha de Castella, mostrando a incapacidade de Montalvo não só para escrever o romance, como tambem para o melhorar, como elle se gabava de o ter feito. *En verdad*, diz o ajuizado cura expurgador da bibliotheca de D. Quixote, *que no le ha de valer al hijo la bondad del padre*. Em seguida ao filho vem o sobrinho *Florisando*, depois o neto *Lisuarte*, depois *Amadis da Grecia*, depois *D. Florisel de Niquea*, depois *Anaxartes*, depois *D. Silves de la Selva*, depois *Leandro el Bello*, todos parentes ou afilhados do nosso *Amadis de Gaula*. Mas a raça degenerára, e só o chefe da familia mereceu estes elogios de dois grandes escriptores, um italiano, outro hespanhol, de Tasso e de Cervantes:

«Na opinião de um grande numero de pessoas, e particularmente na minha, diz o poeta de Sorrento na sua *Apologia da Jerusalem libertada*, é a mais bella e talvez a mais proveitosa narração que se possa ler n'este genero; com effeito, pelo sentimento e pelo tom vence todas as outras, e pela variedade dos incidentes não cede a nenhuma das que foram escriptas ou antes ou depois.»

«*Y dijo el Cura*, acode Cervantes; *parece cosa de misterio esta; porque segun he oido decir, este libro fué el primero de caballerias que se imprimió*

en España, e asi me parece que como a dogmatisador de una secta tan mala, le debemos sin excusa alguna condenar al fuego. No señor, dijo el Barbero; que tambien he oido decir que es el mejor de todos los libros que de este genero se han compuesto, e asi como á unico en su arte se debe perdonar. Asi es la verdad, dijo el Cura, e por essa razon se le otorga la vida por ahora.»

D'esta fórma a reputação enorme do livro faz o giro da Europa e até no nosso seculo se prolonga, exerce uma influencia tal na litteratura hespanhola, que só finda decepada pelo braço unico d'esse maneta Hercules, que se chamou Cervantes; da litteratura hespanhola vae reagir sobre a européa, e a physionomia do homem, que deu tão grande impulso ao espirito humano, mal se descobre quasi de todo apagada nas trevas do passado!

Assim o Nilo se desdobra, como serpente espumosa, através dos areiaes do Egypto, fertilisa as praias com o seu prodigioso nateiro, leva o tributo das suas aguas, onde o sol da Africa accende reflexos doirados, ao seio do Mediterraneo, vê o seu nome repetido pela fama desde os seculos mais remotos, espelha no seu cristal esses monumentos colossaes que se chamam as Pyramides, e a fonte d'onde elle brota jaz ignorada e obscura nos mysteriosos recessos do sertão da Abyssinia!

III

A COMEDIA

A comedia, esse genero em que os hespanhoes tanto primaram, e que, abrilhantado pelos talentos colossaes de Lope de Vega e Calderon, serviu de modêlo á Europa, deve tambem á um portuguez, senão completamente o impulso primitivo, pelo menos o impulso mais vigoroso. Ticknor, o illustrado americano que escreveu a mais completa historia da litteratura hespanhola de que eu tenho noticia, apesar de não ter estudado a fundo as obras do nosso Gil Vicente, reconhece a sua influencia n'essa litteratura, consagra-lhe um capitulo do seu formoso livro, e, comtudo, n'esse capitulo analysa apenas o *Auto de Cassandra*, e cita muito por alto a comedia de *Rubena* e a do *Viuvo*. Que faria se elle tivesse estudado com attenção as obras completas d'esse grande homem, e se ante os olhos deslumbrados lhe apparecesse de subito, na admiravel farça de *Ignez Pereira*, o germem completo e vivaz da boa comedia de Molière!

Ao dialogo do *Mingo Revulgo*, satyra popular dos desvarios e fraquezas de Henrique IV de Hespanha, o pae da *Beltraneja* (*pater is est quem nuptiæ demonstrant*), e ao dialogo humoristico (podêmos-lhe assim chamar) do *Amor e o velho*, de Rodrigo

Cota, um dos mais bellos trechos da poesia castelhana, vão os estudiosos procurar as origens do theatro hespanhol [1]. São apenas, podêmos dizel-o, a semente acabada de lançar no rego do arado, que o sol, a chuva, o adubo, os succos nutrientes da terra, não fecundaram ainda. A *Celestina*, longa tragi-comedia em vinte e um actos ou partes e do primeiro dos quaes é tambem auctor, segundo parece, Rodrigo Cota, sendo os outros vinte obra de Fernando Rojas, pode-se julgar com mais fundamento o ponto de partida do theatro peninsular. Mas, ainda assim, a absoluta impossibilidade de se representar essa novella com forma dramatica, e a confusão das scenas e dos dialogos, devem dar antes á *Celestina* as honras de original primitivo das novellas picarescas, em que foi a Hespanha tão fecunda, do que de fonte primordial do seu magnifico theatro. A prova d'isso foi o ter ficado essa peça como tentativa isolada, que excitava a admiração de toda a Peninsula, que enthusiasmava até o nosso João de Barros, mas que não chamava as imitações. Só o caracter, realmente muito bem traçado, da heroina da peça ficou sendo prototypo de muitos outros personagens da mesma familia, entre os quaes se deve contar a Euphrosina do nosso Jorge Ferreira de Vasconcellos. Os auctores theatraes curvaram-se respeitosamente diante d'esse formoso monumento,

[1] Alberto Lista vae ainda mais atraz, e procura essa origem na *Danza de la muerte* do Judeu de Carrion. Parece-nos pouco admissivel a idéa. Não ha n'essa composição o minimo presentimento do drama.

mas seguiram outro rumo. Se nos permittem o abstruso da comparação, diremos que a *Celestina* foi como essas peças de artilharia monstruosas que vinham no exercito de Mahomet II, peças que todos os fundidores admiravam, mas que nenhum imitava porque reconheciam a impossibilidade absoluta de fazer uso d'essas esplendidas inutilidades.

Pondo-se, pois, de parte o formoso monstro da *Celestina*, torre de Babel da architectura theatral, temos de reconhecer como pae do drama peninsular a Juan de la Encina, commensal de D. Fadrique de Toledo, duque d'Alba, em cuja casa se representaram todas as suas composições theatraes, a que elle deu o nome de *Eglogas*, e que se filiavam directamente nos dialogos do *Mingo Revulgo* e do *Amor e do velho*, com a differença que eram sempre travados entre pastores, e que admittiam mais de dois personagens, sem comtudo se arriscarem a um grande pessoal.

As primeiras dez eglogas de Juan de la Encina são como que umas paraphrases das bucolicas de Virgilio. Os pastores conversam entre si ácerca de algum acontecimento notavel da corte de Fernando e Isabel, como os Tytiros e os Menalcas do vate mantuano palestravam sobre os acontecimentos de Roma no tempo de Augusto, depois cantam um villancico e vão-se embora. Para darmos idéa d'este genero primitivo de composições, contaremos o enredo da primeira: Entram dois pastores, e um d'elles mostra-se muito afflicto porque vae haver guerra com a França, e o duque d'Alba tem de ir a ella, e en-

tão que será da duqueza, e d'elle pastor, e de toda a gente! O outro diz-lhe que se não afflija, porque essas noticias de guerra podem ser patranhas. Effectivamente, chega um terceiro que affirma que tudo é peta, e que, por conseguinte, o duque d'Alba não se vae embora. Em vista d'isso haja regalorio, cante-se um villancico, e muito boas noites.

Comtudo, Juan de la Encina não parou aqui; a celebração das festividades religiosas vem dar variedade aos seus dramasinhos singelos. Em geral os enredos d'essas eglogas devotas limitam-se a estarem uns pastores a tratar dos seus negocios, e de repente apparecer um anjo e dar-lhes noticia de um acontecimento qualquer da vida de Jesus. Esta fórma é tambem a que Gil Vicente depois adoptará. Em seguida Juan de la Encina aventurou-se um pouco mais a profanidades, e escreveu algumas eglogas tambem muito simples, em que se contam casos de amor. As duas, cuja fórma se aproxima um pouco da composição dramatica, são *El escudero que se tornó pastor* e *Los pastores que se tornaron palaciegos*. A primeira mostra-nos um escudeiro a quem uma pastora escolheu para seu galan, e que por amor adoptou a vida pastoril. Na segunda o escudeiro, já enfastiado da monotonia campesina, procura persuadir aos pastores que se façam cortezãos. Nas razões dadas pelos interlocutores pró e contra esse conselho predomina a satyra do viver das cidades. Comtudo, os pastores sempre se fazem cortezãos, e justificam essa contradicção lançando-a á con-

ta do amor, que é capaz de fazer de um escudeiro um pastor e de um pastor um escudeiro.

Em tal estado deixára Juan de la Encina o theatro hespanhol quando lhe surgiu em Lisboa um émulo, cuja gloria eclipsou a sua. Gil Vicente appareceu, e logo nos primeiros passos mostrou que deixaria bem longe o seu predecessor e modelo. Escrevendo os seus *Autos pastoris* segundo a maneira das eglogas de Juan de la Encina, se no *Auto pastoril castelhano* e no *Auto dos reis magos* se vae cingindo escrupulosamente áquelle por quem se pautava, logo quebra as andadeiras e caminha com passo firme e desassombrado pela senda, onde o auctor hespanhol o perde completamente de vista. *O Auto da Sybilla Cassandra*, o *Auto da Mofina Mendes*, o *Auto da Feira*, os *das tres Barcas*, que hão de ser imitados por Lope da Vega, revelam uma largueza de vistas, uma concepção profunda e philosophica, da qual Juan de la Encina nem sequer tem o presentimento.

Mas não se trata aqui de apreciar o genio verdadeiramente notavel de Gil Vicente; apenas se trata de demonstrar que foi elle o verdadeiro iniciador do theatro hespanhol, que foi da sua penna que saiu a primeira comedia de caracteres e de plano tendente ao desenvolvimento de uma determinada idéa. Porei de parte a farça de *Quem tem farelos*, onde a falta absoluta de acção não nos deve impedir de notarmos a physionomia admiravelmente desenhada do escudeiro Aires Rosado, typo que mostra como Gil Vicente já entendia que devia ser a comedia o

espelho da sociedade, e applicava a sua theoria colhendo os fructos da observação, que o seu olhar perspicaz exercia em torno de si. E, comtudo, essas duas ou tres admiraveis scenas foram representadas em 1505, doze annos antes que saisse á luz a famigerada *Propaladia* de Torres Naharro. Mas uma scena isolada, um typo qualquer, não bastam para constituirem uma comedia, e eu quero apresentar Gil Vicente como o verdadeiro introductor da comedia de observação. Por isso temos de citar Torres Naharro, e de darmos conta da sua influencia na litteratura theatral hespanhola. Torres Naharro, vivendo quasi sempre na Italia, publicando em Napoles a primeira edição das suas obras, aproveitou com o estudo da antiguidade, então muito em voga em todas as cidades italianas, o introduzir nas suas comedias a divisão regular em actos ou antes em jornadas. No mais, os passos que fez dar ao drama hespanhol não foram adiante dos que Gil Vicente dera. Na comedia allegorica parece ter tido a iniciativa, porque a sua *Trophea*, comedia em honra del-rei D. Manuel de Portugal, foi, segundo todas as probabilidades, representada diante de Tristão da Cunha, o embaixador portuguez que levou ao papa Leão X o sumptuoso presente que el-rei de Portugal lhe enviava. Mas Gil Vicente não se demorou muito a seguil-o. A *Trophea* representou-se em 1514; logo em 1519, por occasião da partida da infanta D. Beatriz para Saboya, escreveu Gil Vicente as suas *Cortes de Jupiter*, e em 1526, quando o grande imperador Carlos V casou com a prin-

ceza D. Maria de Portugal, appareceu elle com o *Templo de Apollo*. As comedias novellescas são talvez a grande obra de Torres Naharro. O *Hymeneo* é de certo o drama em que directamente se filiam as comedias de intriga de Lope de Vega. Mas na comedia de costumes, na comedia de observação, é que elle cede o passo ao nosso Gil Vicente e lhe deixa completamente as honras de iniciador.

São tres as comedias de costumes de Bartholomeu Naharro. Uma intitula-se a *Soldadesca*, *Tinellaria* a outra, *Jacinto* a terceira. A primeira tem por assumpto o recrutamento nos estados do papa, a segunda os roubos e desordem da criadagem dos prelados, o enredo da terceira cifra-se apenas no caso de uma viuva que morava n'uma quinta junto de Roma, e que tinha por costume hospedar os viajantes para saber as novidades do que se passava no mundo. Ainda não encontrára um só que lhe agradasse, até que vem tres, entre os quaes campeia o bemaventurado Jacinto, de quem ella se namora, e que por isso dá o seu nome tanto á viuva como á comedia.

Estas peças mostram já uma tal ou qual tendencia para observar as scenas variadas da vida, e para copiar do natural a descripção dos costumes. Porém o quadro é grosseirissimo. Na turba dos personagens da *Tinellaria* não ha um só typo bem caracterisado; todos os criados são ladrões, são gulosos, são patifes, mas nenhum d'elles apresenta uma physionomia particular, nem ao plano da comedia preside uma intenção qualquer. Assistimos a scenas

que muitas vezes se passariam então em casa dos cardeaes romanos, mas em desenrolar diante dos olhos este quadro julga o auctor consistir toda a sua missão. Passemos agora a Gil Vicente, e vejamos a differença.

Ponhâmos de parte as figuras magistraes que se acham dispersas pelos esboços informes do nosso auctor, deixemos o clerigo da Beira, o juiz da Beira predecessor de Sancho Panza dando sentenças na sua ilha da Barataria, inspirador (quem sabe?) d'esses admiraveis capitulos do *D. Quixote*, não nos demoremos a contemplar os divertidos e primorosos vultos do fidalgo provinciano e do seu capellão, tão bem desenhados no *Auto dos almocreves*, e apresentemos já a *Ignez Pereira* á admiração dos leitores.

Um dia, nos salões do paço, alguns fidalgotes pretenciosos pareceram duvidar de que as obras de Gil Vicente fossem realmente suas. É velha, segundo vêem, a mania portugueza de se não acreditar que auctor compatriota possa escrever coisa com geito. O grande homem, indignado, pediu que lhe dessem um thema qualquer, sobre o qual se obrigaria a fazer uma comedia. Os *espertos* cortezãos deram-lhe, talvez por ironia, para assumpto o proverbio «Antes quero asno que me leve que cavallo que me derrube.» Gil Vicente acceitou o thema e escreveu a primeira comedia de observação que viu a Hespanha. A *Ignez Pereira* saiu de um jacto da cabeça do nosso Jupiter dramatico.

Os proverbios theatraes, que fizeram a reputa-

ção do nosso contemporaneo Alfredo de Musset, e de Octavio Feuillet depois d'elle, foram já no seculo XVI postos em scena por Gil Vicente.

O enredo é simples. Ignez Pereira é uma menina toda romanesca, que não quer por marido senão algum alfenim que saiba dizer finezas, engenhar trovas e tocar viola. Surge-lhe a ponto a realisação do seu ideal. Apparece um escudeiro dotado de todas essas prendas, um verdadeiro Amadis. Ignez Pereira casa com elle; mas logo o poetico moço revela o seu caracter, e se torna o tyranno cioso e inexoravel de sua esposa. Não a deixa sair, obriga-a a trabalhar, e, a final, quando parte para a guerra de Africa, abandona-a sem um pedaço de pão. Felizmente, os moiros dão cabo d'elle, e n'essa morte dá Gil Vicente, como os seus editores de Hamburgo muito acertadamente notam, o ultimo toque á physionomia do escudeiro. Era poltrão para cumulo de prosaismo. Os marroquinos mataram-n'o indo elle a fugir para dentro dos muros de Arzilla. Ignez Pereira, viuva, procura consolar-se com segundo marido, mas, avisada pela experiencia, em vez de procurar um heroe de romance, escolhe um honrado homem que está por tudo quanto ella quer, que lhe dá tudo quanto deseja, e que, a final, anda com ella ás cabritas, como Henrique IV com os filhos quando o embaixador de Hespanha o surprehendeu.

Aqui o thema proposto perfeitamente desenvolvido, aqui tem a comedia de observação tal como a concebeu Molière, aqui tem typos vigorosamente accentuados e desenhados com mestria, sem

nunca se desmentirem do principio ao fim da farça. Podesse elle usar dos actos ou das *jornadas* que Torres Naharro introduziu no theatro, não se visse obrigado a dar a el-rei e á corte uma representação em que não se tomasse o folego, porque sua alteza e os seus graves conselheiros não podiam perder tempo, e veriamos se d'esta magnifica farça não folgaria de ser auctor o proprio Molière.

Por aqui se podem apreciar as dimensões do gigante que surge nos humbraes do theatro peninsular. Junto da sua estatua colossal acanham-se e perdem-se os vultos dos seus antecessores e contemporaneos. Depois Lope de Rueda, Timoneda e muitos outros escriptores hespanhoes tomaram das nossas mãos a chave da scena prestigiosa, entre-aberta por Gil Vicente, e cujas maravilhas já se podiam divisar, mas foi um portuguez, foi o fundador do nosso theatro quem rasgou aos olhos deslumbrados do publico de toda a Hespanha esse vasto e desconhecido horisonte, onde havia de brilhar com resplandor immortal a fulgida constellação dos Vega e dos Calderon.

IV

A TRAGEDIA CLASSICA

Voltavam-se por esse tempo todas as attenções da Europa illustrada para a litteratura grega e ro-

mana, e a descoberta dos velhos manuscriptos, occupação predilecta dos grandes homens da idade média na Italia, taes como Petrarcha e Boccacio, tomava um desenvolvimento prodigioso. A familia reinante de Florença dispendia sommas enormes para de todos os lados obter as obras notaveis dos escriptores da antiguidade. Lourenço de Médicis fazia revolver os archivos dos mosteiros, esquadrinhar as bibliothecas byzantinas para colleccionar manuscriptos, e a cada instante lhe chegavam do Archipelago navios carregados de thesouros para elle mais preciosos do que todas as especiarias das Molucas, todas as perolas de Ceylão, todos os diamantes de Golconda. Esses thesouros eram os que formavam o esplendido peculio litterario da antiguidade pagã, eram os poemas de Homero, as tragedias de Euripedes, os dialogos philosophicos de Platão. João de Médicis, subindo ao solio pontificio com o nome de Leão X, aproveitava a sua auctoridade de chefe da Igreja para reclamar dos mosteiros os velhos codices, onde a ignorancia fradesca apagára os esplendores litterarios da antiguidade, para os substituir pelas puerilidades escolasticas ou pelas parvoiçadas milagreiras. Os sabios, expulsos de Byzancio pelo alfange de Mahomet, ensinavam o formoso idioma grego em aulas atulhadas do que havia mais nobre e mais distincto na Italia. A admiração, consagrada á antiguidade, transformára-se em fanatismo. Um sabio romano substituia o seu verdadeiro nome por um nome antigo, chamava-se Pomponio Lœto, e explorava o solo sagrado de Roma para descobrir no

pó dos monumentos arrasados as parcellas de oiro puro dos Ciceros e dos Ovidios. A litteratura abandonava completamente as feições nacionaes para revestir os trajos pagãos; o proprio christianismo, embalado por estas languidas melodias do paganismo, ia resvalando dos braços purissimos da Virgem Maria no seio lascivo e fremente da Venus Aphrodita, e era necessario que a voz tremenda de Luthero o viesse despertar de subito, e mostrar-lhe o voluptuoso triclinio em que se fôra deixando adormentar.

Da Italia partira esse grande movimento, e á Italia pertence incontestavelmente a iniciativa n'essas formosas mascaradas litterarias. Ainda que muitos escriptores queiram suppôr que a tragedia *Castro*, de Ferreira, é anterior á *Sophonisba*, de Trissino, ou pelo menos contemporanea, devemos dizer que uma tal asserção é completamente destituida de fundamento. A *Sophonisba*, de Trissino, foi escripta em 1515; é possivel, comtudo, ainda que duvidoso, que Ferreira não tivesse conhecimento d'ella, porque só muitos annos depois de ser composta é que a tragedia italiana foi impressa. Mas o que é certo e incontestavel é que a tragedia *Castro*, de Ferreira, foi a primeira que appareceu em Hespanha.

Ha, na verdade, um escriptor hespanhol chamado Vasco Dias Tanco, natural de Fregenal, de quem se diz que escreveu tres tragedias biblicas, intituladas *Absalon. Aman, Jonatas;* mas essas tragedias perderam-se completamente, não resta d'ellas o minimo vestigio, e o sabio e consciencioso Moratin, nas suas *Origenes del teatro español*, asse-

vera que nenhum escriptor contemporaneo dá noticia de similhantes obras theatraes, a não ser o proprio auctor que, n'um livro intitulado *Jardin del alma cristiana*, diz que, na sua mocidade, escreveu as tres mencionadas tragedias. Não é natural que elle inventasse similhante facto, mas é muito possivel que essas composições lhe ficassem na gaveta, como tantas producções informes da juventude, que o homem, na idade madura, relê com um sorriso, e que despiedosamente condemna ao olvido.

A primeira tragedia, pois, de que temos conhecimento na Peninsula Hispanica é a *Castro* de Ferreira. Mas tambem d'esta obra nos quizeram defraudar os nossos visinhos, como do *Amadis de Gaula*. O dominicano gallego Bermudez publicou uma traducção da *Castro;* não citou o original portuguez, e a sua tragedia, com o titulo transformado no de *Nise lastimosa*, é apresentada por muitos escriptores hespanhoes, e entre outros pelo sabio D. Alberto Lista, como a primeira tragedia classica da Peninsula.

Felizmente, mesmo na Hespanha, um escriptor consciencioso e eruditissimo, Martinez de la Rosa, arrancou as pennas á gralha e denunciou o roubo. O facto está demonstrado pelas datas, sem mesmo se recorrer a outras inducções. A *Nise lastimosa* foi impressa em Madrid em 1577, constando, porém, que estava composta havia dois annos, isto é, desde 1575. Ora Antonio Ferreira morreu em 1569, e a não ser que saisse do tumulo de proposito para

roubar a obra do monge gallego, é facil de vêr qual dos dois foi o ladrão.

O digno Costa e Silva n'esta questão, como em todas em que entra, mostra a sua habitual perspicacia. Declara que, por ser portuguez, acceita a sentença de Martinez de la Rosa, de fórma que, se alguem se lembrasse de dizer que a *Iliada* ou a *Eneida* fôra escripta por Camões, o bom do Costa e Silva, por ser portuguez, bradava logo: «É verdade.» Mas, accrescenta, por descargo de consciencia, que lhe occorrem duas dúvidas: A primeira é que, sendo muitos coros da *Castro* em versos saphicos, nenhuns outros do mesmo genero se encontram nas obras de Ferreira, ao passo que Bermudez tambem os tem n'uma segunda tragedia, verdadeiramente sua, que escreveu depois da *Nise lastimosa*, e que intitulou *Nise laureada*, cujo assumpto é a coroação posthuma de Ignez de Castro. A resposta é facil. O verso saphico, incontestavelmente o mais lyrico de todos os hendecasyllabos, era julgado o mais proprio para os coros das tragedias, onde, segundo o costume grego, se lançava o lyrismo em torrentes. Bermudez escreveu nova tragedia, empregou-os tambem nos seus coros: Ferreira nenhuma outra escreveu, nunca mais os empregou.

A segunda dúvida do bom Costa e Silva era mais grave, se tivesse fundamento. A *Nise laureada*, apesar de ser inferior á *Nise lastimosa*, tem versos da mesma força que os da primeira tragedia, e muita similhança de estilo, e até de modo de pensar. Este Costa e Silva foi o mesmo que attribuiu a Antonio

de Castilho, contemporaneo de Ferreira, o *Auto da boa estreia*, escripto pelo nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, e que figura no magnifico drama *Camões*. Já vêem, pois, que optimo contraste de estilos não era o auctor do *Ensaio biographico-critico!*

Procuremos outra auctoridade mais competente; vamos procural-a a Hespanha, e seja ella a de um escriptor que mostra nem sequer ter conhecimento da *Castro* de Ferreira, e que, por conseguinte, suppõe que ninguem disputa a Bermudez o titulo de auctor original da *Nise lastimosa*, é D. Alberto Lista. Veja-se as suas *Lecciones de literatura española, esplicadas en el Ateneo científico, literario y artistico*, tomo I, pag. 188.

«*La Nise laureada*, diz elle depois de ter elogiado a *Nise lastimosa*, e de a ter apresentado como a primeira tragedia classica da Hespanha, *es muy inferior. En ella el rey que es D. Pedro, da en la cara con el látigo de montar á los asasinos de Inés. Uno de los personages trágicos que se introducen, es el verdugo que se chancea cruelmente con Coello y Pacheco, a quienes se les sacan los corazones en la misma escena, al uno por las espaldas y al otro por el pecho. Esta pieza es un delirio de atrocidad, sin mas merito que de algunos versos medianos de cuando en cuando* [1].»

[1] Compare-se este façanhudo melodrama, tal como Alberto Lista nol-o descreve, com a tragedia singela, pura e verdadeiramente grega de Ferreira! Diante d'estas dessimilhanças de concepção cairiam todas as razões fundadas no estylo e na metrificação, se existissem.

Bem vêem que esta mania dos plagiarios de quererem continuar as obras que empalmam foi sempre a orelha asinina apparecendo por baixo da pelle do leão. A historia de Esplandian, filho do *Amadis de Gaula*, veiu transtornar os planos do traductor Montalvo. A *Nise laureada* murchou tambem os emprestados loiros do dominicano Bermudez.

Pomos de parte o facto de ser portuguez o assumpto, de ser impossivel que tendo estado, como esteve, Bermudez em Portugal, e conservando provavelmente relações com este reino, não protestasse a favor da sua tragedia, e esperasse pela morte de Ferreira, não já para a imprimir, mas para dar aos seus amigos conhecimento d'ella, o que só fez em 1575, dando-a á impressão em 1577. Tudo isto comtudo são circunstancias que tornam evidente o roubo denunciado por Martinez de la Rosa, e que deveriam ter dissipado as dúvidas de Costa e Silva.

Em quanto, pois, a comedia moderna recebia de Gil Vicente um impulso tão vigoroso, inaugurava Ferreira a tragedia vasada nos moldes gregos. Mas essas nossas conquistas litterarias, da mesma fórma que as nossas conquistas ultramarinas, foram em breve a preza dos estrangeiros, que, entrando no esplendido templo, neophitos sublimes mas ingratos, apagaram do frontal o nome do iniciador. Era um insulto á desgraça; o leão moribundo, sem dentes e

Porque a linguagem e o metro são tão opulentos e do mesmo modo opulentos na traducção da *Arte de Amar* e no *Amor e Melancholia*, segue-se que fosse Ovidio plagiario do sr. Castilho?

*

sem garras, não merecia que lhe arrancassem tambem a juba ardente, que inundava de relampagos a Europa quando a sacudia n'um impeto de enthusiasmo.

V

O ROMANCE PASTORIL

Parece á primeira vista que da introducção do romance pastoril, tão alambicado e tão cheio de sentimentos falsos, não resulta para um paiz tanta gloria que mereça a pena reivindical-a. Um genero que serviu a m.elle de Scudéry para n'elle escrever os romances com que experimentou a paciencia da posteridade, não merece que dêmos os agradecimentos á causa primordial d'esses attentados em vinte volumes contra o senso commum. D'elle dimanaram as extravagancias do *hotel Rambouillet*. Abriu as portas ao marinismo e ao gongorismo, seu irmão mais novo. Estragou muitos talentos verdadeiros, entre os quaes devemos contar o talento fresco e viçoso do nosso Francisco Rodrigues Lobo, cuja *Primavera*, apesar dos seus primores de linguagem e de estilo, das suas magistraes descripções e dos seus melodiosissimos versos, sinceramente confesso que nunca pude levar ao cabo, enfadado a meio caminho com os piegas queixumes de Lereno, com as esquivanças de Tircéa, e com as agudezas e metaphysicas amorosas, em que tanto se aprazem esses pastores e pastoras,

cem vezes mais insupportaveis do que os mais insupportaveis conselheiros e conselheiras da nossa impertigada sociedade.

E, comtudo, é do inventor d'este genero que nós, como portuguezes, vamos reclamar a gloria. Contradictorio parece isto ao principio, mas facilmente demonstraremos que o não é.

O progresso do espirito não caminha uniforme e regular, não avança imperturbavelmente sem se afastar da linha recta. A sua marcha é, pelo contrario, caprichosa e irregular. Como os antigos romeiros que iam a Jerusalem, avançando dois passos e retrogradando um, o desenvolvimento da civilisação effectua-se tambem por successivas acções e reacções. Vae além do ponto marcado, recúa depois, mas ganhando sempre alguns palmos de terreno. Como as vagas do Oceano, quando a tempestade furiosa as açoita, arrojam nuvens de espuma muito além do limite que Deus lhes marcou, mas logo depois, apenas se acalma o temporal, voltam, soltando um rugido abafado, ao seu primitivo leito, assim as revoluções politicas e litterarias praticam no seu primeiro impeto excessos que fazem soltar altos gritos aos historiadores e aos criticos myopes, que não conhecem n'essas exaggerações a lei eterna da imperfeição. Mas no meio d'este fluxo e refluxo fertilisou-se o terreno, o progresso operou-se.

Não desdenhemos um genero, por mais imperfeito que elle nos pareça; se exerceu uma influencia geral sobre a humanidade, se vasou um seculo nos seus moldes, o genero tem importancia. O ro-

mance pastoril, com as suas doçuras de lambedor, com as suas pieguices namoradas, com os seus cantos effeminados de pastores, foi ainda assim um progresso sobre a novella de cavallaria com as suas cutiladas monstruosas, os seus nigromantes e as suas fanfarronadas. Coisa notavel! Cervantes, que encontrou com tanto acerto o ridiculo dos Amadizes e Galaores, não percebeu o ridiculo das novellas pastoris, e no seu mesmo *D. Quichote* entresachou com toda a seriedade os queixumes dos amadores de Marcella, e outras coisas de igual jaez. Virão outros depois que zombem d'estes pastores effeminados; o genero modificar-se-ha. Ás Dianas, Astréas e Clelias succederão as narrações mais correntes de mad. Lafayette; Florian virá em seguida, e a final surgirá a obra prima de Bernardin de Saint-Pierre, essa egloga sublime dos amores de *Paulo e Virginia*. Sigam bem a corrente, e verão se os seus elos se não prendem intimamente uns aos outros.

Não precisâmos de discutir nem de demonstrar a verdade reconhecida por todos sem a mais leve hesitação, de que nos pertence o primeiro romance pastoril que appareceu não só na Hespanha, mas tambem na Europa. Foi elle a *Diana de Montemayor*, obra escripta em hespanhol pelo poeta portuguez Jorge de Montemór.

Para sermos justos devemos dizer, comtudo, que o romance pastoril não brotou de um jacto, como Pallas da cabeça de Jupiter. Entre a novella de cavallaria e a obra de Jorge de Montemór ha dois livros hespanhoes que formam a transição. É o pri-

meiro o *Cárcel de amor*, composto durante o reinado de Fernando e Isabel por Diogo de San-Pedro, decurião de Valladolid. Este romance é uma novella de cavallaria, onde o maravilhoso habitual é substituido pela allegoria. A fabula do *Cárcel de amor* é frouxissima; ainda assim, o romance, como abria, ainda que timidamente, uma senda nova, teve grande popularidade. A essa popularidade devemos attribuir a apparição de um conto anonymo intitulado *Cuestion de amor*, impresso em Napoles em 1512. Ahi a ficção romantica já deu alguns passos e aproxima-se visivelmente da novella pastoril. Não podêmos desconhecer a sua influencia no espirito de Montemór, e, para a comprovarmos, basta-nos apontar um incidente. A *Cuestion de amor* é em grande parte cheia por uma controversia entre dois amantes, um que perdeu a sua amada, outro a quem ella foi infiel. Trata-se de saber qual dos dois foi o mais infeliz. No primeiro livro da obra de Montemór, o pastor Sireno, que amára Diana e por ella fôra amado, volta á sua patria depois de longas peregrinações, e sabe que a sua dama lhe fôra infiel. Silvano, outro amador de Diana, mas a quem ella nunca amára, encontra-se com elle, e começam ambos a discutir qual é mais desgraçado. Vê-se que o poeta portuguez fôra em parte inspirado pela *Cuestion de amor*. Mesmo os grandes genios devem alguma coisa a uns timidos predecessores, que, sem abrirem caminhos novos, exploram e preparam o terreno [1].

[1] Não esqueçâmos a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, que

O que é certo é que a *Diana*, obtendo um successo prodigioso, introduziu na litteratura a moda do romance pastoril. Como ficára incompleta por morte do seu auctor, logo appareceram continuadores, o primeiro dos quaes foi Alonso Peres, sendo comtudo o mais feliz Gil Polo, e tanto que a sua *Diana enamorada* rivalisou em popularidade com a *Diana de Montemayor*.

Depois ferveram as imitações. Cervantes não desdenhou enfileirar-se entre os admiradores do genero, e a sua *Galatéa* veiu mostrar a flexibilidade do talento do auctor do *D. Quichote*. Depois a voga passou a França, onde apparecêra em 1578 uma traducção da *Diana* feita por Nicolau Collyre. Em seguida d'Urfé escreveu a sua *Astréa*, e a popularidade immensa d'este romance chamou os imitadores e imprimiu na sociedade franceza um cunho especial, que muito a custo se dissipou com as risadas de Molière, os exemplos de Corneille e as lições de Boileau.

Chegámos ao fim do nosso trabalho. Por felizes nos daremos se lográmos convencer os nossos leitores de que a historia da litteratura portugueza, tão mal apreciada pelos proprios que a cultivam, não é menos gloriosa do que a nossa historia politica, e de que e povo que abriu com as armas novos caminhos á civilisação, tambem nas letras deu modelos, que as litteraturas estrangeiras admiraram e imitaram.

sendo positivamente um romance de cavallaria, já disfarça comtudo em pastores os seus Bimnardeis e Aonias, e já respira uma fragancia bucolica, precursora do genero que vai nascer.

CASTILHO E ANACREONTE

I

Appareceram finalmente colligidas em volume, n'uma formosa edição parisiense, as odes-borboletas do cantor de Téos, que de novo resurgiram da chrysalida dos seculos, com azas mil vezes mais brilhantes agora, que as illuminam não só os raios do sol de Portugal, irmão do sol da Grecia, mas tambem os esplendores, com que a phantasia do sublime cego, diamante que parece colher nas trevas uma ampla messe de luz, costuma inundar e realçar as obras, já de si maravilhosas, que entram na esphera da sua immensa irradiação.

Castilho continúa a ser o sacerdote firme e devotado da religião poetica da antiguidade. Obedeceu, como escriptor, ás tendencias da litteratura do seu tempo; seguiu-a nas suas variadas transformações, pendurou o alaude e a harpa de oiro em todos os

Capitolios, mas, apenas podia voltar ao remanso do scismador, de novo empunhava a eburnea lyra, a lyra marchetada de Anacreonte, e, coroado de rosas, sentava-se ao banquete pagão, onde circulava a amphora do Cécuba perfumado, e onde as doces canções se exhalavam, impalpaveis aromas, dos labios dos poetas.

Enlevado com os genios do seculo de Augusto, attrahido talvez pela melodia ineffavel do latim, ou porque esta lingua lhe fosse mais familiar, ou porque o prendessem as considerações do parentesco intimo do idioma de Virgilio com o seu proprio idioma, na lyra portugueza resoaram as doces notas das canções de Ovidio, e apenas, uma por outra vez, as melodias hellenicas vieram esvoaçar, aladas filhas do mar Jonio, no plectro sublime do cantor.

E comtudo todas as flores que os poetas romanos enramalhetavam com tanta arte nos jardins e nos porticos da cidade rainha não eram nativas da Italia; alguma galé de mastros doirados e velas de purpura fôra correr a costa do Peloponeso para colher com o remo engrinaldado o lodão azul fluctuante na vaga resplandecente do Archipelago, para ceifar em Cythera a murta, a flor de Venus, em Lesbos as violetas, com as quaes Alceu comparava os cabellos de Sapho. E se algumas d'essas flores poeticas em solo italiano brotavam, eram como as rosas de Pœstum, cuja corolla se abria ao sopro das brisas da Grande Grecia, d'esse territorio hellenico em plena Italia, d'esse fragmento da Jonia, despegado da costa oriental, e ligado por um capricho da natureza pela fita

dos Apenninos ao solo rude dos Samnitas; eram flores desabrochadas aos beijos da viração de Athenas, aos reflexos do sol da Attica, nascidas do germen viajante, que a aragem do mar Tyrrhenio colhera na patria de Anacreonte e de Pindaro, e viera lançar no berço rescendente de Ovidio, Horacio ou Catullo.

A Grecia foi o doirado sonho da antiguidade; filha da espuma Jonica, o mundo pagão professou por ella um tão ardente culto, como o que professava pela alva Aphrodite, por essa fada do Olympo, por essa creatura ideal, nascida tambem da flor da espuma fecundada por um raio do luar da Hellade, por uma fragante emanação dos roseiraes de Smyrna, por uma vaga melodia da lyra primitiva de Orpheu. A onda cingia-a mollemente na sua concha Acidalia, que fluctuava entre dois mares; e Roma, Roma audaz, desdobrando ao longo das costas italianas as selvas de lanças das suas rudes legiões, escutava com amor as harmonias, que adejavam, como um véu raro e ethereo, em torno da peninsula grega, theoria engrinaldada que o mundo antigo enviou cheia de musicas, de luzes e de aromas, para saudar os novos tempos, berço de flores boiando sobre a crista do immenso lago, onde a civilisação pagã vinha como o infantil Moysés poisar no collo da filha da loba de Romulo, como o legislador hebreu no regaço da filha dos Pharaós.

Berço e tumulo! As rosas gregas foram para o velho mundo as rosas puniceas da aurora, e as rosas pallidas do crepusculo da tarde! Alli amanheceu,

59

e alli ennoiteceu o paganismo! N'esse triclinio doirado veiu Roma fatigada adormecer e expirar! Campa bordada de violetas, as suas emanações odoriferas inebriaram e entonteceram os barbaros profanadores, e ainda hoje nos affagam suavemente a phantasia! Foi a deidade virginal que povoou os sonhos de Roma adolescente, foi a desenvolta mas sempre bella hetaïre que a recebeu nos braços, já devassa e corrupta! Nunca Laïs, Aspasia, ou Phryne foi adorada pelos seus cortezãos, como essa terra encantada, rescendente e melodiosa pelos que primeiro a namoraram, e que depois expiraram de voluptuosidade recostando-se-lhe no seio. Não era uma simples peninsula que se estampava para os romanos no horisonte oriental; era uma constellação, que se desprendera do firmamento, e fluctuava, ainda luminosa, sobre as aguas azues do Mediterraneo. Era a Grecia uma succursal do ceu, ou talvez antes o ceu uma succursal da Grecia. Se nas terras gregas se erguia o Parnaso e o Olympo, na abobada azul fulguravam o navio dos Argonautas, a Lyra e quantas outras reminiscencias da Chanaam do paganismo! O Zodiaco era o cinto de luz da Venus do Peloponeso desenrolado no espaço pelos deuses namorados. Os rios, as montanhas, as florestas povoavam-se de choréas de nymphas, de faunos, de dryades, o proprio Echo, esse murmurio zombeteiro que pelos antros se esconde, alli se transformava em alvo e plangente nûmen.

E era realmente a Grecia um paraizo, cuja vaga saudade existisse innata no espirito dos romanos, como no espirito da humanidade, segundo as tradi-

ções biblicas, parece viver de todo o sempre uma saudosa reminiscencia do eden terreal? Não; a Italia podia affoita pleitear formosuras com a Hellade gentil. No horisonte occidental do imperio, á sombra dos seus laranjaes e das suas romanzeiras de purpurea flor, a Iberia com as suas duas provincias da Betica e da Lusitania rivalisava em encantos com a Attica ensombrada pelas oliveiras, com Delos immersa na sombra mystica dos seus loureiraes, com a Arcadia verdejante, com a Laconia sulcada pelo Eurotas, o rio dos candidos cysnes. Mas entre a Grecia verdadeira e a Italia que se lhe prostrava aos pés, fluctuava o prisma encantado da poesia, voejava o veu translucido das formosas tradições pagãs. A Grecia illuminava-se com os reflexos da juventude eterna do seu protector Apollo; adornava-se, mesmo quando lhe murchava a flor dos campos, com as rosas sempre viridentes que se desprendiam da grinalda de Anacreonte e de Sapho. Esse bando alado de poetas immortaes enlaçavam a sua patria no cinto esplendido das graças. Roma, no auge da sua grandesa, comprazia-se em embalar-se com as melodias, cujos echos lhe tinham acalentado a infancia. A lyra d'Horacio não ousava enramar-se senão com os festões d'Anacreonte, Alceu e Pindaro. Ovidio, Catullo e Propercio afinavam as suas pela harpa eólia de Sapho, o proprio Virgilio caminhava no encalço de Homero e de Theocrito, o grande Terencio punha no rosto a mascara thaliana, que a Menandro servira, e, se Euripedes, Eschylo e Sophocles não achavam imitadores, era porque o seu cothurno de

gigantes os exalçára a tão prodigiosas summidades, que desmaiavam os poetas de Roma só com o pensamento de acordarem de novo n'esses proscenios vastissimos, onde as paixões tragicas se tinham agitado em toda a sua descommunal sublimidade, a voz rugidora da Melpómene grega.

Foi uma grande época essa, e nós, quando escutamos o ecco latino, artisticamente floreado com todos os donaires da civilisação, deliciamo-nos e admirados nos enlevamos, como nos podemos extasiar perante as primorosas cascatas, perante as fontes murmurantes, perante os lagos bordados de flores com que se ostentam os jardins opulentos. Mas desenrolem-se diante de nós as naturaes e primitivas magnificencias do Niagara, appareça-nos de subito o espelho immenso e azul do Léman, rumoreje-nos ao ouvido um riacho palreiro deslisando por entre os fraguedos verdejantes da serra — adeus lagos, fontes e cascatas de jardim! A formosura desenfeitada da naturesa esmaga, pelo confronto, a composta gentileza da arte. Assim tambem admiramos e applaudimos o moderno drama, o drama pautado pelos moldes que nos legou Shakespeare. Mas quando penetramos nos mysterios d'essa floresta de maravilhas que o genio colossal do tragico britannico desentranhou da sua phantasia ardente, tudo cessa. O barbaro sublime offusca os seus civilisados imitadores.

Assim nós temos admirado, temos adorado a graciosa voluptuosidade de Ovidio, quando o sr. Castilho nol-o revelou atravez d'esse veu transparente de magnificas rendas que se intitula a para-

phrase dos *Amores;* mas essas composições tão bellas, tão primorosas, tão artisticas, desmaiam perante a rica singeleza das anacreonticas, singeleza que na traducção do sr. Castilho, escrupulosamente se conserva, unindo-se a uma inexcedivel opulencia de metro, de phrase, e de imagem.

É porque o cantor romano, apezar do seu immenso talento, com os olhos fitos nos modelos gregos, esforçava-se por florear as harmonias na sua lyra de oiro, emquanto a lyra de Anacreonte era verdadeiramente a lyra eolia, que, suspensa na arvore frondosa, enlaçada pelas roseiras e os myrtaes, ao lado da cigarra tão decantada por elle, soltava as cordas aos bafejos do vento voluptuoso do meio-dia, ou as entregava frementes ao sopro da viração, n'essas noites luminosas e lascivas do Oriente; n'essas noites em que as estrellas chovem os leves somnos do thalamo onde a branca Psyche espera o silencioso Eros, da gruta onde o formoso Endymião sente nos labios o argenteo beijo do luar, da vaga morbida, onde Venus, ainda fluctuante na espuma, baloiça o corpo alabastrino em que se cravam os languidos olhos do gentil Adonis, que a espera no leito do areial.

II

Assim como os gregos se podem dividir em duas raças principaes—a dos Doricos e a dos Eolios, raças de caracteres completamente dissemilhantes,

sempre rivaes, bastantes vezes inimigas, e que, depois de mùitas e variadas alternativas vieram a ser representadas pelos dois povos d'Athenas e de Esparta, assim tambem a poesia lyrica, esse murmurio harmonioso das avesinhas hellenicas, se divide em duas escólas: uma, a dorica, mais severa e grandiosa, mais patriotica, de que é o maximo exemplo Pindaro; outra a éolia, mais individual, mais cheia de mimo e indulgencia, que no numero dos seus corypheus tem a insigne honra de contar Sapho, Alceu, e Anacreonte.

Toda a poesia immensa, que depois ha de jorrar em Athenas em torrentes de leite e mel, todo esse lyrismo ardente, que não se ha de limitar á palavra e á melodia, mas que ha de abrazar tambem o cinzel de Phidias, Praxiteles e Lysippo, que ha de desenrolar-se em rendilhadas estrophes ao longo das cornijas do Parthénon, que ha de transformar cada templo n'um poema deslumbrante, cada estatua n'uma ode de marmore; toda essa poesia parece referver nos cachos perfumados das canções d'Anacreonte, como nos aureos bagos das uvas de Chypre ou de Corintho parece estar já espumando o igneo licor de Baccho. Nós comtudo não avaliamos Anacreonte senão atravez do prisma da traducção do sr. Castilho, e essa traducção inunda o livro, d'uma torrente de lyrismo tão fervido e fragrante, que ficamos estupefactos quando se nos depara no magnifico livro de Ottfried Müller sobre a litteratura grega a seguinte opinião.

No entender do sabio hellenista, as poesias

conhecidas pelo nome de canções d'Anacreonte não pertencem ao velho de Téos, e são apenas imitações feitas pelos poetas subsequentes das odesinhas do cantor eólio, imitações onde transparece a immensa poesia do modelo, mas onde se sente o gosto pelo conceito, que é indicativo da poesia decadente, quando a arte vem substituir a espontaneidade primitiva, e onde Venus e Eros apparecem, não já como divindades reverenciadas, mas como personalisação da bellesa e do amor, facto este caracteristico da segunda época do paganismo, que se torna mais sensivel á medida que o mytho vae perdendo o seu caracter augusto para se transformar em symbolo philosophico.

Assim, segundo Ottfried Müller, as anacreonticas gregas não foram mais do que as precursoras da infinidade de poesias n'esse genero, que todos os poetas, desde o romano Ovidio até ao brazileiro Gonzaga, se comprouveram em escrever. Para apoio da sua opinião (que aliás não dá como original mas como a expressão pura e simples d'um facto já estabelecido e incontroverso entre os hellenistas modernos) apresenta Ottfried Müller as traducções de muitos fragmentos de Anacreonte, que se encontram dispersos pelos authores gregos, que elle considera como as unicas poesias authenticas, e que teem effectivamente um sabor mais primitivo do que o das canções conhecidas. Mostra além d'isso que a metrificação monotona do livro anacreontico em nada se assimelha á opulenta harmonia dos fragmentos. Todas estas razões, apresentadas por ho-

57

mem de tão reconhecida authoridade como era o sabio hellenista, abalam o espirito mesmo d'aquelles que mais desconfiam das supposições aventurosas dos criticos allemães.

Comtudo estou que por mais convencido que Ottfried Müller estivesse de que eram apocryphas as canções de Anacreonte, hesitaria de novo se as podesse ler na magnifica versão do sr. Castilho. Como um crivo que retem as impuresas e que só deixa passar a alva flor da farinha, a traducção do nosso grande poeta como que restituiu ás anacreonticas a formosura primitiva, e as tornou dignas de se exhalarem, como um perfume, dos labios de mel do velho folgasão.

Era monotono o metro? recupera no portuguez a sua melodia ainda opulentada e dulcificada; alambicava-se em frios conceitos indignos do primitivo esplendor da poesia eolia na sua florente primavera? Reassume na traducção a frescura virginal das canções no alvorecer da litteratura grega. A imaginação do cantor da *Primavera* foi como que a fonte de Juvencio, em que as desbotadas anacreonticas recobraram a bellesa da mocidade.

Sem poder dar o meu voto em questão por tal fórma grave, porque de todo ignoro o idioma grego, inclino-me a acreditar que não sejam despidas de fundamento as asserções do critico germanico. Vendo as traducções e as imitações de Anacreonte, que pullularam aos milhares no seculo passado, custa a crer que esses epigrammas conceituosos desabrochassem, flores da manhã, nos montes

da Grecia asiatica, apenas arraiados pelo primeiro alvor da civilisação. Não vinha muito longe do selvatico Homero o poeta a quem se attribuem versos mais dignos da época em que florescia Simonides. Mas, relendo-se a versão do sr. Castilho, o pensamento agudo esconde-se sob tão basta e florida ramagem, rescendente ás fragrancias dos myrtaes de Venus orvalhados pelos prantos da aurora, que o espirito de novo hesita. A hesitação cessa talvez quando se relê o admiravel prologo da versão, quando se percorrem os versos dirigidos a Constantino o florista, que obteve a honra da dedicatoria do livro. Percebe-se que o genio immenso que soube innundar com as torrentes de luz, que o céu da Grecia choveu sobre os cantores da sua alvorada, os periodos sonoros da biographia de Anacreonte; que o poeta que soube dar ao verso portuguez toda a melodia eolia, e impregnal-o no perfume dos jonicos rosaes, pôde tambem restituir aos versos anacreonticos a musica e a fragrancia que fluctuavam nos labios do velho de Téos quando assistia, coroado de murta, aos voluptuosos banquetes de Pisistrato.

*

VIRGILIO E CASTILHO

I

A existencia do poeta mimoso que enriqueceu a litteratura portugueza com joias tão brilhantes como o *Camões*, o *Amor e Melancholia* e o *Outono* tem sido completamente absorvida por duas nobilissimas emprezas, uma em que presta um culto religioso ao passado, outra em que prepara as messes do futuro. Entre uma campa e um berço lhe correm as horas doiradas de poesia; já embebido, como um architecto da idade media, em cinzelar as estatuas, em rendilhar os lavores, em desfolhar o marmore nos mil caprichosos ornatos com que vai alindando o tumulo d'uma litteratura extincta, já entretecendo os fios, enredando o casulo, amaciando e aquentando o suave berço onde a chrysalida irá perfazer o seu mysterioso trabalho, até se transformar, borboleta radiante, na litteratura do porvir.

Estas duas obras consistem na formosissima traducção dos classicos latinos, e no seu phylosophico methodo de leitura, methodo que transformando em rosas os abrolhos da estrada do saber, proporciona ás gerações porvindouras o meio facil de se fartarem dos gosos intellectuaes, privilegio ainda hoje de poucos escolhidos. Cingir de novo com um diadema esplendido as frontes d'esses pallidos poetas, cujos vultos se vão quasi esvaindo nas sombras do passado, procrear a semente mysteriosa, que hade germinar nos espiritos, ainda hoje larvas, dos poetas do futuro, fazer sentar, ao nosso lado, n'este convivio litterario, esses espectros grandiosos, remoçados e embellezados, envoltos em nova tunica d'oiro e purpura, e preparar o banquete intellectual das gerações que hão de vir, ser o rouxinol, que em noite de luar poisa entre as ruinas, e parece nos seus canticos dulcissimos contar-nos as maravilhas que outr'ora as povoaram, e a avesinha mysteriosa que prenuncía a aurora, não é cumprir uma augusta e sagrada missão, não é tornar-se digno das homenagens do presente, como se tornou digno do respeito da posteridade?

O presente!.. Se o operario sublime levanta ás vezes a mão do trabalho a que votou a existencia, não é só, desenganai-vos, para soltar á brisa as doces canções que todos sabemos de cór, não é só para dar um applauso e um grito d'animação aos que trabalham em differente mina, é tambem para devolver a pedra que o zombeteiro ocioso lhe vibra aos calcanhares, é tambem porque a dôr das offen-

sas immerecidas o foi despertar do extasi, em que as sombras dos extinctos e as sombras dos que ainda não passaram do Elysio ao berço lhe estavam segredando não sei que palavras de mel, não sei que musicas do Empyreo, favos e melodias com que elle perfuma depois os poemas que solta dos labios na hora do repouso. O presente!.. O presente vibra a calumnia e o insulto ao lavrador incansavel, e só quando este pallido reflexo que se chama o sol dos vivos se apagar para elle por traz das collinas do cemiterio, para além das quaes resplandece o sol da immortalidade, só quando as sombras dos poetas a quem deu vida vierem a recebel-o como foram outr'ora a receber o Dante, só quando os anjos d'alvas azas que hão-de voar para a terra volteiarem gratos emtorno d'elle, só então as viboras humilhadas não ousarão misturar o seu agudo silvo com a voz da posteridade, que bradará como no poema do vate florentino

Onorate l'altissimo poeta.

II

O alvorecer da poesia romantica foi por muito tempo considerado como o signal de morte para o estudo dos classicos. Porque Boileau, escudado com o seu Longino, defendeu Homero e Virgilio contra o bom Perrault seu digno adversario, porque a mo-

derna eschola entendeu que devia decepar as tres cabeças (Aristoteles, Horacio, e Boileau) do Cerbero trifauce que defendia a entrada do Parnaso, julgou-se que o anathema caia tambem sobre essas pleiades brilhantissimas de escriptores que fizeram a gloria da Grecia e de Roma. Era absurda a supposição, e propalavam-n'a apenas uns poucos de maraus da oitava rima, que julgavam muito mais facil fazer versos sem lêr Virgilio, do que lêr Virgilio e fazer versos depois. Hoje que as fronteiras dos arraiaes estão bem delimitadas, hoje que se manifesta claramente a indole essencialmente critica e estudiosa do nosso seculo, tem-se percebido que são dignas de todo o nosso respeito essas litteraturas que representam algumas das phases brilhantes do espirito humano; mais ainda, cotejando os grandes vates da antiguidade com os seus admiradores incartados do seculo XVIII, tem-se percebido que estes ultimos não conheceram nem quizeram jámais conhecer as verdadeiras physionomias d'esses pobres escriptores, e que, da mesma fórma que os sacerdotes das falsas religiões criam um idolo á sua imagem e semelhança, deus-reflexo a que elles dão o egoismo, a avareza, as paixões que os devoram, assim os criticos pintaram a seu modo um falso retrato d'Homero, uma cópia inexactissima de Virgilio, um Ovidio amaneirado, um Propercio do hotel Rambouillet, um Catullo digno de ser auctor da *Astrea*, e diante d'esses manequins se prostravam e por causa d'elles fustigavam bem fustigado o pobre Perrault que, digamol-o em

abono do honrado homem, entendia tanto d'isso como os seus oppositores.

Quando algum dos grandes poetas da antiguidade se apresentava por tal fórma rude e indomavel, que não era possivel reproduzir-se-lhe a physionomia com os pinceis dos Watteau e dos Bouchers litterarios, saía Laharpe á scena, Laharpe um homem audaz! e o sobredito Laharpe, tomando os modos de quem cede ao impulso da sua consciencia, arcava com o gigante, prostrava-o por terra e, coisa horrivel de dizer, horrivel de pensar! dava como provada em Eschylo a infracção das tres unidades; a Euripedes, ao pobre Euripedes que fôra dilacerado por um bando de cães vadios, dilacerava-o de novo com essas matilhas de dogues ladradores, que se chamam figuras de rhetorica; de Aristophanes voltava elle o rosto acceso em pudor, e fazia com que o voltassem tambem os seus ouvintes, os seus ouvintes que todos faziam parte d'essa moralisadissima sociedade do tempo do Directorio.

Pode-se pois dizer que esta litteratura myope, que, em vez de se collocar no ponto de vista necessario para apreciar os grandes poetas da antiguidade segundo as ideias no seu tempo acceites, queria obrigal-os a passarem debaixo das forcas caudinas das suas ideias acanhadas, da sua poetica mesquinha; essa litteratura que louvava em Homero ou em Eschylo as pequenas qualidades, e que lhes reprovava ou disfarçava a grandeza verdadeira, como o cavalheiro de Folard, analysando as expedições herculeas de Alexandre, esses lampejos do raio grego, para con-

cluir no elogio das monobras da phalange da Macedonia, póde-se pois suppor que essa litteratura, toda pedante e impertigada, essa litteratura de M.me Dacier e de Bitaubé fosse a que tivesse uma veneração verdadeira pelos esplendores do antigo, e que o seculo actual, que não recua diante das evocações de todas as epocas, e que, tão audacioso como Semele mas mais feliz do que ella, sabe affrontar a magestade olympica d'esses deuses collossaes, d'esses titães pavorosos que se agitam e refervem no cadinho immenso do velho Éschylo, não aprecie como deve esses filhos primogenitos das Musas? Comprehendemos menos Homero porque em vez de o defendermos com uma seriedade comica de ter empregado o termo *jumento*, allegando como Boileau, que esse termo era nobre no idioma grego, em vez de attentarmos n'uma regra de epopéa em que Homero nunca ouvira fallar, em vez de discutirmos sobre a filiação de Helena, vemos n'essa *Iliada*, o poema enorme de toda uma civilisação balbuciante? na guerra de Troya, a lucta de suas raças? no proprio Homero senão, como pretende Wolf, o mytho sublime em que se resume a poesia d'uma geração inteira, pelo menos o genio grandioso que absorve em si os atomos de poesia dispersos pela atmosphera do seu tempo, o vulto epico verdadeiramente em que primeiro se incarna esse genio da Hellade, que, estreiando-se por um prodigio, ha-de innundar o mundo de maravilhas, e derramar tão vivida luz, tão formoso esplendor no portico do templo da civilização, que ainda hoje nos deslumbram os seus reflexos, ainda hoje essa chamma

apagada nos parece ter-se perfumado outr'ora com todos os aromas do bello?

Não; o nosso seculo, despido completamente de preconceitos litterarios, comprehendendo e applaudindo a espontaneidade, estygmatisando apenas a cópia reflectida e legalisada, tal como a concebiam os escriptores do seculo passado, e que nos parece agora uma profanação da phantasia e do coração humano, o nosso seculo é o que primeiro tem verdadeiramente admirado, sem segundo sentido as obras primas da antiguidade. As traducções dos grandes poetas latinos e gregos, debaixo d'este novo ponto de vista, estão sendo uma necessidade cuja satisfação é altamente reclamada pelos estudiosos. Da mesma fórma que, depois das parodias de Ducis, precisava Shakespeare de ser vindicado em França pela musa franca e valente de Francisco Victor Hugo, assim os poetas latinos e gregos precisam de ser vingados por traducções fidelissimas, não só na letra mas tambem no espirito, das versões ou antes das inversões commettidas por Franco Barreto, Lima Leitão, etc. Mas para que a vingança fosse completa era necessario que o traductor fosse a um tempo um erudito, que familiarmente convivesse com elles, e um poeta digno de lhes escutar e de lhes reproduzir as confidencias. Dizem que ha certos aromas arabes que só em vasos d'oiro se conservam. Transvasem o liquido balsamico do frasco doirado para um frasco vulgar, vejam-n'o antes e vejam-n'o depois da mudança. Conserva a mesma transparencia, a mesma limpidez, a mesma quantidade. O que lhe

falta n'esse caso? Falta-lhe o perfume impalpavel, a incoercivel fragrancia que se esvaío sem que os sentidos mais finos lhe podessem perceber a fuga.

E' o que succede ás traducções do verso para prosa, ainda quando são fidelissimas, como a de Shakspeare por Francisco Victor Hugo. O original lá está palavra por palavra, admiravelmente comprehendido, admiravelmente reproduzido, lithograprehado deveria antes dizer. O que lhe falta pois? Apenas o imperceptivel perfume que se contem n'esse frasco d'oiro que se chama poesia.

O que faltou a Shakspeare em França, tiveram-n'o em Portugal os classicos latinos, um grande erudito, e um grande poeta, um admirador e um rival, um photographo e um artista. Por isso em paiz nenhum podem os estudiosos, sem serem optimos latinistas, comprehender tão bem a litteratura do seculo d'Augusto. Só entre nós foi possivel ter visto Ovidio, e ver agora Virgilio arrastarem a sua longa toga, e recitarem, obrigados pelo snr. Castilho, na nossa formosa lingua, os seus mais bellos versos, ainda embellezados pelo complacente echo.

III

Como vêem o snr. Castilho abandonou por um pouco as profanidades galantes do seu querido Ovidio, e veio experimentar forças com Virgilio, esse deus quasi anjo, segundo a frase de Victor Hugo, esse

poeta cujo verso *porte á sa cime une lueur étrange.* Folguei de o ver debruçar-se sobre o tumulo assombrado pelo loureiro do Pausilippo, e animar com um sopro as cinzas do cantor suavissimo que expirou no seio da Parthenope, tão cantada por elle, entre as rosas de Pestum e as brisas de Baia, na margem d'esse golpho soberbo, a dois passos da cratera inflammada do Vesuvio. As auras da formosa enseada haviam de aspirar com delicias essa alma toda poesia, ultimo atomo puro que se espalhou na atmosphera, exhalando-se de labios romanos.

Virgilio é, pondo mesmo de parte o seu talento magnifico, um dos vultos mais sympathicos d'essa Roma, que o sanguinario Octavio estava transformando de cidade de tijolos em cidade de marmore, como já transformára em espiritos cultivados e venaes os espiritos rudes e fortes dos velhos republicanos. Virgilio não é um opponente, não é um republicano austero, mas tambem não é um cortezão vil. A sua pallida phisionomia como que se doira com os primeiros clarões longiquos da aurora de Jerusalem. Nos seus versos respira-se não sei que suave resignação, que doce melancholia, que tranquillo scismar, mostras do isolamento do espirito puro no meio do mundo corrupto. Longe do turbilhão da cidade, a faia de Tytiro, a choupana rustica descripta no *Moretum*, a casinha da encosta immersa nas longas sombras crepusculares que vão descendo dos montes são os sonhos predilectos do poeta de Mantua. Gosto de ver aquella tranquillidade de Tytiro depois das luctas de Roma; é egoismo,

dirão, é desalento, digo eu; é vago anceio do espirito, vago anhelar pela pureza campestre quando o ar das cidades se empesta. Amo aquella grave e meiga cythara virgiliana resoando entre as profanas lyras d'Ovidio, Propercio e Catullo. No momento em que os cantos dos outros poetas accendem no fogo da voluptuosidade o olhar lascivo das damas romanas, gosto de ver uns olhos de mãi banhados de lagrimas quando a voz de Virgilio murmura o epicedio do filho tão amado, do juvenil Marcello ceifado em flor pela desapiedada morte. Não são duplamente pérolas essas lagrimas maternaes, quando estamos já tão proximos das Agrippinas?

As *Georgicas* foram o poema que o snr. Castilho escolheu para a sua traducção, que foi ha pouco publicada n'uma bella edição de Paris. Nas traducções de Ovidio tinhamos admirado o prodigioso artista despendendo todas as riquezas da sua opulenta imaginação para polir os diamantes que o poeta latino lhe confiára, desentranhando do nosso idioma todo o oiro fino que n'elle se contem para fabricar o engaste das finas joias, appellando para todos os recursos do metro a fim de as entretecer em grinalda de luz, em arrendados maravilhosos, em combinações verdadeiramente magicas. Cada uma das poesias dos *Amores* é um primor só comparavel aos deliciosos artefactos de Benevenuto Cellini, é um deslumbramento continuado, é uma vertigem de esplendor. Mas na simplicidade austera das *Georgicas* o merito não é menor. São flores singelas dos campos, flo-

res naturaes que se trata de combinar em simples ramilhete. O poeta da *Primavera* vai mostrar todo o seu talento de jardineiro litterario.

Lendo o volume podem os leitores do snr. Castilho admirar o rigor, a fidelidade, a valentia metrica, a suprema poesia d'esta versão admiravel. Traduzindo o hexametro no alexandrino, que é o hexametro moderno, o snr. Castilho, para que a illusão fosse mais completa, para que o ouvido, habituado á melodia romana, não estranhasse o rhythmo menos harmonioso do verso portuguez, substituiu a doce musica dos dactylos e dos spondeus pela opulencia inexcedivel da rima. Chega a ser um prodigio vencer as difficuldades que o snr. Castilho se comprouve a accumular; mas tambem nem os estudiosos poderão encontrar em lingua nenhuma interpretação mais fiel do mais bello poema didactico dos Romanos, nem os amadores da bella e robusta poesia podem encontrar n'outro idioma echo mais sonoro e mais suave da grande producção da musa do Lacio.

Ao comparar-se esta versão com as anteriores mais gabadas percebe-se o motivo porque pouca gente comprehende a alteza do genio virgiliano. Faremos n'um trecho essa comparação.

Tomaremos para esse fim a traducção mais applaudida por sabios e ignorantes, a do snr. Odorico Mendes, que deve a essa obra a grande fama que desfructa em Portugal e Brazil.

O snr. Odorico Mendes, obedecendo á idéa do seculo que primeiro que tudo exige uma fidelidade

escrupulosa na interpretação dos alheios escriptores, sacrifica ao rigor da palavra melodia de verso, alteza de frase, clareza de expressão. Póde julgar-se fiel uma traducção n'este genero, em que os formosos versos de Virgilio apparecem inanimados e inertes, como as borboletas radiantes no cartão do naturalista, achatadas e immoveis? Oiçam. Estamos no segundo canto, Virgilio exalta os dons com que a natureza e a arte opulentaram a sua querida Italia:

Estio em mez improprio é verão sempre;
Duplo as arvores parem, duplo os gados.
Não ha sevos leões, raivosos tigres,
Nem mãos incautas o aconito offende;
Orbes não roja immensos, nem tamanha
Se enrosca e se revolve escamea serpe.

Taes cidades ajunta, insignes obras,
Villas, praças roqueiras, tantos rios
Lambendo antigos muros. Os que a banham
Baixo e alto golpho lembrarei? seus lagos,
E a ti, maximo Laro, e a ti Benaco,
Flucti-fremente mar se te encapellas?
Lembrarei portos e Lucrinos diques,
Em roda o pélago indignado urrando,
Por onde o expulsa a onda Julia e sôa,
E entra a maré Tyrrhena Avernas fauces?
Italia ostenta prata e cobre em veias,
Muito ouro devolvia em seus ribeiros.
Deu forte raça de Sabellos, Marsos,

Chuceiros Volscos, Ligures soffridos,
Bravos Scipiões, Camillos, Decios, Marios
E a ti Cesar invicto, que ora d'Asia
Nos fins estás o Oriental imbelle
Das Romuleas cidades affastando.
Salve, Saturnia terra, em fructos grande,
Grande mãe de varões; da arte que honraste
Ouso cantar e te abro as fontes santas,
Espalho o verso Ascreu na vasta Roma.

Viram as pobresinhas das borboletas cravadas no pallido cartão d'uma linguagem pobre, atravessadas pelos alfinetes durissimos d'uma versificação de ferro? Viram o limpido cristal virgiliano, correndo em jorros banaes da bica do chafariz brasileiro? Querem vêr agora as gentis mariposas, transferidas para o jardim de Camões, voejando livres e isentas, e conservando até nas azas resplendentes esse pó doirado que só a mão do genio sabe espalhar? Querem ver a torrente jorrando em ondas espumosas, que scintillam ao sol, e, refrangendo-lhe os raios, parecem chover diamantes e perolas? Silencio, percorre um vago frèmito a rama do loureiro do Pausilippo, e a sombra de Virgilio, debruçada sobre as aguas, escuta sorrindo o echo lusitano:

Ha primavera eterna, e estio em quaesquer mezes.
Duas vezes as greis procriam, duas vezes
se carrega o pomar. Não ha tigres raivosas,
não ha bravos leões. C'o as hervas proveitosas
não se colhem de involto aconitos. Serpentes

de escameo corpanzil, como ha por outras gentes,
quem entre nós as viu correr colleando a rastos,
ou fechar-se em novello, unindo os orbes vastos?!

Ademais de tudo isto, as cidades aos centos
com tão egregia pompa! os grandes monumentos!
as fortes povoações sobre alcantís erectas!
tanto rio a banhar muralhas tão provectas!

Um mar á cabeceira, um mar da Italia ás plantas!
sem nos lagos fallar, soberbos d'aguas tantas:
em ti, Lario, o maior; em ti, Benáco, horrendo
émulo do Oceano em ti furioso erguendo!
Dos portos que direi? Que direi do Lucrino
co'a muralha a frustar-lhe o assalto neptunino
horri-troante ao longe, e pelo Julio esteiro
mal deixando ao Tyrrheno entrar, qual forasteiro,
no fundo lago Averno?
Italia ao sol descobre
rios de prata e d'oiro, e tem no seio o cobre.
Raça d'homens de prol, valentes lidadores:
Marsos, Sabellos, vós, Ligures soffredores;
Volscos, vós os da chuça; aqui fostes criados.
Decios, Marios heroes; Camillos sublimados;
Scipiões, duros á guerra; Italia seus vos chama

Tu, sobretudo, és seu, tu, Cesar, cuja fama
toda a outra escurece; e que hoje, victorioso
já da Asia nos confins, nos dás feliz repouso,
seguros de que nunca o Indo, a quem debellas,
ousará mais pôr mira em nossas cidadellas.

65

Mãe de fructos e heroes, salve, saturnia terra!

Para ti, um teu filho as glorias desencerra
dos tempos que lá vão, da avíta industria agraria.

Intactas até qui de bocca temeraria,
santas fontes, deixai-me em vós dessedentar-me.

Campos de Roma, ouvi-me; Ascra me inspira o carme!

Que volumes de poetica brotam da fecunda comparação d'estes dois trechos, como se aprende tudo quanto é possivel aprender-se d'esta arte sublime da poesia, vendo que artefactos differentes estes dois artistas arrancaram do mesmo oiro romano! Um primor nos versos de Castilho, uma joia banal nos de Odorico Mendes. Dir-se-hia a copia d'um quadro, feita por um principiante, e retocada pelo mestre. As linhas trémulas do lapis inexperiente ondulam em graciosas curvas com dois traços do lapis d'oiro, uma sombra lançada a proposito accentua e vigora uma feição apagada, um ligeiro esfumado ao fundo transforma uns traços asperos e n'um horisonte vago e melancholico. Sempre me occorrem, a proposito de taes mudanças, dois versos de José Agostinho de Macedo devolvidos por Bocage na *Pena de Talião*. O raivoso frade dizia-lhe:

Codros, Crispinos, Cluvienos vivem
De Juvenal nas satyras sublimes.

Como o bronze rude, caindo na fornalha inflammada, é devolvido em liquida torrente que vai dar vida a um primor d'estatuaria, como a terra aurifera caindo no instrumento proprio depõe o sedimento, e devolve ao mineiro as parcellas puras do metal resplendente, assim os dois versos de José Agostinho, caindo no fervido espirito de Bocage, perderam o elemento prosaico, e foram devolvidos n'este jorro de candente poesia:

> Codros, Crispinos, Cluvienos soam
> No latido feroz do cão de Aquino!

A barra informe sentiu a pressão febril dos dedos do artista, e mudou-se em primorosa joia!

O mesmo acontece na comparação dos versos de Odorico Mendes e dos versos de Castilho. Mas, dir-me-hão: Odorico Mendes sacrificou tudo á fidelidade. Será possivel, mas a traducção de Castilho é muito mais fiel que a d'elle. Basta que se veja o primeiro verso:

Hic ver assiduum, atque alienis mensibus æstas

Ha primavera eterna, e estio em quaesquer mezes

diz o snr. Castilho.

Estio em mez improprio é verão sempre

diz inintelligivelmente o snr. Mendes.

Vejam depois

Os que a banham
Baixo e alto golpho lembrarei?

Assista-se á transformação:

Um mar á cabeceira, um mar de Italia ás plantas!

Continuemos: No emprego das palavras compostas note-se o *flucti-fremente mar* do snr. Mendes, expressão que nada quer dizer porque um lago tambem é *flucti-fremente*, e a ideia de Virgilio reclamava um epitheto só applicavel ao Oceano, porque do Benáco diz que, estando furioso, semelha o pélago encapellado. Adiante o snr. Castilho quer tambem empregar um composto. Que differença já! *Horri-troante mar!* sente-se ao longe o mar bramindo e quebrando furioso nos diques de Lucrino!

Ainda não pára aqui. Vejam os dois versos do snr. Odorico Mendes:

Italia ostenta prata e cobre em veias
Muito oiro devolvia em seus ribeiros.

Por uma fidelidade pueril ás palavras do original o snr. Mendes atropellou a grammatica, atropellou o senso commum, e escreveu este engraçado verso:

Muito oiro devolvia em seus ribeiros!

Castilho despregou as suas azas de poeta, e, attendendo mais á altiloquia da frase e ao oiro da poesia do que aos escrupulos metallurgicos e reverenciados pelo escriptor brasileiro, arrancou a prata ao seio da mãe Ausonia, lançou-a na corrente dos seus rios, e escreveu, com applauso de Virgilio, este hemistichio e este verso valentissimos:

Italia ao sol descobre
rios de prata e oiro, e tem no seio o cobre

E agora encaremos de novo a traducção debaixo do ponto de vista da fidelidade e vejâmos como a intenção poetica do grande escriptor venceu o escrupulo vulgar do traductor *pai-velho*. Leiam este verso; Virgilio congratula-se com os seus compatriotas porque o imperador os livrou dos sustos que a India lhe podia inspirar, e diz:

Imbellem avertis Romanis arcibus Indum

O sr. Odorico Mendes traduz com um escrupulo de estudante do terceiro anno, e escreve... um contrasenso:

... estás o Oriental imbelle
Das Romuleas cidades affastando

Não falta um só significado, a traducção é litteral, mas o absurdo mostra a ponta do nariz por entre as frases irreprehensiveis. Pois se o Oriental

é imbelle, como tem grande merecimento Cesar affastando-o das cidades romanas, e como é que Virgilio, depois de ter gabado Scipião que venceu os Carthaginezes, Camillo que venceu os Gallos, Decio que derrotou os Lusitanos, Mario que destruio Numidas e Cimbros, tudo gente pouco imbelle, e commandada por chefes da força de Annibal, de Brenno, de Jugurtha, etc., como é que Virgilio ousa gabar depois d'aquelles heroes um Cesar que se diverte a derrotar gente pacata e amiga do seu descanço? O snr. Odorico Mendes satisfez-se com os applausos do diccionario, o snr. Castilho, cujo espirito communica na sombra com o do seu irmão Virgilio, foi mais além, e, com a faculdade divinatoria de grande poeta, *vates*, comprehendeu o verdadeiro sentido do accusativo *imbellem* e escreveu:

nunca o Indo, a quem debellas
ousará mais pôr mira em nossas cidadellas

Não continuamos a comparação; não quizemos demonstrar o axioma da superioridade da traducção do snr. Castilho sobre todas as versões anteriores, quizemos unicamente, analysando um trecho d'esse livro do nosso grande poeta, e comparando-o com um trecho d'outra versão geralmente apregoada como boa, mostrar os predicados que se exigem d'um traductor, e provar d'essa forma que a grande obra a que o sr. Castilho consagrou a sua existencia não é, como por ahi se diz, uma brilhante inutilidade, não é simplesmente um especimen d'optima linguagem, e d'harmoniosos

versos, é tambem a unica interpretração completa das grandes producções da musa latina, a unica traducção que os estudiosos possam consultar com proveito, e com a certeza de que vão n'ella encontrar o original fielmente reproduzido, sem ter perdido um raio só dos esplendores com que deslumbrou os seus contemporaneos e a posteridade.

Dando noticia d'este livro devo tambem agradecer ao illustre poeta a honra que me fez associando-me a esta obra immortal, na dedicatoria da traducção do quarto canto. O grande-vate, que o snr. Castilho agora traduz, doou a immortalidade a um ignorado poeta, Gallo, inscrevendo-lhe o nome n'uma das suas mais formosas eglogas. O traductor e rival de Virgilio, como elle generoso porque é opulento como elle, franqueou-me as portas do futuro, dando-me um logar no seu carro triumphal. Seria ingrato se não manifestasse aqui a minha sincera gratidão por tão subida honra.

EDUARDO VIDAL (¹)

I

O sr. Eduardo Vidal não é um poeta para nós desconhecido. Não ha muito que o ouvimos balbuciar as suas «Harmonias da madrugada,» madrugada esplendida, aurora toda rociada de poesia, que nos annunciava o despontar de um dos astros mais promettedores da nossa litteratura. Depois, entre as preoccupações do nosso prosaico labutar, entre as agitações da vida politica, do trafego commercial, ou da vida elegante, não menos agitada, não menos prosaica, bem que mais esteril de fructos prestadios, ouviamos um canto suavissimo, todo frescura e sentimento, e involuntariamente escutavamos o hymno do poeta, ao passo que trabalhavamos por destruir em torno de nós a poesia, como o rachador de lenha póde interromper o trabalho, suspender o machado

¹ *Folhas soltas*, 1 vol.

erguido já para estoirar a arvore, quando d'entre as franças do pinheiral rareado se ergue para os céos o timido queixume da gemedora rola.

Esperava o publico ha muito a condensação em volume d'essas poesias soltas, o entrançar em grinaldas d'essas perfumadissimas flores, o enfiar em rosicler d'essas mimosas perolas. O volume publicado pelo sr. Eduardo Vidal foi muito além do que o publico esperava; generoso como quem tem a consciencia de possuir inexgotavel mina, d'onde extrairá, sempre que quizer, novas riquesas, nem se quiz abaixar para colher no chão do jornalismo as joias, que por alli espalhára a granel. Raras são as poesias já conhecidas que figuram n'este volume.

Trez poemetos novos, *Beppa*, *o Lyrio do Valle*, e *Magdalena*, apparecem n'este volume ao lado do *Fernando;* muitas e deliciosas poesias lyricas se enlaçam com algumas das que já tinham sido admiradas pelos leitores da *Revista Contemporanea* e de mais alguns jornaes, em que o sr. Eduardo Vidal collaborára.

É pois este volume a manifestação mais aprimorada e completa do talento lyrico do sr. Vidal. Podemos afoitamente formular o nosso juizo, sem temermos baseal-o em documentos que tenham apenas um valor relativo.

Em todo o esplendor da sua primavera, o cantor das *Folhas soltas* possue já a correcção, que habitualmente só julgamos encontrar nos poetas, quando a phantasia, desbotando-se, procura na palheta do metro e da linguagem as tintas, cuja com-

binação magica possa disfarçar a falta d'originalidade e d'audacia nas linhas do desenho. A primavera d'este sympathico talento é a primavera n'um jardim; as rosas pompeiam as suas galas em viçoso e elegante canteiro, baloiçam os lirios a sua corolla nevada á beira dos graciosos lagos por onde voga o cysne, agrupam-se os lilazes em perfumada moita, e a baunilha, enlaçando-se em formosas espiraes, tapeta os muros com a sua alcatifa de folhas e flores. Tudo são aromas, tudo verdor, tudo suavissimos matizes, tudo um luxuriante desatar da seiva de maio em esplendores e fragrancias, não doidamente como no matto bravo, mas correcta e graciosamente como n'um parque italiano.

Este elogio seria um epigramma, se á mente dos leitores occorresse n'este instante um jardim do seculo passado, com as suas ruas symetricas, o seu buxo tosquiado, as suas lamedas pautadas, as suas estatuas dispostas em atiradores, mas com escrupuloso alinhamento, as suas arvores anãs, a sua insipida correcção. Longe de mim tal idéa. O jardim, que eu tenho na phantasia quando o meu espirito se enleva com as poesias do sr. Vidal, ao passo que a melodia dos seus versos me vem afagar suavemente o ouvido, é um jardim em que a naturesa se revela em toda a sua magnificencia, e em que a arte apenas entra para lhe dispôr as pompas de fórma que mais captivem ainda os olhos do espectador. É um d'esses jardins, cujas lamedas solitarias despertam em nós tão suaves pensamentos, onde a tristeza se aninha na espessura do arvoredo, e onde o

murmurio das aguas, banhando os tapetes de verdura, entoa aos nossos ouvidos um vago e delicioso cantico. Aqui o esplendido lyrismo dos parques italianos, com as suas magestosas escadarias, com as suas alvas estatuas, mais além a melancholia pungente e deliciosa dos jardins inglezes, com a sua variada perspectiva, com o seu aspecto campesino.

Não direi que o escrupulo, aliás muito louvavel, com que o sr. Eduardo Vidal cinzela o verso e aprimora a fórma, lhe não entorpeça ás vezes o vôo da phantasia. Isto levemente se nota nos trez poemas novos com que o sr. Vidal enriqueceu o volume. Estes trez poemas despertam no espirito dos leitores a idéa de librettos d'operas, librettos magnificos ainda assim, librettos de Felice Romani; mas librettos em que a chamma que brota da lucta das paixões é sacrificada á necessidade de arranjar arias, duettos, balladas, romanzas, tudo delicioso, tudo de mais a mais realçado pela musica soberba, mas que estão longe de formar scenas de verdadeiro drama. Vejamos a *Beppa*, por exemplo.

Beppa é uma formosa menina, que tem uma irmã não menos formosa, e que está apaixonada por Guilherme, com quem vae casar. O jubilo que sente com esse casamento exprime-o ella a sua irmã n'uma *ballata* de indizivel frescura e mimo, que principia:

Sou feliz! Oh! ser amada
É ter um céo cá na terra,
É ver as brenhas da serra
Converterem-se em jardim;

É sorrir, é ser ditosa,
É crer, ousar, ter fé pura,
E tragar quanto é ventura
N'um beijo ardente sem fim.

Casa, e o casamento é pretexto para um admiravel côro, cujo merecimento lyrico os leitores podem avaliar pela oitava, que ao acaso desprendo d'essa grinalda:

Eil-a que chega...
Como é formosa!
Botão de rosa
Que ha pouco abriu!
Teçam-lhe todos
Alva capella;
Noiva tão bella
Jámais se viu.

Apaixona-se Guilherme pela cunhada, e assim lh'o diz n'uma *romanza*, que principia:

Um crime, meu Deus, ai triste,
Não sabes que proferiste
N'esta palavra infernal.
Um crime adorar-te, qu'rido?
Pois se esta chamma fatal,
Que eu sinto tragar-me a vida,
Desceu-me inteira do céo,
Como póde ser peccado
Ver-te o rosto desmaiado
Accender-se a um beijo meu?

Surprehende-os Beppa, e rompe n'esta bellissima aria:

Bem sei! foi curta a ventura
D'esta existencia; n'um'hora
Toldou-se o clarão d'aurora
Que tão bella eu vi raiar.
Fugiram minhas delicias
Meus sonhos d'oiro e de neve,
Fugiram, bem sei, foi breve
Mas bem triste o despertar.

O lyrismo esplendido d'estes diversos trechos não lhe desculpa sufficientemente o tom declamatorio. No mais pathetico lance o poeta interrompe-se para affeiçoar pausadamente os versos d'uma quadra, ou d'uma oitava, e o poema é tão visivelmente feito com o fim especial de dar cabimento ás arias e aos duettos, que a parte exclusivamente narrativa, o recitativo, baixa logo o tom e deixa-se ir familiarmente no verso hendecasyllabo, sem pretenções a heroico. Sente a gente que saíram da scena as primeiras partes, o tenor e a dama, e que é um Bruni qualquer o encarregado de pôr o leitor ao facto do enredo que ha de motivar novos *adagios* e novas *caballetas*.

Este defeito ou antes esta consequencia natural da indole do talento lyrico do poeta, nota-se tambem nos outros dois poemas, e nem ao de leve macúla essa elegia admiravel que se chama *Fernando*, uma das mais bellas composições poeticas da nossa lin-

gua. Ahi é que ha perfeita espontaneidade, ahi é que a inspiração eminente, que torna já o sr. Vidal um dos nossos mui distinctos poetas, se revela em todo o seu esplendor. Que sentimento, que magia, que mimo, que suave tom o d'esse quadro, onde não ha o mais leve descuido! Que deliciosa scena a do passeio no barco! Ressumbra esse poemeto tão meiga melancolia, e tão doce singeleza, que não ha canto de Bellini que mais se nos entranhe no intimo d'alma, e mais brandas commoções nos desperte.

O sentimento, o lyrismo juvenil, o doce enthusiasmo são as feições caracteristicas do talento de Eduardo Vidal. Canta como o rouxinol, enlevando-se ás vezes demasiadamente nos requebros da sua voz, mas enchendo a floresta com a inexcedivel melodia dos seus gorgeios, traduzindo nos seus magicos hymnos o perfume das rosas, o esplendor das noites estrelladas, os encantos do amor, as tristezas de saudade, a poesia emfim nas suas manifestações mais suaves. Espirito fadado para se embevecer em deliciosas contemplações, para se alimentar de sonhos, para viver na região etherea, que é illuminada pelo roseo clarão do ideal, mais melancolico do que enthusiasta, mais reflexivo que arrojado, Eduardo Vidal é uma d'estas sympathicas figuras, que, como a de Millevoye ou a de Thomaz Moore, exercem na litteratura uma influencia suave, e contribuem mais ás vezes do que os Hugos e os Byrons, pelo imperio que exercem nas almas delicadas, para fazerem voltar a poesia transviada ás fontes eternas

da inspiração affectuosa, da meiga singeleza, do puro lyrismo. Atravessam o mundo, sem soltarem o grito de revolta, mas olhando-o com o desdem, que admiravelmente Garrett exprimia no prologo das *Folhas caídas*.

O attrito da prosa fere estas sensitivas, cujo timido calice aspira com delicias a brisa do céo, que lhe colhe as fragrancias. Eduardo Vidal ainda tenta verberar a prosa mundana n'um ou n'outro *hors-d'œuvre* dos seus poemas; mas a gargalhada, que os seus labios costumados aos canticos divinos pretendem soltar, sôa-nos aos ouvidos tão estranhamente como soaria o riso d'uma rola. Fallece-lhe de prompto a veia ironica, e um «parvos» bem cheio e bem sonoro, arremessado chãmente ás faces do mundo dos barões, mostra que o poeta estava já ancioso por largar o latego, que manejava desgeitosamente, e por voltar a empunhar de novo a harpa das sublimes tristezas, das doces effusões, das delicadas melodias.

Empunhe-a sempre! Rarissimos em Portugal lhe teem feito vibrar as cordas com tão suave magia, raras vezes tão casta e tão graciosa musa affagou com as niveas azas a fronte d'um poeta. Embeba-se nos esplendores, nas fragrancias, nas harmonias da sua primavera tão opulenta, e promettedora d'um estio ainda mais magnifico, e permitta-me que, prestando homenagem ao seu brilhantissimo talento, lhe diga, repetindo-lhe uma das estrophes da sua *Magdalena:*

Oh! sê livre! Não poises de leve
Sobre as vagas do mundo fremente,
Pode, ai musa, levar-te a corrente
E sumir-te nos brejos fataes.
Não te illudas, não ouças, não pares
Ao vozio que emtorno se eleva;
Que te importa este abysmo de treva
Se te inundam clarões immortaes!

JULIO CESAR MACHADO (1)

I

Ha em todas as litteraturas uns vultos graciosos, que, sem representarem um papel importantissimo no movimento litterario, conquistam apesar d'isso as attenções de todos, e inspiram uma indizivel sympathia aos seus contemporaneos e ás gerações posteriores. Que papel representa na historia séria, grave, academica da humanidade esse vulto de Don Juan Tenorio, que inspirou tantos poetas desde Tirso de Molina até Molière, desde Molière até Byron, desde Byron até Hoffmann? Por que mysterioso incanto esse vulto, que mal se divisa no segundo plano da legendaria tela das Hespanhas, serviu de modelo a tantos pinceis notaveis, e por que motivo não houve grande artista, que não tentasse

1 Em Hespanha.

reconstruir, por essas linhas meio apagadas, a physionomia completa do grande seductor?

É porque Don Juan é o typo eterno da mocidade, com os seus incantos, as suas tentações, os seus abysmos cobertos de flores, idolo cego, em cujos altares nos sacrificamos com delicias, que nos abandona impiedoso, e para o qual voltamos sempre os olhos inundados de lagrimas, vulto mysterioso em que a idade media transformou o perfumado Eros, que a ridente Grecia lhe transmittira. Mudou-lhe a aljava em guitarra andaluza, a venda na capa castelhana. Conservou-lhe a mesma impassibilidade, deu-lhe o mesmo poder fatal sobre os corações de todos. Esse vulto não morre, embora a estatua de pedra do commendador venha procural-o á sala do banquete, e arrastal-o comsigo para as regiões infernaes; embora pareça que se extinguiu essa existencia aventurosa, vemol-o sempre reapparecer, transformando-se segundo as necessidades da época — solemne, grave e fanfarrão na comedia hespanhola; ironico e chacoteador na peça de Molière; voluptuoso, fatal, aventureiro no poema de Byron; enigmatico e mysterioso no conto de Hoffmann; elegante, frivolo, *dandy* no romance de Mallefille.

Houve em todas as épocas nas litteraturas uns Don Juans da penna, que symbolisam a mocidade alegre, estouvada e phantasiosa, seductora, humoristica, misturando as lagrimas que rapidamente se enxugam com o riso desconstrangido, professando completa indifferença pelo passado, presente e futuro da humanidade, encantadoramente frivolos, sacer-

dotes do prazer, thuribularios da formosura, avessos ao pedantismo, objectos de escandalo para os beatos do seculo XVII, para os financeiros do seculo XVIII, para os conselheiros do seculo XIX, adorados pelas beatas, pelas financeiras, e pelas conselheiras. Estes vultos perfumam as paginas da historia litteraria com o aroma do seu espirito fecundado pelo ardente fulgor do sol da juventude. São uns estouvaditos malmequeres, que, para nascerem, só precisam do influxo da primavera, e que apparecem nos canteiros do classicismo, ou nas selvas do romantismo, não se importando com a indignação do jardineiro, que vê perturbado o elegante alinhamento das suas flores aristocraticas, ou com o torvo aspecto das arvores carrancudas, dos carvalhos romanticos, que, arrojando aos ares a sua copa frondosissima em constantes aspirações para o ideal de Dante e de Shakespeare, não comprehendem o sorriso d'essas alegres florinhas, que só desejam viver, amar e incantar a vista do passeiante solitario com o esplendido matiz das suas folhas.

A esses filhos prodigos da litteratura está sempre reservado um logar no banquete da immortalidade; esses *enfants-perdus* das lettras não formam nas phalanges, não occupam um logar determinado na lista dos coroneis, não commandam um regimento uniformisado regularmente; volteiam ao acaso em torno das fileiras, seguindo o caminho que a sua phantasia lhes indica, afastando-se da estrada real para tomarem pelas veredas floridas, pelas umbrosas devesas, parando para escutarem o canto do

*

rouxinol, para verem o effeito de um raio de sol por entre a espessura do arvoredo, e percorrendo, de digressões em digressões, essa amena estrada, toda meandros e torcicollos, que os francezes denominam «*le chemin des amoureux.*»

Para esses inventaram os inglezes a palavra «*humourists*», e deram á Europa o modêlo immortal «Sterne.» A França já contava n'essa turba um grande numero dos espiritos elegantes do seu seculo XVIII. Xavier de Maistre veiu pôr o remate n'esse edificio frivolo e delicioso, n'essa *petite maison*, onde ia folgar desconstrangidamente a litteratura, toda grave e cortezã nas salas da academia.

Escriptores houve, que ao que tomavam como desenfado dos seus trabalhos de maior vulto devem hoje a sua unica reputação. Addisson estaria submergido no oceano do olvido com o peso do seu *Catão*, e outros declamatorios escriptos, se o não salvassem as immortaes diversões do «*Spectator.*» Houve alguns, que reuniram essa grinalda de flores campestres ao aureo diadema, que já lhes cingia a fronte por victorias alcançadas nas regiões officiaes da litteratura. Tal foi entre nós Garrett, modêlo em tudo, que, largando o escopro com que cinzelára no marmore da historia portugueza o *Fr. Luiz de Sousa* e o *Camões*, o pincel com que traçára na tela das nossas tradições o maravilhoso quadro de *D. Branca*, pegou uma vez, por desfastio, no lapis do desenhador, e esboçou em dois traços um livro admiravel que se intitula «*Viagens na minha terra.*»

Outros ha que resumem toda a sua physiono-

mia litteraria n'essa feição graciosa; que, acceitando francamente o papel, que a sua vocação lhes indica, não renegando a musa juvenil, que os affaga e os ama, se ufanam d'esses amores, e dão o braço em pleno dia á gentil e travessa *grisette* com quem folgam pelas campinas do folhetim, do conto ligeiro, do livro de *touriste*. Esses são os Henrique Murger em França, os Julio Cesar Machado em Portugal.

Essa *grisette*, de chapeu ou antes de aureola côr de rosa, que os talentos officiaes e academicos acariciam em segredo, com quem se limitam a travar futeis e ligeiros amores, amores em que só fallam com um sorriso meio ironico, e que revelam ao publico, pedindo sempre desculpa para estas frivolidades da juventude, é a amante querida, a inspiradora d'estes espiritos deliciosos e juvenis, que em França escrevem as *Scènes de la vie de Bohème*, *Le Pays Latin*, e *Les buveurs d'eau*, e em Portugal as *Scenas da minha terra*, as *Recordações de Paris e Londres*, e esse livro encantador que se intitula *Em Hespanha, Scenas de viagem*.

Julio Cesar Machado possue um genio viajante; se vivesse em pleno seculo XVI, seria companheiro de Fernão Mendes Pinto e escreveria um livro delicioso, em que faria rir a mocidade á custa dos mandarins do celeste imperio, dos bonzos japonezes, e dos bigodes dos malaios; um livro, em que o pésinho das chinezas havia de ter a sua apotheose, e em que as juvenis japonezas das «casas de chá» haviam de encontrar fielmente registrados os encantos especiaes da sua formosura amarella.

Porque o espirito de Julio Cesar Machado é essencialmente indulgente e possue a intelligencia ampla da mocidade, indulgencia que só não protege a velhice.

Aquella alma de fogo inflamma-se ao contacto de tudo quanto é juvenil e ardente; só o repellem os gelos e as sombras, Mathilde Diez e o Escurial; aquella porque tem sessenta annos, este porque teve seiscentos logo que nasceu.

Pergunta-se por ahi qual é o motivo porque Julio Cesar Machado, acolhido tão lisongeiramente quando appareceu na scena do folhetim, hoje que o seu talento se tem aprimorado e robustecido, ouve ladrar-lhe em torno um bando de mastins da critica, que lhe abocanham as obras, e lhe proclamam a decadencia. A rasão é obvia; Julio Cesar Machado alegrou com os raios do seu espirito, que ha de ter sempre vinte annos, esta sociedade avelhentada, que bate o queixo á soalheira de um inverno, que tivemos a habilidade de fabricar n'uma terra onde nunca houve senão primavera. Mas a mocidade, cuja suave alegria aquenta o coração enregelado dos velhos, a final irrita-os, porque lhes está sempre avivando, pelo contraste, os frenesis da impotencia, as rabugices da fraquesa. Este riso franco e desconstrangido, este espirito, que o mais insignificante nada põe de bom humor, que encontra o elemento comico n'um gesto, n'uma attitude, n'uma palavra, irritaram por fim a gravidade nacional. As mumias egypciacas, presentes ao festim litterario portuguez, fizeram má cara ao espumoso Champagne;

os cyprestes lusitanos menearam a copa, formada de chapeus altos, para sacudirem o rouxinol, que se desentranhava em melodias scintillantes, poisado na ramaria. Houve uma conjuração de nenias contra o folhetim, uma conspiração de conselheiros contra o folhetinista; os bocejos protestaram contra a gargalhada, a velhice contra a mocidade, a estatua de pedra do commendador foi-se afferrar ao braço de D. Juan Tenorio!

Embora! os livros de Julio Cesar Machado, ainda que um ou outro conto, escripto em horas de enfado, podesse, com assentimento dos leitores, riscar-se do catalogo das suas obras, hão de viver no futuro, porque reunem a elegancia franceza á vivacidade que é temperada por não sei que vaga melancholia, luminosa e serena como os raios da lua, que se espraiam, nas noites perfumadas do estio, pelas nossas floridas veigas, pelos nossos rios d'aguas tão limpidas, de tão verdejantes praias.

Os livros de viagem hão de ser principalmente, parece-me, o titulo de gloria do folhetinista da *Revolução de Setembro*. A sua imaginação um tanto preguiçosa não tem muitas vezes animo de procurar, de descobrir, de desenvolver, de dar vida a idéas abstractas; por isso os seus contos são quasi sempre esbocetos, mais ou menos primorosos, conforme a disposição do pintor no dia em que preparou a téla e embebeu o pincel nas tintas. D'esse trabalho um tanto inconsistente resultam *esquisses* mais ou menos cuidadas, mas sempre galantes, mas sempre graciosas, tendo sempre nos traços rapidos do

desenho, no vago esfumado do fundo, o cunho do talento humoristico, o reflexo das azas esmaltadas da borboleta. Ora desenhos assim, se nunca podem conseguir as honras dos grandes quadros, conquistam todos os suffragios, quando os vemos na carteira do viajante. São admiraveis as illustrações da *Divina Comedia*, feitas por Gustavo Doré, sel-o-hão menos os esbocetos do seu album de *touriste* na Hespanha? E Toppfer não conquistou uma reputação immortal com os seus leves desenhos á penna? E os esboços de Domingos Antonio Sequeira não formam a melhor parte da sua fama artistica, a maior de Portugal?

A imaginação de Julio Cesar Machado é, como já disse, preguiçosa, e o artista não se abalança de motu proprio ao trabalho da composição, não procura assumpto, não tenta desenvolvel-o; mas, se o assumpto se lhe offerece, se as paizagens, as physionomias, os costumes, os incidentes burlescos ou sentimentaes se lhe deparam, no rapido panorama da viagem, oh! então é maravilhoso o vêr como o lapis corre ligeiro a desenhar de relance a perspectiva, a fixar no velino da carteira a physionomia apanhada a furto. Por isso o livro *Em Hespanha* é adoravel de rapidez, de graça, de sentimento, de fina observação. Não é, como o livro d'Edgar Quinet *Mes vacances en Espagne*, um quadro cheio de colorido, de luz e de poesia profunda, onde ha grandes massas de claro-escuro; é um desenho ligeiro, vaporoso, engraçado, onde um traço basta para ca-

racterisar uma physionomia, uma anedocta um costume, uma linha flexuosa, uma paizagem.

N'este livro, como em quasi todos os escriptos de Machado, sente-se uma individualidade sympathica. E já que fallei no volume de Edgar Quinet, volume admiravel mas que fórma com o de Machado um perfeito contraste, direi que o leitor das *Mes vacances en Espagne* conserva perfeitamente a sua isenção d'espirito para poder avaliar e discutir as idéas do grande escriptor francez; o leitor das «*Scenas de viagem na Hespanha*» consubstancia-se com o author, vê pelos olhos d'elle, sente as suas impressões.

Deve deduzir-se d'isto que digo que o novo livro de Machado é irreprehensivel? longe de mim tal pensamento. O livro *Em Hespanha* tem um defeito capital, que vou expôr com a franqueza a que me obrigam o meu dever de critico, e a amisade que me liga ao seu auctor.

Esse defeito é o da linguagem. Não que eu reproduza a censura de pouca vernaculidade tantas vezes feita a Julio Machado, nem que me faça defensor da caturrice, que prende uma lingua aos modelos classicos, e agrilhôa a um cadaver a expressão dos sentimentos dos vivos. A linguagem de Michelet está a cem leguas da puresa classica; mas talvez por isso mesmo possue uma originalidade e um colorido pittoresco taes, que o grande critico francez Taine, em vez de a censurar, faz notar aos leitores o vigor dos seus neologismos, e dos seus germanismos. As «Viagens na minha terra» não con-

ciliariam de certo os applausos de Filinto Elysio. Mas o defeito que eu encontro na linguagem do livro de Machado é que não reproduz bem o seu pensamento ás vezes de tanta elevação, é que, impregnando-se a phrase no espirito estrangeiro, veste com difficuldade as roupas nacionaes que se lhe não ajustam ao corpo. Estas innovações á Michelet e á Garrett podem ser feitas por quem, conhecendo a fundo todos os recursos da sua lingua, emprega audazmente um termo novo que lhe fica mais accommodado a um pensamento novo tambem. Depois de estarmos bem possuidores do instrumento, podemos fazer as variações que nos aprouverem. Machado nem sempre é feliz n'esse ponto, e ha no seu livro com grande abundancia imagens admiraveis, mas realmente admiraveis pensamentos sublimes, inspirações de grande poeta, que não produzem todo o seu effeito, porque o author não acertou bem com a tecla, que dá o som correspondente.

Em conclusão, o livro *Em Hespanha*, apezar d'este defeito de fórma, ha de viver no futuro, e ha de ser sempre admirado, porque tem as grandes qualidades do estylo, a finura das observações, o vivo sentimento da poesia, e um perfume indescriptivel de mocidade.

MÉRY

Vão agora principiando a desapparecer da scena do mundo esses grandes escriptores, que, nascidos com o seculo, lhe inundaram de tão vivo esplendor a aurora; esses escriptores cheios de enthusiasmo, de fogo e de vida, cuja imaginação, abrazada por um reflexo das scenas épicas do imperio, das scenas tragicas da republica, se arrojou, ébria de prazer, vendo-se livre da etiqueta litteraria do seculo de Luiz XIV, pelos novos trilhos que tinham berto na vigorosa floresta da phantasia humana esses gigantes que foram os Mirabeaus e os Napoleões da revolução litteraria; esses gigantes que se chamavam Gœthe, Byron, Chateaubriand e Scott, cujos nomes, gravados no marmore da historia, não a illuminarão com menos lampejos do que a espada do grande imperador ao gravar em letras de bronze

n'essas marmoreas paginas a epopéa sublime da sua existencia quasi legendaria.

O tumulto vae reclamando esses homens que encantaram a nossa adolescencia e foram os confidentes dos sonhos da nossa juventude. Essa geração brilhante, que pullulava enthusiastica e ardente ao sol da nova litteratura, como um acervo de plantas tropicaes ao claro sol da America; essa geração, em cujo seio refervia o lyrismo, vae-nos cedendo o campo a nós, velhos de vinte e cinco annos, cuja mocidade tem de se envergonhar perante a velhice verde, robusta e ainda creadora dos nossos predecessores; a nós, pallidas plantas de estufa, que succedemos a esses baobabs copados e viçosos, onde os annos pareciam apenas opulentar a seiva e espraiar a ramaria. E de cada vez que o machado do matteiro impiedoso derruba uma d'essas arvores, ainda todas avergadas a um tempo dos fructos do pensamento e das flores dos sonhos juvenis, sentimos uma tristeza profunda, como se fosse mais uma gota do calice do ideal que se derramasse diante de nós, como se fosse mais uma parcella do fogo sagrado que se extinguisse, e temos a triste convicção de que já não ha quem ouse encher a sublime taça na Castalia, onde nossos paes se dessedentavam com delicias, de que já não ha quem saiba reaccender a sacra chamma que inflammava a geração que nos precedeu, e que a tornava apta para os grandes commettimentos e para as portentosas concepções,

Morreu ha pouco em Paris um dos homens

que melhor representavam as tendencias d'essa geração, educada com os boletins do imperio, e que n'essas paginas concisas, onde se respirava o cheiro da polvora, e onde parecia ainda arder o fogo da batalha, bebia o enthusiasmo com que entrava na liça, ou para defender a liberdade, ou para deixar vaguear a phantasia pelas mil veredas floridas que o espirito humano se compraz em percorrer quando não é obrigado pela vara de ferro do despotismo a seguir a sêcca e arida estrada real, em cujos extremos se encontravam esses dois guarda-barreiras, Boileau e La Harpe.

Esse homem, cuja physionomia é uma das mais caracteristicas e vigorosas do seculo XIX; esse homem, cuja morte não produziu tanta impressão na Europa como se julgaria que produzisse, porque succedeu na occasião em que estavam todas as attenções absorvidas pela gigante lucta que se principiava a travar nas margens do Mincio e do Elba: esse homem era o poeta e romancista marselhez José Méry.

Foi em Marselha que elle nasceu, no anno de 1798, e nem outro sitio de França havia onde se podesse formar essa imaginação ardentissima, que parecia conservar uma centelha do espirito atheniense legado aos marselhezes pelos phoceos, fundadores da velha colonia das Gallias. Diz Henrique Heine, no seu formoso livro *Reisebilder*, que uma linda rapariga que viu lhe parecêra formada de luar, perfume de rosa e canto de rouxinol; na opulenta phantasia de Méry parece que entraram como

elementos constitutivos o sol da Provença, o aroma das larangeiras de Nizza e o murmurio das vagas do Mediterraneo; os versos que lhe brotavam com tão espontanea melodia dos labios como elles acodem no molhe de Napoles á mente do improvisador, acariciam o ouvido como doce musica da onda azul que se enrola preguiçosamente junto das Hyéres, e vem desfazer-se com languidez em alva espuma nas costas da França meridional; a prosa dos seus romances, conservando uns echos da harmonia poetica, tem ao mesmo tempo um brilho scintillante e ardente, como a rocha vermelha e escalvada, onde batem a prumo os raios solares; circulam nos seus periodos esses aromas voluptuosos que fluctuam na atmosphera abrazada que inflammava o sangue dos trovadores, e lhes inspirava as amorosas canções que, percorrendo a Europa, insinuavam nas veias de todos os povos o lubrico ardor e a lasciva «morbidezza» da Venus provençal.

Destinado primeiro, segundo parece, ao estado ecclesiastico, Méry fez desenvolvidos estudos classicos, e tornou-se tão senhor da lingua latina, que improvisava no idioma de Virgilio como Angelo Policiano, Pico de Mirandola ou qualquer outro sabio da renascença [1]. A convivencia com os ardentes

[1] No principio do seu romance *La Juive au Vatican* vem uma formosa poesia latina, dirigida a Pio IX, em que advoga perante o papa a causa dos judeus de Roma. Começa por este distico:

Gens hebræa dolens tiberina torpet in urbe
Olim cara Deo, nunc pecus, Alme Pater!

poetas de Roma, que iam procurar nas brisas de Baia a calida inspiração de que precisavam para cantarem as suas Cinthias, Lesbias ou Corinnas, não concorreu pouco, de certo, para fazer correr um sôpro de fogo pelo seu estilo essencialmente colorido. O demonio litterario logo o desviou dos estudos theologicos, e o attrahiu a Paris, onde se entregou á vida facil e aventurosa a que as tentações da capital convidam a juventude provinciana que se deixa illudir pelos cantos da sereia. Voltando a Marselha, travou conhecimento com Alphonse Rabbe, o historiador que primeiro soube fazer entrar nos *Resumos* sêccos e aridos as vistas largas e as concepções philosophicas da moderna eschola historica [1]. Por muito tempo fez para este escriptor traducções do latim; mas sentindo em si a chamma creadora, que anceava por expansão, pediu ao seu protector uma carta para Soulé, proprietario do *Anão Amarello*, jornal satyrico finamente escripto que se publicava em Paris, improvisou á vista dos maravilhados redactores um delicioso artigo sobre um thema que elles mesmos lhe deram, e começou desde então a mimosear o publico parisiense com esses artigos humoristicos e parodoxaes que deram tanto brilho á sua reputação.

Porém, para chegar á celebridade por esse caminho, eram necessarios longos annos de serviço, e

[1] Entre muitos outros, ha d'este escriptor um *Resumo da historia de Portugal*, que é uma das melhores obras que no estrangeiro se tem escripto sobre as nossas coisas.

o ardente marselhez queria tomar de assalto a posição litteraria a que a sua consciencia lhe dizia que tinha direito. Foi o poeta quem abriu caminho ao prosador. Reinava então em França a dynastia da Restauração, e o governo estava nas mãos do ministerio Villéle, que, pelas suas transigencias com a reacção e com os jesuitas, conquistára as antipathias liberaes. O grego de Marselha pediu ao seu collega Aristophanes o latego mordente; o verso voluptuoso, que se embalava no berço da espuma do Mediterraneo, empinou-se como a vaga ao açoite da procella, rugiu, e desabou com fragor sobre o ministerio infeliz. O poema heroi-comico *La Villèliade* obteve um successo immenso, comprovado por cincoenta mil exemplares tirados em dezeseis edições. Méry tinha, finalmente, um nome.

Ora havia então em Paris um seu compatriota, Juvenal por instincto, acre, vehemente, feroz, que nunca largava o raio da satyra para se recostar voluptuosamente no triclinio, bebendo a longos tragos o dulcissimo nectar da poesia scismadora. O seu verso flammejava sempre, sem deixar por isso de ser harmonioso como um canto; era um trovão admiravelmente afinado pelas harpas dos anjos. Este marselhez chamava-se Barthélemy. Ligava-o uma extremada sympathia ao auctor da *Villèliade*; tinham ambos egual adoração pelas riquezas metricas, pela opulencia da rima desconhecida dos poetas dos seculos anteriores, pelo férvido colorido da phrase; ambos manejavam admiravelmente a ironia; era só mais sangrenta a de Barthélemy, e a de Méry mais

suave; essas qualidades, por fim de contas, completavam-se umas ás outras. Projectam os dois reunir n'um mealheiro commum os seus haveres litterarios, fundir no mesmo fogo o oiro dos versos de Méry, o bronze dos do seu collega, e arrojal-os depois, assim candentes e indistinctos, para o molde dos poemas [1]. D'esta collaboração nasceram ainda outras composições politicas: *A Peyronneida*, *Um sarau em casa de M. de Peyronnet*, *A Corbiéreida*, *Os Jesuitas*, *Os Gregos*, *Sidianas*, *A Censura*, *Roma em Paris*, e mil outros tiros que a aljava dos dois marselhezes descarregou incessante sobre os ministros de Luiz XVIII e Carlos X. Depois veio a revolução de 1830; os dois poetas depozeram a penna e empunharam a espingarda, combateram nas barricadas, e, depois do combate, as suas duas musas, ainda offegantes da lucta, enlaçaram-se n'um sublime

[1] N'uma noticia que precede as obras devidas á collaboração dos dois poetas, diz Luiz Reybaud (o celebre auctor de *Jérôme Paturot*) ácerca do modo como elles trabalhavam, o seguinte:

«Trabalham juntos a um tempo; a sua manipulação poetica não é individual e isolada; é simultanea e collectiva. Estão defronte um do outro, sentados, deitados, em pé, tripudiando ou gesticulando, encostados á mesa ou recostados n'uma poltrona, galvanisados ambos pelo deus intimo, bafejando a mesma idéa, arrojando-a primeiro informe e confusa, depois passando-a um para o outro, polindo-a alternadamente, colhendo-a, em fim, brilhante e completa, sem que se possa dizer quem lhe deu mais fórma e côr, mais carne e vida.»

Os dois poetas mesmos designaram-se um ao outro admiravelmente, quando escreveram na *Nemesis:*

> . . . . . *cel ami, mon complice fervent*
> *De mon vers implacable hémistiche vivant.*

abraço, e arrojaram ao publico o poema da *Insurreição*, em cujos versos frementes como que trôa ainda o ruido da fusilaria.

Já os dois poetas gemeos, se assim me posso exprimir, tinham tentado o genero da epopéa, e tinham escripto esse admiravel livro que se intitula *Napoleão no Egypto*. Afastando-se completamente das velhas regras, este poema é, comtudo, parece-me, o modelo da epopéa moderna, se póde haver epopéa n'uma epocha em que o maravilhoso faz sorrir, posto ao lado dos heroes contemporaneos. As descripções das batalhas, a impetuosidade da acção, as paizagens esplendidas, a côr ardente dos horisontes, a valentia do verso, o desenho a largos traços do vulto colossal que se estampa no fundo do quadro, dão a esta estranha epopéa um tom lyrico que, se tira ao poema épico a tradicional gravidade, insuffla-lhe ao menos uma corrente electrica que faz estremecer os leitores, e os arrasta na esphera vertiginosa da musa delirante dos poetas de Marselha.

Depois de estabelecida em 1830 a monarchia dos Orléans, os ardentes meridionaes, republicanos ou imperialistas enthusiastas, namorados, em fim, de tudo quanto era esplendor, quer dimanasse do facho da revolução, quer da estrella napoleonica, e não encontrando no burguezismo um tanto prosaico, moderado e singelamente benefico, de Luiz Filippe a realisação dos seus sonhos de poesia politica, temperaram de novo as armas e voltaram ao combate. A *Nemesis*, satyra hebdomadaria, como elles mesmos lhe chamavam, sacudiu todas as sema-

nas nos ares o seu latego verberante. Poucos escaparam á mordaz ironia dos dois poetas, e até um confrade illustre, Lamartine, teve que passar por baixo das forcas caudinas. E' verdade que se vingou nobremente, e que a poesia em que respondeu á satyra de que fôra victima é uma das mais inspiradas do cantor das *Meditações* [1].

Em 1832 o governo supprimiu a *Nemesis*, cujas hyperboles meridionaes começavam a fazer sangue, e a união dos dois poetas dissolveu-se para sempre. Quasi pela mesma epocha principiava Méry a tornar-se notavel como prosador, e a escrever admiraveis romances.

Méry foi com effeito, um dos mais brilhantes entre esses inexgotaveis narradores, cujos livros fizeram o giro do mundo, e que foram entretenimento querido da nossa adolescencia. A meu ver, entre a pleiade numerosissima de romancistas que a França produziu n'este seculo, sete ou oito ficaram como representantes d'esse genero litterario, um dos que tem mais influencia na sociedade, mas genero frivolo e corruptor do gosto, quando não é levantado á altura onde o collocaram os escriptores que vou citar. São elles Balzac, Dumas, Soulié, Sandeau, Sand, Feuillet, Karr e Méry.

Ha ainda, bem sei, muitos outros escriptores

[1] Vem appensa ás *Harmonias*, e principia assim:

Non; sous quelque drapeau que le barde se range,
La Muse sert sa gloire et non ses passions;
Non, je n'ai pas coupé les ailes de cette ange
Pour l'atteler hurlante au char des factions.

*

que possuem um notavel talento, e cujos livros nos encantam; mas, se examinardes as suas feições litterarias, vereis que são apenas os reflexos, mais ou menos brilhantes, d'estas physionomias principaes.

Os romances de Méry podem dividir-se em duas classes: os da imaginação e os do espirito, os do poeta e os do conversador. No primeiro caso, a phantasia do escriptor provençal procura, primeiro que tudo, a paizagem esplendida, onde se possa banhar á vontade nos raios de um sol ardente, a atmosphera embalsamada, os leques refrigerantes da palmeira, os rugidos amorosos das noites do estio nas regiões tropicaes, os *jungles* da India, com o olho phosphorico do tigre luzindo na escuridade, com o bronze fremente e convulso da epiderme dos indios, com os templos monstruosos cavados no granito, com as serpentes de metal que se enroscam nos altares, com as serpentes de folhagem que se enroscam nas arvores, com a lascivia immensa que chove de um céo de fogo á hora do meio-dia, com o murmurio vago e enorme das florestas indianas, com as estrellas de oiro d'um céo asiatico, e a vaga espraiando-se dormente nos areiaes do Malabar. Ahi sim, n'essas paizagens tepidas, beijadas pelo sol, sentia-se á vontade o poeta que tiritava de frio na atmosphera gelada de Paris. Então no meio d'esse scenario esplendido fazia elle agitarem-se paixões férvidas e implacaveis, enlaçava e desenlaçava o enredo no meio dos tigres e dos Taugs, e das emboscadas nocturnas. E por entre estes perigos rugidores passava o typo querido do romancista, o viajan-

te intelligente, o europeu paradoxal, o homem de espirito fino e poetico, fazendo um comprimento a uma mulher entre duas balas, recitando um madrigal n'uma emboscada, contando elegantemente uma anedocta, que é a cada passo interrompida pelos rugidos de uma panthera. Eis o que são os seus melhores romances: *Heva*, *A Florida*, *A Guerra do Nizam*, quadros admiraveis do Indostão e da Africa, télas inundadas de sol, onde se agitam deliciosas figuras femininas, e que o vulto sympathico de sir Edward Klerbs, o *christão errante*, atravessa deixando atraz de si um rasto resplandecente de poesia e graça, um perfume de elegancia indescriptivel.

O poeta tambem se contenta com outros scenarios; comtanto que sejam maravilhosos, comtanto que o sol os doire, acceita egualmente para bastidores dos seus dramas ou os porticos verdejantes das florestas, ou os palacios marmoreos de Genova e Veneza, a India ou a Italia, o Tibre e as suas tradições magnificas, ou o Ganges e os seus poemas mysteriosos, Roma com os prestigios da historia, Java com o prestigio das lendas orientaes. O seu pincel, carregado de tinta, compraz-se egualmente em lançar na téla ou as massas de folhas, o céo de anil, os horisontes rubidos do Indostão, ou os perfis magestosos do Colyseu, os ares limpidos, os horisontes docemente coloridos da Ausonia. Mas depois, n'est'outro scenario, são dramas tambem gigantes que se representam. Haverá vultos excepcionaes no amor ou no odio, figuras grandes e bellas, e ao fundo hão de passar os grandes vultos da epopéa

moderna, Bonaparte ou Murat, idolos do poeta, que vê n'elles a dupla encarnação da poesia guerreira, como a phantasia dos povos a concebe, na suprema tranquillidade do genio, ou na impetuosidade ardente da bravura. Romances assim escreve-os elle maravilhosos: *Um amor do porvir, A judia no Vaticano. A condessa Hortensia,* e esse admiravel livro de viagens, onde prodigalisou as mais brilhantes tintas da sua palheta, e que intitulou *As noites italianas* [1].

A outra feição do seu talento era a de conversador. Na palestra, os fogos de artificio deslumbravam os ouvintes, que se fatigavam mais depressa do que elle d'essa improvisação, para assim dizermos, febril, que percorria toda a escala do espirito humano, desde o pensamento philosophico mais elevado até ao paradoxo mais extravagante, que entrelaçava tão facilmente a erudição mais profunda com a frivolidade mais encantadora. O que o homem era na conversação era tambem o escriptor nos seus livros. Ha innumeros volumes d'elle que são apenas deliciosas divagações sobre todos os assumptos imaginaveis, anedoctas contadas com uma vivacidade deslumbrante, paradoxos sustentados com a mais comica e original gravidade, trechos de uma eloquencia admiravel, novellas onde lampeja em cada periodo o bom humor, a jovialidade, e que a poesia não deixa de illuminar tambem com os seus raios de oiro.

[1] Alguns dos mais bellos capitulos d'este livro tiveram a honra de ser traduzidos em portuguez pelo nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho.

Dos livros d'este genero o mais bello é talvez o que se intitula *Noites inglezas*. Comtudo, ha muitos outros que encerram joias preciosissimas: *Les matinées du Louvre, Paradoxes et réveries, Les nuits d'Orient, Les nuits parisiennes, Les nuits espagnoles* e quantos! O poeta marselhez, como a princeza dos contos das fadas, que lançava perolas da boca, tinha no seu maravilhoso tinteiro um mar de Ceylão, d'onde as perolas vinham a flux na penna que lá ia procurar as phrases.

Possuindo uma imaginação vivissima, e podendo soltal-a á vontade pelos campos do lyrismo, que a revolução litteraria abria francamente a todos os espiritos fatigados de vaguearem nas lamedas regradas dos classicos jardins, Méry, se ás vezes descaia na affectação, se nunca pôde limitar-se a uma nobre simplicidade, arrojou com mãos largas os thesouros da sua opulencia intellectual. A prodigalidade é um feliz defeito; quem ousará dizer á arvore gigante que espaneja a sua prodiga ramaria ao sol e ás brisas do Brazil: «Vem á fria Europa conter o teu desenvolvimento entre os vidros de uma estufa?» Quem ousa dizer á aguia: «Não vôes tão alto; receia as vertigens?» Taes vertigens não as tem qualquer. A quéda de Phaetonte é privilegio de poucos. Esses desastres sublimes só os alcançam os que são filhos de Apollo.

EMILIO CASTELAR

O sol das Hespanhas incende no espirito dos seus poetas a ardente inspiração oriental, sem lh'o adormecer na languidez lasciva e indolente, que é uma das feições caracteristicas da poesia do Oriente. A uma imaginação fogosa ligam elles o mais férvido enthusiasmo. A chamma que os abraza é bastante para lhes inflammar o sangue, mas não consegue embrandecer-lhes os musculos, afrouxar-lhes os nervos, agorentar-lhes o vigor. A sua inspiração póde ser voluptuosa, morbida nunca. Os seus labios, abrazados pela sêde de ignotas sensualidades, não murmuram frouxamente o hymno do prazer, soltam gritos de leôa namorada. Os dedos correm-lhes febris pelas cordas da lyra, não esmorecem em requebrados harpejos. A Hespanha não é a terra dos sultões, é a patria de D. Juan. Não se recosta em coxins assyrios, como o sultão de Carrer, arro-

ja-se ás aventuras para conquistar os sorrisos de uma Dulcinea del Toboso, muitas vezes imaginaria, como o D. Quixote, de Cervantes. Tudo consegue dos hespanhoes quem lhes despertar a phantasia, como dos francezes quem lhes captivar o espirito, como dos inglezes quem lhes demonstrar a utilidade prática de um plano, como dos allemães quem lh'o provar logicamente. Abram a um hespanhol as portas doiradas do mundo dos devaneios, mostrem-lhes na téla purpurea do horisonte as scenas maravilhosas de um poema ou de uma lenda, e os hespanhoes entrarão com enthusiasmo n'essa região phantasiosa. Acenem-lhes com a visão deslumbrante do Eldorado, e eil-os ahi vão rasgando florestas densissimas, sulcando rios caudalosos, galgando cordilheiras cujo cume topeta com os céos, dissipando hordas innumeras de selvagens, soffrendo fomes, frios, calmas, sêdes, miserias, sem desanimarem, sem perderem uma só parcella do ardor que os abrazava no começo da expedição. Enlevem-nos com os esplendores do culto, com as maravilhas da religião, com os extases do mysticismo, e tudo supportam: inquisição, despotismo ferrenho, decadencia, para não desampararem o altar, que é para elles a porta d'esse empyreo cuja visão radiante lhes povôa a phantasia.

Os grandes poetas, os grandes escriptores, que, por serem a mais sublime expressão do espirito nacional, exercem completa influencia nos seus compatriotas, possuem todos a eloquencia ardente do enthusiasmo; a dedicação exclusiva a uma causa, a uma theoria, a um sentimento; a férvida aspiração

para um ideal que varia, segundo os seculos e as condições do espirito humano, mas em que elles sempre se absorvem com um ardor, com um exaggero, com uma tenacidade de que não ha talvez exemplo na historia litteraria dos outros paizes. O sol que lhes illumina o firmamento, que lhes doira os horisontes, que lhes escandece a imaginação, attrahe-os irresistivelmente. A phrase scintilla-lhes inundada de esplendores, chammeja abrazada pelos raios do astro, cada vez mais proximo, a que toda essa poesia aspira, e o poeta, o orador, o escriptor, não pára, não desfallece, não trepida perante os deslumbramentos d'essa vertigem de enthusiasmo. Vôa, vôa, ascende com os olhos sempre fitos no seu ideal, que o illumina, soltando gritos de jubilo, saciando-se com o espectaculo d'essas torrentes de luz, mergulhando-se n'ellas, até que a morte venha quebrar as cordas da lyra, apagar com o vento frio das azas negras esse delirio de fulgor, acalmar com a mão gélida essa febre de lyrismo.

Quando a humanidade se delicia com a exaltação do mysticismo, a Hespanha mostra ao mundo estupefacto Santa Theresa de Jesus; quando a triplice mão de ferro da dynastia de Austria, do jesuitismo e da inquisição, esmaga todas as aspirações do espirito humano, prende-o n'um circulo acanhado, encerra-o na gaiola do madrigal, debate-se furiosa dentro das grades a imaginação ardentissima de D. Luiz de Gongora; quando no céo, donde o vendaval revolucionario afugentou as nuvens do despotismo, brilham com fulgor purissimo os dois astros

gemeos da liberdade politica e da sciencia historica, desprende o vôo das terras hespanholas, e libra-se nas azas possantes o espirito de fogo d'esse poeta da tribuna, d'esse poeta do jornalismo, d'esse poeta da cathedra, que se chama Emilio Castelar.

Não intento (note-se bem) fazer um parallelo entre tres genios tão profundamente diversos; intento unicamente provar que cada um d'esses tres escriptores é a expressão mais viva e mais ardente do espirito hespanhol em differentes phases da sua existencia litteraria e politica.

Quando as discussões escholasticas sobre o amor divino e a graça divina occupavam gravemente o espirito dos grandes pensadores catholicos, quando os requebros e os extases de um sensualismo devoto enlevavam as almas poeticas e religiosas, appareceu Santa Thereza de Jesus. O seu genio fogoso absorveu-se todo na contemplação d'esse ideal, as torrentes da sua immensa poesia despenharam-se por esse leito. A sua imaginação embebeu-se completamente no que seria para outros ou subtileza altamente propria para com ella afiarem as armas da dialectica, ou véo semidiaphano com que envolviam as paixões humanas para poderem entrar no recinto sagrado do templo. Theresa de Jesus, pelo contrario, eleva a subtileza á altura de um ideal, e vôa para elle com o ardor duplamente impetuoso da sua fervente organisação de poeta e de hespanhola. As argucias da escholastica desmaiam perante esta subita irrupção de lyrismo apaixonado e energico. A eloquencia abrazadora da santa freira re-

veste de um corpo tangivel a visão alva e etherea que ella evocára com transporte nas suas noites de delirante enthusiasmo, de asceticas vigilias. E por tal fórma se consubstanciava com essa creação da sua phantasia, aproximava tanto de si a imagem divina, enlaçava-se de modo com ella, que nós, homens d'esta geração sceptica que procura o seu ideal n'outro ponto do firmamento, mal podêmos ver n'essas inebriantes e voluptuosas paginas outra coisa que não sejam os delirios e os fervores de um amor carnal. Mas não é assim; essas roupagens sensuaes escondem um pensamento casto; porém Thereza de Jesus é hespanhola, e a sua phantasia não sabe, não póde conter as torrentes de eloquencia que lhe descem da mente aos labios, e que vaporam depois ardentes effluvios que vão cingir de uma nuvem de amor o Esposo Divino, que é o pensamento constante das suas noites de castissimo delirio.

D. Luiz de Gongora apparece n'um tempo em que o silencio é imposto pela disciplina ecclesiastica e temporal a todos os arrojos do espirito humano. O lyrismo é decotado pelos jesuitas onde quer que o encontrem, e o lyrismo religioso, desde o momento em que revela a espontaneidade creadora de uma intelligencia, não acha misericordia perante os sombrios Filippes e a sua corte aborrecida, e os seus impassiveis capellães. Pouco depois, em França, Fénelon soffrerá uma perseguição temivel porque o seu meigo coração de poeta se deixou prender nos suaves encantos da eloquencia mystica de mad. Guyon, discipula apaixonada d'essa eschola a que

Thereza de Jesus dera origem. Gongora tinha uma d'essas imaginações volcanicas que tão facilmente brotam no solo das Hespanhas. Appareça uma idéa por que se apaixone, e aquelle estilo desoccupado, que procura um emprego, desatar-se-ha em torrentes de eloquencia. Mas as idéas são com todo o cuidado extirpadas pelos cultivadores officiaes do espirito nacional. Como uma arvore em cujo seio regorgita a seiva, e que só espera que a deixem ter o seu desenvolvimento natural para arrojar aos ares o tronco esbelto, para bracejar os seus airosos ramos, para os vestir de folhagem verde e lustrosa, para espraiar a copa, para acolher os ninhos, para preparar estrado aos musicos da espessura, mas que, decotado, aparado, torcido pelas mãos de um jardineiro, fica sendo uma pequenina monstruosidade, e formando um grotesco ornamento de uma alameda chata e anã, assim o talento de Gongora, privado de ar e de luz, irrompeu pelo deploravel desafogo das ninharias luzidias, das metaphoras tumidas, dos requebros affectados que formaram o peculio litterario de uma eschola que tem imitadores em Portugal n'uma epocha em que o espirito humano, livre de todas as peias, não tem a desculpa que não podemos deixar de dar ás aberrações d'esse grande poeta, que nasceu, para sua desgraça, cem annos mais tarde, ou duzentos mais cedo do que deveria ter nascido.

Emilio Castelar entrou na scena litteraria n'uma epocha em que o despotismo debalde tenta oppôr os seus frageis diques á torrente das idéas. A sua

phantasia ardentissima encontrava uma virgem formosa e candida a cujos pés podia queimar o inebriante incenso que arde nas cassoletas de oiro do seu magico estilo: essa virgem era a liberdade. A sua eloquencia fervida de tribuno não se via obrigada a consumir-se em estereis fogos de artificio; podia usar da magnetica influencia que Deus lhe concedeu sobre todos os espiritos—d'ahi o orador e o jornalista. Não eram já subtis disputas d'uma subtil escholastica as que occupavam as attenções do mundo pensador; eram sobre tudo as graves investigações, as sérias meditações da philosophia e da historia; foi a sciencia historica o idolo que Emilio Castelar adornou com o véo maravilhoso da sua eloquencia, e tão maravilhoso, que os espiritos habituados á seccura insolente dos Niebuhrs mal suspeitam que não seja o vulto frivolo do romance o vulto que o véo esconde. Pois não é; é a historia philosophica na sua mais elevada manifestação, é a verdade procurada na meditação e no estudo. Mas a verdade tinha por interprete, ou antes por amante, um homem dotado de uma das mais esplendidas phantasias qua o sol das Hespanhas formou n'um cerebro humano. D'ahi resultou o professor cuja palavra eloquente captiva a attenção da sociedade mais escolhida de Madrid.

Emilio Castelar, é, repetimol-o, a expressão mais vehemente n'este seculo do espirito hespanhol, tal como o tentamos fazer comprehender. A sua eloquencia não convence como a de Mirabeau, não persuade como a de Lamartine, arrasta. Cada um dos seus artigos, cada um dos seus discursos é um ver-

dadeiro delirio de enthusiasmo. A harmonia do periodo, o colorido opulentissimo da phrase, tudo n'elle é espontaneo. Sente-se que não é um pintor que está dispondo as tintas, um musico que está afinando a lyra; é uma lyra elle mesmo, suspensa da ramaria, e esperando que lhe beije as cordas brisa da inspiração; é um d'esses magnificos passaros da America, de plumagem esplendida, que abre as azas e ascende para o sol que o enleva, e vemol-o subir rapido, rapido, na atmosphera transparente; inunda-o o esplendor do sol, e o vario matiz das pennas scintilla mostrando diversos cambiantes, á medida que o sol põe em relêvo ou a purpura da gargantilha, ou a azulada tunica d'estas plumas, ou o oiro vivissimo d'aquellas, e sobe, sobe sempre, soltando gritos de enthusiasmo, e deixando nos ares como que um rasto de esplendor, e nós não nos fatigamos de o contemplar, como elle se não fatiga de ascender, porque essa plumagem que nos deslumbra é a phantasia, e o sol que a doira é o sol das grandes idéas.

AS DÉCADAS PORTUGUEZAS

I

JOÃO DE BARROS

A gloria portugueza, que por tanto tempo soou no mundo inteiro, tem hoje apenas dois echos, um mais vibrante porque se repercute no cristal sonoro da poesia, outro mais grave e mais cheio porque resôa no bronze da historia. A Europa, a Europa illustrada mesmo, que olvidou o nome dos nossos guerreiros, dos nossos legisladores, dos nossos estadistas, conhece apenas o chronista e o poeta dos nossos feitos: Barros e Camões. Na immortalidade d'elles resume-se a nossa immortalidade, e será difficil decidir se é um reflexo da nossa gloria, sumida no poente, que fórma a auréola d'esses vultos, como o reflexo do sol já abaixo do horisonte doira ainda a fronte erguida das estatuas, ou se é, pelo contrario, a fulgida coroa d'esses dois escriptores que dá a esmola de um dos seus raios á gloria nacional.

Creio que o grande povo e os grandes homens que transmittiram á posteridade os seus annaes são mutuamente credores e devedores. Se o poeta deu a lyra de oiro, do povo partiu a inspiração; se o historiador contribuiu com o magnifico buril, o povo lançou-lhe aos pés o marmore sublime. Camões é grande, principalmente porque é o representante de uma grande nacionalidade, porque é o Homero de uma Illiada gigante, porque a sua poesia colhe um grande realce dos fastos esplendidos sobre os quaes lança as artisticas prégas do seu rico manto, como o luar, bello sempre, bello quando se reflecte nas aguas placidas do rio, quando se espraia no tapete verdejante da campina, adquire não sei que magestade suprema quando se lhe deparam para elle as illuminar as magnificas ruinas de um velho monumento, quando se insinua por entre as laçarias truncadas, os frisos derrocados, os columnelos partidos, os ennegrecidos lavores da pedra, as esculpturas quebradas. O velho monumento é o nosso passado hoje em ruinas, o esplendido luar que o illumina e lhe dá um indescriptivel realce, é o clarão immenso que fulgura nas estrophes dos *Lusiadas*.

Mas d'esse monumento, que nos avulta semiphantastico á luz de tão formoso luar de poesia, o architecto foi João de Barros; foi elle que o apresentou ao sol da historia perfeito, completo, harmonioso, foi elle que reuniu os fragmentos esparsos, foi elle que juntou em galeria as estatuas decorativas, e que, tomando por modêlo os velhos monumentos romanos, construiu nas suas *Décadas* o Capitolio

dos novos conquistadores do mundo, o Pantheon dos semi-deuses que offuscaram com as suas façanhas verdadeiras os fabulosos trabalhos dos Alcides e dos Theseus.

Ao povo, que havia de passar na historia traçando n'ella apenas um sulco luminoso, concedia a Providencia os meios de immortalisar esse rapido momento. Dava-lhe o chronista no proprio instante da acção para que elle podesse, á medida que os fosse ouvindo, reproduzir os gloriosos echos do estridor das armas no Oriente; dava-lhe o architecto do seu templo de gloria quando as pedras ainda estavam humidas de sangue, quando os vultos das estatuas ainda estavam frementes de vigor, e os nossos heroes podiam, sem atravessarem as sombrias regiões do tumulo, passar immediatamente da vida para a immortalidade.

Surgira havia pouco a grande epocha da renascença; o estudo das letras latinas e gregas, o enthusiasmo pelos velhos escriptores da Italia e da Hellade reviviam de subito com uma vehemencia incrivel. Era desculpavel o engodo. Começavam-se a emprehender tão grandes coisas, a civilisação dera repentinamente passos tão agigantados, alargara-se por tal fórma o ambito das idéas que os espiritos juvenis não se podiam já contentar com os ingenuos romances de cavallaria dos *trouvères*, com as frivolas canções dos *troubadours*, com a phylosophia casuistica do Aristoteles disfarçado que a edade média adorára, com as descripções pittorescas, mas, para assim dizermos, infantis, de Froissard, de Joinville,

e de Ville-Hardouin. Era-lhes necessario um alimento mais robusto, uma litteratura mais séria, e só a podiam encontrar na sociedade civilisada dos antigos povos. Descobria-se a imprensa, descobria-se o Novo Mundo, a proa do navio de Vasco da Gama abria no vasto Oceano um caminho novo para a India, os sabios orgulhosos de Constantinopola dispersavam-se pela Europa trazendo comsigo os thesouros da erudição antiga, conservados escrupulosamente na velha Byzancio. Tudo isto viera junto e de subito; esta luz immensa deslumbrára as nações peregrinas que marchavam no seu passo ordinario caminho do progresso, e que não julgavam tão proxima a alvorada. Os seus olhos offuscados não poderam supportar o intenso clarão, cerraram-n'os e pediram um guia; deu-lh'o a antiguidade pagã. O estudo dos seus livros revelou-lhes o mundo maravilhoso em que ainda não podiam cravar as vistas; antes que podessem sentir as suas proprias impressões, conheceram esse espectaculo através das impressões dos outros! Os escriptores antigos foram os vidros córados por entre os quaes se insinuou o sol da illustração; quem não viu os objectos d'essa côr foi considerado barbaro; quem não seguiu escrupulosamente a philosophia de Platão mereceu o cognome de selvagem.

A historia tomou o mesmo rumo; debaixo da penna do chronista os factos transformavam-se e apresentavam um aspecto antiquado, os personagens contemporaneos figuravam com as feições dos Milciades e dos Gracchos; a mythologia mesma foi

90

amnistiada e obteve entrada no templo christão. Adeus chronicas singelas e ingenuas, brilhantes historias de feitos de cavallarias, a oratoria invadiu a narração dos acontecimentos, e a pompa de Tito Livio veio substituir a simplicidade ingenua dos chronistas da meia edade.

Foi por este tempo, em 1496, que nasceu João de Barros.

Descendente de uma das familias mais nobres do reino, entrado muito novo na casa real, ahi recebeu a educação esmerada que se dava no paço aos moços da camara. Logo se revelou o seu talento brilhante e caracter estudioso, e muito concorreram estas prendas para a intimidade com que desde a infancia o honrou, ou antes se honrou o principe D. João, moço lhano, instruido e affavel antes que o fanatismo sombrio lhe viesse devorar o espirito, e maculasse aos olhos da historia todas as suas qualidades com esta simples phrase: «Introduziu em Portugal a Inquisição e a Companhia de Jesus.»

Como era de esperar, não se eximiu João de Barros ao gosto geral do seu tempo pelos primores da litteratura pagã. Eram os seus escriptores predilectos, em poetas Virgilio e Lucano, em prosadores Tito Livio e Sallustio. Facilmente se adivinhava a tendencia do genio do futuro auctor das *Décadas*.

Nenhum povo n'essa epocha tinha uma historia tão propria para sobre ella se fazer um livro romano na essencia como o povo portuguez. Por maior que fosse a importancia das luctas que na Europa se

travavam entre os differentes estados, um fiel admirador dos filhos de Romulo não podia olvidar que essas luctas entre a Hespanha e a França seriam apenas consignadas nos annaes do velho Lacio com este simples titulo: «Discordias civis que houve entre as legiões da Gallia e as legiões da Iberia.» O que verdadeiramente convidava a penna de Tito Livio eram essas guerras punicas em que metade do mundo conhecido, alistado debaixo das bandeiras de Annibal, combatia com a outra metade guiada á victoria por Scipião, em que tumultuavam nos acampamentos o cavalleiro numida com a tez bronzeada pelo sol africano, o fundibulario balear de olhos negros e ardentes, o montanhez do Herminio, ligeiro como a corça, temivel como o leão, o gaulez irresistivel no primeiro impeto, o lybico voluptuoso conduzindo ao combate a massa inerte dos elephantes, eram esses generaes diante de cujos feixes consulares se abaixava a magestade dos reis, eram esses proconsules fazendo tremer com um gesto os velhos imperios da Asia, era o vôo alteroso da aguia romana despregando as azas da cornija do templo de Jupiter Capitolino, e indo poisar altiva e respeitada nos primeiros fraguedos do Caucaso.

Não nos fascina o orgulho nacional, mas a verdade é que a historia poetica e grande só a podia fazer no seculo XVI um escriptor narrando os nossos feitos.

Tambem as quinas, desfraldando-se ao sopro da brisa nas praias do Restello, iam ondear victoriosas no cimo do Himalaya, tambem os nossos pro-

consules faziam tremer a India com um gesto, tambem as nossas legiões viam confundidos nas fileiras inimigas o arabe arrojado, o tartaro feroz, o malaio traiçoeiro, o lascivo malabar com os seus elephantes, o mameluco que não recuava seculos depois diante das phalanges de Napoleão, o janisaro cujo nome, soando ao longe entre o retinir das armas, espalhava o terror na peninsula italiana, e despertava em sobresalto o burguez allemão pacificamente adormecido dentro dos muros de Vienna, tambem aos pés dos nossos governadores vinham depor as pareas os reis humilhados da Asia. A historia das nossas guerras indianas não era indigna da penna de um Tito Livio, e não foi orgulhoso Barros quando ousou escrever no frontispicio da sua obra o titulo que á historia de Roma dera o insigne escriptor de Padua.

Como entre todos os povos avultava o nosso, entre todos os escriptores avultava João de Barros. Confesso que me parece agora, com as idéas que temos ácerca do modo como a historia se deve escrever, injusta bastante a apreciação. Confesso que debaixo do ponto de vista philosophico e politico me parece não poder rivalisar uma só pagina das *Décadas* com uma pagina de Guicciardini, com um periodo de Commines, do astuto ministro que envergonhado confessava não saber latim. João de Barros sabia-o de mais. Porém, segundo as idéas do tempo, com a admiração enthusiastica e geral que se votara ás pompas da latinidade, o nosso escriptor merecia e obteve o primeiro logar. Note-se a

grande differença que ha entre as opiniões do seculo XVI e as do seculo XIX sobre o modo de escrever a historia. Hoje entende-se que se deve escrever *ad probandum*, então entendia-se que devia ser simplesmente *ad narrandum*. A philosophia deve hoje projectar a sombra das suas azas na fronte do historiador; então era a eloquencia que lhe devia emprestar as suas para remontar com ellas ás regiões do sublime. E que historiador mais eloquente do que João de Barros encontramos nós no seculo XVI?

Por isso Veneza o collocava na lista dos grandes homens; por isso Pio IV mandava pendurar o seu retrato no Vaticano ao lado do de Ptolomeu; por isso Luiz Vivés, que, juntamente com Erasmo e Guilherme Budée, formava o triumvirato de eruditos, perante os quaes n'essa epoca se curvava a Europa, lhe escrevia as cartas mais lisongeiras; por isso Paulo Jove, o escriptor da aurea penna a quem os maiores potentados cortejavam para que elle lhes concedesse um logar na sua *Vida dos homens illustres*, o tratava como irmão de gloria. E devemos dizer que esta fraternidade intellectual honrava mais o sabio bispo de Nocera do que o historiador portuguez.

As *Décadas* de João de Barros são, repetimos, um monumento, são o arco de L'Etoile dos nossos exercitos no Oriente. Assim entendeu o architecto que devia fazer. Para o conseguir tinha que attender a tres coisas, á linguagem, ao estilo, e á veracidade.

A linguagem era ainda rude e incorrecta. A

pedreira, d'onde elle devia arrancar o monumento, continha marmore, é certo, mas a pedra vulgar estava com elle entretecida, e era necessario um trabalho insano e um surprehendente genio para d'alli tirar a alva e immaculada mole. Bernardim Ribeiro, o doce poeta das saudades, já polira e aperfeiçoára o idioma para poder n'elle murmurar as suas canções amorosas, mas a pedra branca das estatuas não é o marmore dos monumentos, e João de Barros queria a materia prima forte, consistente e bella para poder talhar á vontade, arrendar, lavrar, e dar a esses rendilhados e lavores a immortalidade que o architecto de Belem assegurava ás delicadas laçarias e aos frageis columnelos do seu maravilhoso templo.

Foi então que elle encetou esse trabalho talvez o mais bello da sua vida litteraria. Depois d'elle Miranda, Ferreira, Camões, fr. Luiz de Sousa, Vieira hão de polir, desbastar e opulentar a lingua, mas o idioma portuguez, tal como saiu das mãos de Barros, é já a lingua que se molda a todas as inspirações, é já a lyra de sete cordas onde uma vibração não falta, é já a harpa eólia onde o affecto suspira, a bellicosa tuba onde vibra o estridor das batalhas, o orgão melodioso onde o extase geme, a concha sonora em cujos intimos recessos echoam e se prolongam as vozes mysteriosas do Oceano. No cadinho d'aquella imaginação fervente revolviam-se o cobre e estanho do idioma popular e maritimo, o zinco da poesia balbuciante, o oiro de lei da velha lingua do Lacio, e o genio de

João de Barros, debruçado sobre este chaos onde se revolviam tantos elementos diversos, soube d'alli arrancar em liquidas torrentes o bronze corinthio que vasaria depois no molde das suas estatuas.

O padre Antonio Pereira de Figueiredo entregou-se a um trabalho curioso e interessante, foi o de colleccionar as palavras, as phrases, as construcções com que João de Barros enriqueceu a lingua [1]. Quem percorrer as duzentas paginas d'essa obra de diccionarista, depois de folhear as Décadas, sente a mesma impressão que póde sentir vendo no chão partidas e separadas as flores de pedra, as rendas marmoreas, a folhagem de lavores que víra, instantes antes, enlaçadas e esplendidas nos frisos e nas cornijas de um templo magnifico. A primeira impressão é desagradavel, mas depois a curiosidade apodera-se do observador; aproxima-se e admira então a delicadeza do trabalho, a finura dos contornos, o genio que foi necessario empregar no lavrar de cada um d'esses pormenores, para que todos reunidos apresentassem um aspecto fascinador. E' o que nos succede, vendo, para assim dizermos, o arsenal litterario de Barros, contemplando as pedras trabalhadas que elle depois collocava no edificio.

Ao genio juntava Barros uma grande qualidade, o bom senso, qualidade rara em todos os tempos, mas n'essa epocha ainda mais rara do que o genio. De todos os escriptores portuguezes é Barros um

[1] Foi publicado esse estudo no vol. III das *Memorias de litteratura da academia*.

dos que menos se deixam levar pelo attractivo do maravilhoso. Raramente se encontra no seu livro a narração de uma d'essas apparições de S. Thiago pelejando pelos nossos, e, se por acaso, aqui ou além, surge um ou outro milagrinho, é porque o espirito do tempo não lhe consentia que se eximisse completamente d'essas obrigações de um escriptor temente a Deus e respeitador dos seus santos. Apesar de não o podermos considerar como um historiador philosopho, não devemos dizer tambem que algumas reflexões, com que de vez em quando acompanha a narração, não sejam sãs e justas. Mas o que mais nos prova o bom senso do escriptor é a gravidade e a elevação do seu estilo, a um tempo rico e singelo, sem ornamentos e pompas de mau gosto que desfeiem a magestade da historia, e o acerto com que polia a lingua sem se deixar arrastar, como os que em França emprehenderam o mesmo trabalho, pela vã mania da erudição.

Effectivamente ha uma coisa que pedimos licença para notar. Na renascença todos os espiritos se voltaram com ardor para a antiguidade, e assim como os poetas foram buscar ao latim e ao grego as idéas e as inspirações, tambem lá foram procurar as phrases que lhes pareceram mais sonoras do que as dos seus idiomas naturaes. D'ahi resultou uma refundição das linguas européas, em que insensivelmente se estabeleceram duas camadas, uma derivada natural e primitivamente da corrupção do latim rustico, e que permaneceu quasi textualmente no idioma popular, a outra derivada artificialmente do

latim litterario, estudado pelos sabios da renascença, e que ficou sendo a lingua dos eruditos. Estes dois ramos, partidos do mesmo tronco, enlaçaram-se e formaram as ricas linguas modernas, onde o sabio ou o homem do povo egualmente encontram a palavra nobre ou a palavra vulgar de que necessitam. Ora, para que este enxerto vingasse, era necessario que os cultivadores percebessem bem a estructura anatomica do idioma em cujas veias queriam insinuar o sangue velho mas sempre ardente do latim. Não procederam d'essa fórma os escriptores francezes que formaram a celebre pleiade, e invadiram com as suas phalanges romanas o territorio gaulez, que, mais feliz que no tempo de Cesar, reagiu e expulsou-as. Hoje é obsoleto esse idioma, de que Rabelais zombou mettendo em scena o estudante, que para dizer «Paris» usava d'este circumloquio: «*l'urbe qu'on vocite Lutece*». As poesias de Ronsard, de Du Bellay, de Baïf são em grande parte inintelligiveis para os francezes do seculo XIX.

Portugal não foi estranho a esse movimento; aqui tambem se operou a invasão latina; mas parece-nos que nem uma só das palavras introduzidas pela renascença tornou a sahir da lingua, e são ainda hoje os classicos quinhentistas as fontes puras da boa linguagem portugueza. A que se deve isto? Ao bom senso de João de Barros e dos grandes escriptores que seguiram o seu systema. Para formar a lingua de que se havia de servir, João de Barros procedeu, para seguirmos a methaphora acima em-

pregada, como o operario na fundição do bronze. O cobre e o estanho formam a base principal, o oiro e o zinco podem entrar como accessorios, para lhe dar essa fulva côr do bronze de Corintho, que a tradição affirma ter sido produzida pela fusão acci-dental dos metaes mais diversos.

O cobre e o estanho eram os metaes do idioma popular, o oiro era a liga romana.

Por isso que lingua viva, colorida, energica não é essa que se encontra pela primeira vez desenvolvendo todos os seus recursos nas paginas dos livros de Barros! Que abundancia de termos e phrases metaphoricas, todas tão cheias de propriedade, exprimindo tão vigorosamente a idéa que reproduzem! Para dar á sua phrase esse cunho valente e original, Barros foi pedir termos á technologia dos arrayaes e dos galeões, em cada palavra incluiu uma imagem, como em cada centelha de um fogo ardente uma luz, e assim, sem esforço, sem pretenção, pelo natural fulgor que emana da sua phraseologia phantasiosa, os periodos de Barros como que illuminam o assumpto e inflammam o espirito de quem os lê.

Isto naturalmente nos conduz a insistirmos n'uma reflexão que acima fizemos de passagem. Barros, tendo toda a pompa de um escriptor romano da grande epocha, nunca revela mau gosto nem se seduz com falso brilho. Dotado de uma esplendida phantasia, o seu estilo tem, comtudo, uma simplicidade severa, uma nudez magestosa, mas nudez de estatua. O estilo de Barros é opulento,

não como opulenta mulher que se vista com roupas deslumbrantes, mas como virgem formosa das solidões, alva e nua, opulenta das graças que a natureza lhe concedeu; não é imagem rica de santo de aldeia, é estatua simples de Phidias. Barros não procura os ornatos, os vãos enfeites, não suspende a narração para dar cabimento a uma imagem, não floreia um thema com mil reflexões elegantes, não está a cada passo empregando comparações; mas a metaphora admiravel resume-se concisamente no sentido translato d'esta palavra, no emprego occasional d'aquella phrase. E, como o bando de pyrilampos esvoaçando no tapete verde e uniforme de um jardim derramam em torno de si uma luz suave, assim o alado bando dos vocabulos de João de Barros, esvoaçando por entre a lisa trama da sua narração, a esclarecem e illuminam com o phantastico clarão que expandem.

Este nobre estilo a um tempo formoso e grave, sobrio e opulento, conciso e florido, não se formou espontaneamente, foi o resultado de longo e apurado trabalho. Não se póde duvidar de que muitas vezes a penna de João de Barros quizesse fazer uma excursão mais dilatada pelos campos da poesia, mas logo vinha a razão soffreal-a, e, conservando a phrase altiloqua e sonora, João de Barros não consentia que se desvairasse por sitios amenos, aonde a grave musa da historia a não podia seguir. No marmore das gloriosas chronicas podia o cinzelador, isto é, o poeta, lavrar maravilhosos poemas, entrelaçar festões e flores; mas o historiador não devia senão

conservar a nobre harmonia das fachadas, as proporções magestosas das columnas, a curva graciosa dos porticos, permittindo-se-lhe apenas que uma ou outra vez enrolasse as volutas floridas do acantho em torno do capitel corinthio.

Estava d'isso tão convencido, entendia tanto que o estilo da historia, devendo estar á altura dos magnificos fastos que se encarregára de transmittir aos posteros, não devia ornar-se de lentejoulas, desejava tanto não transpor certos limites que a si mesmo marcára, que para estar certo de que a phantasia se lhe não esquivaria quando se tratasse de a conservar n'um passo moderado, antes de se abalançar ao grande trabalho de chronista, quando ainda não pensava em ser o historiador especial das Indias, mas sim em escrever uma historia geral do seu paiz, resolveu, para formar e experimentar o estilo, para provar a mão e ensaiar a penna, para domar no picadeiro o pégaso fogoso, que se lhe podia depois desbocar no campo, resolveu escrever uma obra de menos tomo, um livro frivolo, um romance de cavallaria, a fim de que, narrando aventuras phantasiadas de heroes imaginarios, se fosse preparando para poder contar as veridicas façanhas de verdadeiros paladinos. Esse livro de experiencia foi o *Clarimundo*, livro que se póde considerar como classico, e onde a linguagem principia a revelar os matizes deslumbrantes que a haviam de tornar tão notavel depois.

Quando escreveu o *Clarimundo*, tinha João de Barros pouco mais de vinte annos, e estava sendo

muito da privança do infante D. João. Seguia este com visivel interesse o trabalho do seu moço de guarda-roupa (Barros fôra nomeado para este emprego por D. Manuel quando poz casa ao principe real), e tanto se enlevou com as aventuras do imperador, de quem, por uma genealogia de fadas e nigromantes, João de Barros o fazia descender, que elle proprio, com o seu regio punho, o ajudou a rever e emendar. Se nunca a penna de D. João III tivesse traçado outros caractéres, seria Portugal mais feliz. Não succedeu assim...

Em Evora, em 1520, foi o *Clarimundo* apresentado pelo seu auctor a el-rei D. Manuel. Tanto se agradou este monarcha das bellezas do estilo e do talento do narrador que, sabendo o proposito em que elle estava de escrever a historia de Portugal, resolveu aproveital-o em obra não menos digna do seu engenho, e encarregou-o de transmittir á posteridade a relação das grandes coisas praticadas no Oriente durante o seu reinado.

Acceitou João de Barros o encargo, e principiou a preparar-se para elle. Mas n'isto morreu D. Manuel, e subiu ao throno D. João III. Este quiz enriquecer o seu amigo e prover á sustentação da sua familia, que principiava a ser numerosa, porque João de Barros casára com uma senhora de Leiria, chamada D. Maria de Almeida, e começava a encher-se de filhos, que levou até dez, tal era o gosto do novo historiador pelas décadas! D. João III deu-lhe a capitania da Mina. João de Barros depoz a penna e foi tratar dos seus interesses. De volta,

foi nomeado feitor da casa da Mina, depois thesoureiro da casa da India, depois feitor da casa da India, Mina e Ceuta; depois, quando se repartiu o Brasil em capitanias, D. João terceiro não se esqueceu do seu amigo e doou-lhe a capitania do Maranhão. Aqui se associa o nosso João de Barros com dois amigos e todo se entrega aos preparativos d'essa expedição formidavel. El-rei protege-o e auxilia-o, empresta-lhe artilheria para as suas naus, em tudo o ajuda finalmente. Parte a expedição, que é uma das mais poderosas que até ahi tinham sido enviadas por particulares. Persegue-a mau fado; naufragam os navios, os indios dão caça aos naufragos, e os que sobrevivem voltam a Portugal trazendo aos armadores a noticia da perda de todas as suas esperanças. Um dos associados de João de Barros fica reduzido á miseria; o generoso escriptor toma sobre si a perda de ambos, liquida, e vê-se pobre. Tranquillamente volta a occupar-se das suas funcções de feitor, e de novo, instado por D. João III, toma a resolução de principiar a escrever a historia da India. Lourenço de Caceres fôra d'isso encarregado, em substituição d'elle, mas Lourenço de Caceres morreu sem deixar uma linha escripta, e, felizmente para a nossa historia, João de Barros reassume o glorioso encargo.

Não se tinha elle olvidado dos seus trabalhos de litteratura durante este longo periodo; escrevêra dialogos philosophicos; occupára-se de philologia; inventára a cartilha figurada que ainda hoje as crianças conhecem; principiára uma geographia; concebêra

varios planos para completar a historia de Portugal, escrevendo, além da sua *Asia*, outras partes que intitulára *Europa*, *Africa*, e *Santa Cruz*, e que formariam um corpo completo da narração dos feitos dos portuguezes; juntára documentos; assoldadára interpretes que lhe traduzissem as chronicas indias, arabicas e persas. Quando tratou de novo de escrever as *Décadas*, pensou que a prova feita com o *Clarimundo* já ia longe, que o seu estilo se podia ter estragado na composição de obras de menos importancia, principalmente, na escripturação da sua feitoria, e quiz experimental-o de novo. Escreveu alguns dialogos, que lhe valeram os elogios de todas as pessoas entendidas, e, vendo que a sua imaginação conservava o mesmo fogo, o seu estilo o mesmo vigor, a sua linguagem a mesma propriedade, abalançou-se á escriptura dos nossos feitos.

Poucos teriam, como elle, tantos elementos para escrever uma historia exactissima das coisas indianas. Dispondo dos documentos necessarios, sendo feitor da casa da India, e passando-lhe, por conseguinte, pelas mãos todas as provisões e todos os regimentos, privado del-rei, amigo ou conhecido de todos os grandes homens que no seu tempo batalhavam nas partes do Oriente, a historia de João de Barros podia ser, além de um monumento de estilo e de linguagem, uma obra de elevadissima importancia historica. Mas n'este ponto é que me parece afrouxar a penna de Barros. Acceito-o como simples narrador dos factos, como apreciador

recuso-o... e todas as causas que apontei para mostrar as fontes de informações que João de Barros tinha á sua disposição, concorrem egualmente a provar o quanto o seu espirito era improprio para julgar sãmente das coisas da India. Educado nos ares da côrte, costumado, desde criança, a beber os seus preconceitos, a acceitar as suas idéas, valido de dois reis, escrevendo a pedido de um, cheio de beneficios do outro, João de Barros havia de observar tudo pelo prisma do cortezão. Mais occupado em arredondar a sua phrase do que em investigar as injustiças, as torpezas, os erros que se praticavam, João de Barros, se presta homenagem a Affonso de Albuquerque, não se doe muito das injustiças praticadas com elle; se conta na sua 4.ª década a escandalosa dissenção entre Pero Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, não estranha muito esses factos que estiveram para produzir na India, entre fidalgos de fama e de prosapia, a miseravel guerra civil, que por esse mesmo tempo ardia no Perú entre aventureiros hespanhoes de infima especie e baixissimos sentimentos.

Querem saber qual é a reflexão com que João de Barros acompanha a narração d'este successo, que inspirou aos proprios indios um profundo desprezo pelo nosso caracter? Não cito textualmente, porque não tenho presente o livro, mas podem os leitores verificar a citação nos primeiros capitulos da 4.ª década, publicada, depois da morte do auctor, por João Baptista Lavanha, em conformidade das ordens que para esse fim recebêra de Filippe III.

«Tamanho é o amor que os portuguezes consagram aos seus reis, que todas estas discordias nasceram unicamente de disputas sobre qual dos dois governadores entendêra melhor o verdadeiro sentido das régias provisões!»

Como vemos, nada ha mais innocente! É uma simples questão de hermeneutica, uma discussão casuistica, uma difficuldade que póde ser resolvida por algum doutor em leis. Lopo Vaz de Sampaio (coitado!) entendia, apesar de estar nomeado para governar depois de Pero Mascarenhas, apesar da sua provisão dever ser aberta depois da do seu rival, que as verdadeiras intenções del-rei eram que a provisão se abrisse depois, é verdade, mas que elle governasse primeiro! E o certo é que parece que tinha razão, porque Pero Mascarenhas veiu carregado de ferros para Lisboa, e el-rei D. João III, quando a victima d'aquella odiosa intriga lhe pediu justiça, encolheu os hombros e não quiz tocar no que era já um facto consummado.

João de Barros nem muito de leve mostra estranhar esta resolução. Como todos os cortezãos, voltava as costas ao sol poente, e o sol de Pero Mascarenhas sumia-se no occaso. Por isso, quando se espalha que está instaurado processo a Lopo Vaz, João de Barros protesta contra esse aleive que se levanta ao honrado governador, e declara ser absolutamente falsa tal asserção.

Os dissabores que a D. Francisco de Almeida os intrigantes da côrte fizeram soffrer, as angustias de Duarte Pacheco, as amarguras que Affonso de

Albuquerque sentia no leito da morte por saber que estava nomeado para seu successor Soares de Albergaria, seu inimigo mortal, encontra tudo isso João de Barros em suprema indifferença. E não é porque Barros tenha um coração frio e indifferente aos males alheios; o seu estilo, tão cheio de fogo, humedece-se tambem de lagrimas quando conta algum triste caso, e a descripção da partida das armadas, da angustiosa dor das esposas e das mães, mostra que João de Barros se possuia verdadeiramente do seu assumpto, e tambem contemplava com melancolia os galeões que desfraldavam as velas á brisa do Tejo, e iam por esses mares além tingir de sangue a alva espuma das vagas, deixando as viuvas chorosas na praia do Restello.

Mas, repetimos, João de Barros é cortezão, pisa as esteiras do paço, ouve as calumnias dos que voltam contra os que ficaram, dá attenção á invejosa maledicencia dos que não ousavam ir, preferindo cortar a reputação alheia a decepar cabeças musulmanas, não andou por essas terras distantes, não viu os crimes que se praticavam, não lhe alancearam o coração as saudades da patria, não teve que luctar com as ambições dos inferiores, não teve que se defender contra as picadas de alfinetes da intriga, não recebeu as ordens contradictorias da côrte, não viu o seu procedimento mal interpretado, as suas grandes emprezas interrompidas pela malevolencia dos ministros, a insubordinação auctorisada por secretas provisões dadas a occultas aos subalternos; não, o que viu apenas foi o esplendor da nossa

gloria no Oriente, o que viu foi partirem as armadas bem abastecidas, o que ouviu foi o côro de cortezãos chamando a D. Manuel o grande e o venturoso. E foi com essas harmonias, com esses esplendores que elle compoz o seu maravilhoso monumento; monumento que tem de durar seculos, e que, apesar das modernas investigações que nos auctorisam a aceitarmos raramente o juizo de Barros, e a não acreditarmos na sua imparcialidade, ha de sempre dizer ao mundo com sonorosa voz as grandes acções que praticámos, e que ficaram sendo grandes apesar de as deslustrarem mesquinharias e crueldades. O sol não é menos esplendido porque algumas nodoas o desfeiam.

Falta-nos o tempo e o espaço para apontarmos exemplos das prevenções cortezãs de João de Barros; comtudo, ha uma que nos parece mais imperdoavel do que outra qualquer; é o modo frio e desprezador com que elle trata Fernão de Magalhães; se o acreditarmos, Fernão de Magalhães era um intrigante obscuro, concussionario, e ignorante do seu officio, que é mais! Ao contar a sua expedição quasi que nem o considera como descobridor! A revolta dos capitães hespanhoes parece-lhe justificadissima pela violencia com que elle os tratava; a repressão energica imposta por Fernão de Magalhães ás suas equipagens parece-lhe um acto de horrenda crueldade. O homem, que narra com o maior sangue frio as atrocidades praticadas pelos portuguezes na India contra gente ás vezes fraca e inerme, não acha outro nome para designar a acção de um ca-

pitão portuguez, reprimindo no mar alto, longe de toda a habitação humana, equipagens hespanholas revoltadas. Tem todos contra si; apenas tres ou quatro portuguezes do seu lado, e só com a sua coragem e a sua resolução impõe respeito aos sublevados, e no fim este homem, castigando severamente os revoltosos, não praticou mais do que uma crueldade. De accordo, mas d'essa crueldade poucos seriam capazes.

Bem sei que estavam os portuguezes irritados contra Fernão de Magalhães, que João de Barros devia participar d'essa irritação; mas o grande escriptor, o homem capaz de comprehender as grandes coisas, não se podia elevar um pouco acima dos preconceitos do seu tempo, e, castigando severamente a traição, prestar homenagem ao genio do homem? Não o fez, porque ao talento de João de Barros faltava o ter sido retemperado no fogo da desgraça; o historiador vivêra sempre no doce ninho da côrte, lisongeado e acariciado pelos reis, querido de todos, ao abrigo das injustiças, admirado pela Europa. Em toda a parte honravam o seu talento verdadeiramente prodigioso; como havia elle de comprehender as torturas do genio menospresado? Para se avaliarem philosophicamente os acontecimentos politicos, para se apreciar seguramente o caracter dos actores principaes d'esta comedia, é necessario ter-se sido valido de Luiz XI e ter-se vivido depois alguns mezes dentro de uma d'essas gaiolas inventadas pelo astucioso rei, como succedeu a Filippe de Commines; é necessario ter-

se sido secretario da republica florentina, e ter-se agonisado depois n'um carcere humido e frio, como succedeu a Machiavello; mas aquelles que, como João de Barros, sempre foram bafejados pela fortuna prospera, adoptam por divisa o *væ victis* de Brenno.

Dissemos qual era a mácula do talento de João de Barros, mas dissemos tambem qual era o immenso esplendor que a compensava. Historiador eloquente, nenhum contemporaneo seu attingiu á sua altura, e as suas *Décadas* tiveram a honra de ser traduzidas em italiano por Antonio Ulloa, que as dedicou ao duque de Mantua; honra inaudita, porque os italianos, cuja litteratura era então a dominante na Europa, ufanos da pleiade brilhante de genios que o mundo admirava, consideravam um pouco as outras nações como barbaras, e estavam mais habituados a verem as suas obras primas traduzidas nas linguas estrangeiras, do que a naturalisarem na sua as producções alheias.

Isto prova o alto apreço em que o nosso historiador era tido lá fóra; esse juizo favoravel ainda hoje subsiste, e de tantos monumentos da nossa gloria só dois ficam de pé aos olhos dos estrangeiros: os *Lusiadas* de Camões, e as *Décadas* de Barros.

II

DIOGO DO COUTO

Não é facil encontrar um successor a homens como João de Barros. A eloquencia, que a morte afugentou, chora viuva sobre o seu tumulo, e resiste por seculos ás vezes ao convite dos que pretendem colher nos seus labios o beijo inspirador da musa da historia. Estas grandes vozes deixam após si um echo tão prolongado, que não permittem que mais alguma se eleve, nem mesmo para completar ás vezes a phrase interrompida. Quando Mirabeau morreu, interrompendo a discussão de um projecto, ninguem ousou succeder-lhe na tribuna; e, como se a sua voz, mesmo d'além tumulo, mesmo trémula e entrecortada pelas ultimas agonias, tivesse mais poder do que a voz vibrante dos vivos, Talleyrand leu um discurso posthumo do grande orador, e a discussão cessou respeitosamente diante da palavra d'esse genio, a que a morte acabava de dar a sua ultima e sublime consagração.

Pela morte de João de Barros ficaram por muito tempo interrompidas as *Décadas*. Dizia-se que o grande escriptor deixára manuscriptos incompletos, ou por emendar, e todos preferiam possuir esse testamento do genio a tombar da altura épica, onde João de Barros pozera a historia, na prosa chilra de algum insulso continuador. Comtudo, os annos corriam sem que fosse dada á es-

tampa nenhuma outra década além da terceira, e sabia-se definitivamente que havia uma quarta esboçada apenas, ou pouco mais do que esboçada. A necessidade de registar os grandes feitos que os portuguezes continuavam a praticar no Oriente estava sendo cada vez mais sensivel, e tanto mais quanto se podia já prever que eram essas as sublimes convulsões da agonia, e que a torrente dos marinheiros do Norte ia em breve alastrar o campo da nossa gloria, e apagar talvez para sempre a memoria do nome portuguez. Era indispensavel acudir a tempo á conservação das gloriosas memorias do nosso dominio n'essas terras orientaes; era necessario que a posteridade não ignorasse que os filhos dos Almeidas e dos Albuquerques tinham sido ainda dignos dos seus antecessores, e que fôra a fortuna contraria, e não a degeneração militar dos portuguezes, a causa principal das nossas primeiras desventuras.

Vivia então e militava na India um homem, em quem todos reconheciam e respeitavam um talento notavel e uma profunda erudição. Constava que elle, empunhando n'uma das mãos a espada e n'outra a penna, como o seu contemporaneo e amigo Camões, fôra consignando os feitos a que assistira, e que o livro d'essas memorias já constava da narração do que se passára na India no tempo de Filippe I de Portugal e II de Castella. Era tal a reputação do historiador soldado, que domou a inveja dos émulos e o amor proprio dos escriptores seus conterraneos, de fórma que, desejando el-rei

de Hespanha, para lisongeiar os seus novos subditos, e tambem para illustrar o seu nome, como o dos reis seus predecessores portuguezes havia sido illustrado, desejando elle, pois, que se continuassem as *Décadas* de Barros, e que se gravassem nas bronzeas taboas da historia os subsequentes annaes das conquistas no Oriente, a voz publica logo lhe indigitou Diogo do Couto como o unico homem capaz de se abalançar a tal empreza, e de não desmaiar na ardua tarefa de ser continuador de Barros, e isto apesar d'elle residir na India, longe da côrte, e, por conseguinte, na impossibilidade de attrahir sobre si as vistas do monarcha. Nomeação mais imparcial nunca a houve de certo, e Diogo do Couto podia dizer ufano que era o seu merito, e só o seu merito incontestado e reconhecido por todos, que fôra a causa da honra que recebia.

Levado, pois, pelo rumor publico elogioso do talento de Couto, e pelo acaso de já os trabalhos historicos não serem estranhos ao escolhido, pois que por sua propria conta narrára as coisas da India, D. Filippe enviou-lhe uma carta régia, em que o nomeava chronista das Indias, e o encarregava de continuar as *Décadas* de Barros, desde o fim da terceira, que terminava com a morte do governador D. Henrique de Menezes. Para lhe facilitar as investigações, nomeava-o el-rei guarda da Torre do Tombo de Goa, estabelecimento cuja erecção era devida tambem ao monarcha intruso, e onde os governadores haviam recebido ordem de colleccionarem to-

dos os documentos relativos á direcção e administração das coisas do Oriente. Isto foi, para os devidos effeitos, communicado egualmente ao vice-rei Mathias de Albuquerque.

Aqui temos, pois, Diogo do Couto, moço de honrada estirpe, educado pelos jesuitas, e possuidor de um talento e de uma erudição não vulgares, a braços com a ardua empreza de luctar com o altisonante Barros, de juntar mais alguns lanços ao monumento erguido pelo seu antecessor, de accrescentar outras estatuas ás que já haviam sido postas no pantheon da gloria portugueza por esse Phidias historiador.

Comtudo, contra a espectativa geral, a quéda não puniu a audacia da empreza. Icaro seguiu Dedalo sem que a cera das azas se lhe fundisse ao calor do sol; Phaetonte acceitou das mãos de Apollo as redeas dos fogosos cavallos sem que o carro doirado se lhe despenhasse por alcantis e fraguedos desconhecidos; o Titão ousava subir ao Olympo, sentar-se no banquete dos deuses, tomar o seu quinhão da ambrosia e do nectar, sem que um monte, servindo-lhe de campa, lhe castigasse a ousadia; Prometteu roubava, emfim, o fogo sagrado sem o abutre lhe vir devorar o figado. O talento subia á altura do genio, e não ficava esmagado pelo confronto. É certo que o nome de Diogo do Couto, sem ser conhecido e respeitado pelos estrangeiros como o de João de Barros, cinge-se entre nós de uma aureóla que, sem ser reflexo da do seu antecessor, não em-

pallidece demasiado comparada com o fulgido clarão da luminosa côroa do Livio portuguez.

Parece-me que dei agora, dizendo que a sua auréola não é reflexo da do seu antecessor, a chave do enigma a quem estranhe que, reconhecendo o logar inferior que Diogo do Couto occupa, em relação a Barros, na lista dos grandes escriptores, confesse ao mesmo tempo que não é desproporcionada a lucta. Effectivamente, o unico meio de luctar com um homem de genio é não o seguir. Uma individualidade bem caracterisada, quando não é a individualidade de um tolo (e esses não a tem, formam uma especie que não é se não a reproducção de um typo unico), uma individualidade, pois, tem sempre em si mesma um certo interesse, que lhe permitte o supportar, sem grande desvantagem, a lucta com outro qualquer, ainda que este seja reconhecidamente superior. «Um homem na sua propria casa, dizia o marquez de Pombal, é tão forte, que até depois de morto são necessarios quatro para de lá o tirarem.» O mesmo podêmos dizer de um escriptor. Entrincheirado n'uma individualidade sua, bem sua, o escriptor, ainda quando vencido, tem as honras da lucta, tem a gloria de ter aberto um caminho, mais ou menos vasto, na selva do espirito humano. A imaginação que assim o guiou por novas sendas, se não é resplendente como um sol, tem pelo menos o fulgor da estrella, e não o pallido reflexo do satellite.

Ora Diogo do Couto, em presença da poderosa

individualidade de João de Barros, soube conservar a sua independencia de escriptor. Quizesse-o elle seguir no caminho percorrido tão brilhantemente; deixasse-se deslumbrar pela admiração da Europa, e quizesse reivindicar esse legado de gloria, o seu vulto sumir-se hia na sombra immensa projectada pelo grande homem que marchava na sua dianteira. Não procedeu assim. Entrou em novo trilho, e, á luz menos deslumbrante mas egualmente limpida do seu talento, o seu vulto projecta a sua propria sombra no campo da nossa historia litteraria. Essa eloquencia concisa e brilhante de João de Barros quem ousaria imital-a? A trama cerrada e atochada de seu estilo quem ousaria continual-a? Diogo do Couto teve o bom senso de o não fazer. Percebeu que o raio de Jupiter nas suas mãos, em vez de fuzilar e de assombrar os timidos mortaes, não faria senão abrazal-o a elle mesmo, e, deixando a aguia desprender o vôo altivo, affrontar a luz do sol, e poisar nos alcantis inaccessiveis, despregou elle as suas azas mais timidas, e cortou sereno o ambiente.

O seu estilo, se não tem o nervoso vigor de Barros, esses lampejos successivos que em cada palavra nos deslumbram, esses rasgos audaciosos que de quando em quando nos deixam ficar extaticos, possue em compensação uma fluencia agradavel, e uma limpidez inalteravel e constante; não é uma torrente que desaba em cachões espumosos, é um rio que vae correndo na planicie, reflectindo a paizagem e os monumentos que da praia se debruçam a espelhar-se-lhe no christal. Vivendo ainda no prin-

103

cipio do seculo XVII os trocadilhos d'essa litteratura depravada que principiava então, não chegaram a turvar a veia do seu estilo, e, comtudo, presente-se que o marinismo está proximo. «Os castelhanos, diz elle algures, taes castellos de vento armaram aos naturaes de Tidor...» A intenção do jogo de palavras já é evidente; a gravidade do estilo do historiador já está a pique de sossobrar. Comtudo, nos oitenta e tantos livros das *Décadas* de Couto só de longe a longe apparecem estas máculas incipientes.

Mas se o estilista não póde por fórma alguma competir com a eloquencia magestosa de João de Barros; se a lingua portugueza, sem perder uma só das suas galas, e sem se desfigurar com ouropeis, não ganha novos esplendores, e espera que a voz poderosa de Antonio Vieira a levante de novo a alturas vertiginosas, em compensação o historiador, o narrador e o apreciador dos factos não só não fica inferior a João de Barros, mas até mesmo o excede. E' n'isto que vemos o acerto com que Diogo do Couto, escolhendo um outro rumo, conseguiu resplandecer com luz propria na lista dos nossos chronistas, e não ficar sepultado no immenso fulgor que irradia o genio do amigo de D. João III. Narrando com singeleza, mas narrando com exactidão, e apreciando com supremo tacto, Diogo do Couto torna-se credor da estima da posteridade, a quem ás vezes revoltam as apreciações cortezãs de João de Barros, e a ausencia do sentimento do justo que nacionaes e estrangeiros encontram n'essas paginas soberbas, onde os esplendores da phrase não podem

occultar a suprema indifferença com que o chronista das Indias narra os actos de crueldade, de avareza e de injustiça, praticados pelos nossos valentes mas ferozes avoengos.

Não diremos, e seria isso exigir muito de um escriptor do seculo XVII, e de um escriptor educado pelos jesuitas, que Diogo do Couto conte certos acontecimentos com a indignação que elles nos inspiram, mas conta-os com a franqueza de um soldado cavalheiroso, habituado aos horrores da guerra, costumado a considerar quasi como animaes ferozes os homens que não pertencem á communidade catholica, mas a quem a perfidia revolta, e que não vê tranquillamente actos de fria barbaridade. Ora é essa a grande vantagem que Diogo do Couto leva a João de Barros. Este ultimo tem é verdade, á sua disposição todos os documentos necessarios, mas tambem el-rei os tem, e el-rei, ou se chame D. Manuel ou D. João III, lança em ferros Duarte Pacheco, põe de banda, como um instrumento inutil, Vasco da Gama, dá razão contra D. Francisco de Almeida a todas as insubordinações dos chefes militares, a todas as intrigas dos escrivães, mata Affonso de Albuquerque á força de desgostos, e nega justiça a Pedro Mascarenhas, apesar da audacia com que o seu competidor Lopo Vaz de Sampaio desprezára e vilipendiára as ordens régias. João de Barros vê os acontecimentos do Oriente pelo prisma da côrte; regalado e amimado na sua quinta de Alitem, não póde comprehender os trabalhos e os soffrimentos d'aquelles que, por noites de temporal,

vêem no mar alto a morte cem vezes diante dos olhos; d'aquelles que affrontam serenamente o clima da costa africana, as inimizades do Malabar; d'aquelles que pelejam, soffrem e morrem, e que vêem tantos serviços, tantos padecimentos menosprezados por um rei ingrato, que ouve mais as palavras aduladoras da sua camarilha de intrigantes do que o mudo protesto que sae pelas bocas das feridas ainda gotejantes de sangue, que o ferro inimigo abriu no peito dos heroes da India, dos heroes que tem por unica recompensa as algemas a magoarem-lhes as cicatrizes do pulso que vibrou a espada.

Mas Diogo do Couto está em circumstancias muito differentes: Diogo do Couto vive e combate no Oriente, soffre o que os seus heroes soffreram, lamenta, como elles lamentaram, as ingratidões e a cegueira da côrte, assiste de perto ás intrigas, ás miserias, ás atrocidades dos portuguezes. Da medalha, cujo esplendor João de Barros contemplára de longe, vê elle de perto o verso e o reverso. Espirito elevado, assiste ao desabamento do nosso imperio, e segue com profunda tristeza o trabalho nefando das torpezas que o alluem. Tudo isto se reflecte nas paginas das suas *Décadas*, e isso mesmo, ainda quando Diogo do Couto possuisse a eloquencia de Barros, bastaria para apagar na historia os traços épicos com que tentasse delineal-a. Dos vultos que ao longe se assimilham a heroes de Plutarcho, vê elle as fraquezas humanas e os crimes. D'ahi menos enthusiasmo pelos heroes, mas justiça mais exacta. Dos reis a que o mundo chama

grandes vê elle tambem os erros e as indignidades. Eis o motivo por que as *Décadas* de Diogo do Couto não são escriptas com enthusiastica eloquencia, mas antes com simples e severa austeridade.

Como dissemos no estudo anterior, o acaso de se ter publicado a 4.ª década de Barros depois de já estar escripta a 1.ª de Couto, versando ambas sobre o mesmo assumpto, facilita a comparação dos dois escriptores. E tanto melhor se póde conhecer na confrontação das duas narrações o caracter differente que attribuimos aos dois auctores das *Décadas*, quanto mais se presta ao desenvolvimento d'esse caracter o periodo, cujos acontecimentos deviam transmittir aos vindouros. Era esse periodo o que se seguiu á morte do vice-rei D. Henrique de Menezes, em que se travou a questão de Lopo Vaz de Sampaio com Pedro Mascarenhas, facto escandaloso, deixado impune, ainda mais, legitimado por el-rei, que assim auctorisou todas as futuras insubordinações, e deu azo ás miseraveis discordias que, mais ainda do que os hollandezes e a tyrannia hespanhola, deram cabo do nosso imperio oriental.

Já vimos o modo como João de Barros encara este debate, a ligeireza com que narra os factos, e lhes vae descobrir causas frivolas e lisongeiras para o poder monarchico. Nem uma reflexão melancolica sobre o desprestigio que essa lucta dava ao nome portuguez, nem um brado de indignação, mais ou menos comprimido, contra aquelles que deixavam macular a real bandeira, arrastando-a pelos treme-

daes das suas ambições mesquinhas! João de Barros, como o rei, como a côrte, parece acreditar que o successo tudo legitima, e nada acha de extraordinario nas peripecias repugnantes d'essa partida em que se jogava o vice-reinado da India, como no tempo da decadencia de Roma se jogava o imperio a dados nos acampamentos das legiões provinciaes, ou nas casernas dos pretorianos. O monarcha houve por bem dar um *bill de indemnidade* ao jogador feliz, e, depois d'isso, João de Barros nada mais tem que dizer. Pedro Mascarenhas, o vencedor de Bintam, o escolhido pelo proprio D. João III para o difficil encargo de governador da India, que faça na miseria e na obscuridade amarga penitencia por ter acreditado na palavra dos reis, e por ter exposto a sua vida, e ter sido lançado ignominiosamente em ferros para não abandonar a defesa da legalidade.

Que differença em Diogo do Couto! Com que profunda tristeza nos conta elle essas miserias, como nos descreve o espanto dos rajahs indianos em presença d'esta anarchia repugnante que lavra nas fileiras dos seus vencedores! Que mal reprimida colera a sua quando narra as prepotencias de Lopo Vaz, a indignidade de um monge que do alto do pulpito, do alto da cadeira sagrada, fomenta o odio e a divisão entre aquelles a quem devia prégar paz e justiça! Com que repugnancia nos falla nos miseraveis enredos do usurpador, chamando ao seu partido os capitães das fortalezas, comprando uns. ameaçando outros, illudindo os honestos, introduzindo creaturas

suas no tribunal que deve julgar a pendencia! Não é já um cortezão o escriptor, é um soldado franco e leal a quem estas intrigas indignam, e que sente ruborisarem-se-lhe as faces vendo a gloria immensa dos portuguezes arrastada no lodo pelos mesmos, que haviam inscripto acções tão grandiosas nos annaes da sua patria.

Eis, em quanto a mim, o grande merecimento de Diogo do Couto; eis o que faz com que a sua mais modesta gloria não empallideça junto da gloria esplendida de João de Barros. Este ultimo, desenvolvendo todos os recursos da eloquencia, transmittiu aos vindouros a brilhante epopéa em prosa dos feitos portuguezes; Diogo do Couto, empunhando o lapis severo do historiador, em vez do pincel maravilhoso do colorista, desenhou com perfeita exactidão as scenas que se passavam no Oriente, inundando-as de luz quando era necessario, mas não poupando as sombras, quando as sombras lhe appareciam. Assim, nas suas *Décadas* resplende o quadro escrupulosamente verdadeiro das nossas guerras indianas; e tal é a grandeza épica dos nossos heroes, que, ainda mesmo descidos do pedestal, ainda mesmo reduzidos ás proporções communs da humanidade, deslumbram e maravilham os seus degenerados descendentes.

*

106

LITTERATURA BRAZILEIRA

JOSÉ D'ALENCAR [1]

Apezar dos muitos talentos que avultam na nossa antiga colonia americana, não se pode dizer que o Brazil possúa uma litteratura. Litteratura nacional é aquella em que se reflecte o caracter d'um povo, que dá vida ás suas tradições e crenças; é a harpa fremente em cujas cordas geme, como um sopro, a alma d'uma nação, com todas as dôres e jubilos que, atravez dos seculos, a foram retemperando.

O Brazil, como nação moderna, como filha da Europa, não tem ainda uma existencia bastante caracterisada, para que os seus incidentes, reflectindo-se no espelho da litteratura, possam deixar n'el-

[1] *Iracema*, lenda do Ceará — 1 vol.

le imagem bastante colorida e energica. Não tem tido que atravessar, como as republicas hespanholas, o periodo laborioso d'uma gestação difficillima, nem tem tomado, como os Estados-Unidos, uma tal iniciativa no movimento civilisador do mundo, que possam na sua litteratura deixar profundo sulco as grandes questões em que se debate a humanidade. Effectivamente os povos, que se estorcem nas convulsões immensas que precedem a sua formação definitiva, inflammam a sua litteratura com todo o fogo do combate; o ardor, a vehemencia, o enthusiasmo respiram na sua poesia, e os rapsodas febris, que sentem todas as commoções da lucta, soltam ao vento do futuro as paginas dispersas d'uma epopêa sublime, que um Homero depois coordenará talvez, e de que se formará a Iliada gigante d'esses povos que ha cincoenta annos cercam a Troya dos velhos erros do passado, sem terem conseguido ainda conquistar a liberdade, essa formosa Helena que jaz dentro dos muros sitiados.

Os Estados-Unidos, paiz que já chegou a um gráo desenvolvidissimo de civilisação, tem, para assim dizermos, voto e assento na congregação limitada dos povos que dirigem a marcha da humanidade. Os grandes problemas, que importam ao destino dos homens, tambem elle os pretende e póde resolver. A voz dos seus escriptores não morre no recinto das fronteiras. A sua litteratura actual tem, como a franceza, a ingleza, e a allemã um certo caracter d'apostolado. *Uncle Tom's cabin* advoga a causa dos escravos negros, como *Les Misérables* a causa

107

dos proletarios, esses escravos brancos. O mundo presta um ouvido attento ao clamor de Victor Hugo, e ao brado de Beecher Stowe. O estudo sério, e imparcial do passado, caracteristico da moderna litteratura européa, marca tambem a indole da litteratura americana. Prescott e Ticknor caminham ao lado de Gervinus e de Villemain. Mas nem sempre foi assim; antes que a America do Norte, collocando-se na vanguarda do exercito civilisador, contrahisse deveres que lhe prohibem o egoismo, e que fazem da sua litteratura a irmã, não a imitadora das grandes litteraturas européas, lembrára-se do seu passado, revolvera os proprios pergaminhos, e déra-se carta de nobreza, para que podesse entrar, como astro de luz propria, e não como satellite, na brilhante constellação das nacionalidades. O representante d'essa litteratura patriotica foi Cooper; o typo em que o grande romancista incarnou a verdadeira nacionalidade americana foi Nathaniel Bempo, *Olho de falcão*, *Matador de veados*, *Longa Carabina*, *Guia*, *Meia de coiro*, *Armador de redes*, varios cognomes que distinguem o seu heróe predilecto n'essas vivas epopéas, que se chamam *Deerslayer*, *The last of the Mohicans*, *The Ontario*, *The Pionneers*, *The Prairie*. Todas as figuras se agrupam emtorno d'este vulto sympathico, em todas as paizagens surge a sua elevada estatura, o seu rosto melancholico e bronzeado, a sua longa e fiel carabina. É porque Nathaniel, pertencente á raça conquistadora, mas quasi irmão dos indios, pelo affecto profundo que á sua nova patria consagra pela sympathia que lhe

inspiram os soffrimentos das tribus perseguidas, é o protesto vivo contra aquelles que da Nova Inglaterra querem fazer apenas a succursal da antiga, que renegam toda a confraternidade com os primitivos habitantes d'esse magnifico solo, e que tentam assim affogar no seu germen a vivaz nacionalidade que póde brotar n'esse paiz virgem, para a substituirem por um simples satellite do planeta inglez, por um arrabalde ultramarino da velha Britannia.

As nações americanas, se quizerem verdadeiramente fazer acto de independencia, e entrar no mundo com os fóros de paizes que tem nobreza sua, devem, como Nathaniel Bempo, esquecer-se um pouco da metropole européa, impregnar-se nos aromas do seu solo, proclamar-se filhas adoptivas, mas filhas ternas e amantes das florestas do Novo-Mundo, e acceitar as tradições dos primeiros povoadores, que os seus antepassados barbara e impoliticamente expulsaram da patria, por onde vagueavam em pleno goso da liberdade selvagem. Na poesia esplendida d'esses povos primitivos está a inspiração verdadeira, que deve dar originalidade e seiva á litteratura americana. Foi isso o que Fennimore Cooper comprehendeu, foi isso o que fez os seus romances tão apreciados por uma geração, que procura em todas as flores da poesia o aroma nativo dos jardins em que brotaram, no colorido das suas folhas o matiz com que as doirou o sol da sua patria, por uma geração, que despreza as estioladas e pallidas plantas de estufa, nascidas

n'uma atmosphera falsa, desabrochadas ao sopro ficticio d'uma brisa artificialmente calida. E' isso que deve dar ao Brazil a litteratura que lhe falta, foi isso finalmente o que o snr. José d'Alencar comprehendeu e tentou na formosa lenda cearense, que abre um novo e desconhecido horisonte aos poetas e romancistas de Santa-Cruz.

Desde o Carumuru de Santa Rita Durão, os poetas brazileiros têem entrevisto a mina riquissima, d'onde pódem arrancar diamantes litterarios, tão fulgurantes como as pedras preciosas que resplandecem por entre as areias de Tejuco, mas até agora nenhum se impregnou bastante n'essa inspiração selvatica, nenhum teve animo para se banhar completamente n'esse formoso lago d'uma poesia estranha ás regras e aos habitos europeus. Gonçalves Dias, e Magalhães sulcaram-n'o, mas como o cysne alvejante, que só procura semear de pérolas a candida plumagem, e que receia enlodar na vasa do fundo o collo nitido e correctamente airoso, a aza branca e lisa, a cabeça graciosa e fina. Não era assim que se podiam arrancar do lago os thesouros que lá jaziam occultos, era necessario que o poeta, como o mergulhador de Schiller, devassasse destemido os mysterios do pégo, contemplasse as flores maravilhosas que desabrocham em fundas cavernas de coral, os recifes de madrepérola que expandem nacarados reflexos sob a transparencia das aguas, as brancas nymphas, as pallidas visões que se vêem passar vagamente sob o cristal da superficie entre um

nimbo de luz, que se azula, refrangendo-se nas rugas, com que a brisa encrespa a liquida toalha.

Estes mysterios da poesia, estes esplendores e estas sombras da confusa floresta das tradições populares sempre assustaram a litteratura elegante; e foi necessario que uma revolução sanguinolenta revolvesse a ordem do mundo, destruisse as antigas distincções, e, agitando o mar social, mostrasse aos raios do sol a vasa e as pérolas, para que os poetas, costumados a desprezarem ou a considerarem repugnantes esses animaes hybridos, essas vegetações monstruosas do fundo do Oceano, ousassem derrubar os seus palacios de Neptuno, quebrar as suas conchas de Amphitrite e aventurar o seú pé, calçado de setim, entre a rubida ramaria dos coraes, entre as verdejantes abobadas d'esses templos de algas e de limos, onde avultam, como idolos horrendos, as chimeras monstruosas, as mysteriosas sereias que povoaram o sonho phantastico de Fausto, quando Mephistopheles o transporta ao seio da classe plebêa, se assim nos podemos exprimir, da antiga mythologia [1]. Tudo quanto não era nobre, perfumado e delicado fôra por tanto tempo considerado como antipoetico que, ainda quando se principiou a perceber que havia muito oiro escondido n'essas escorias despresadas, não se aproveitou senão engastando-o cuidadosamente nas joias arrebicadas da litteratura classica. Os poemas sublimes do grande homem, que bebera a largos tragos o vinho forte da poesia

[1] *Fausto*, 2.ª parte.

tradicional do seu paiz, em vez do hydromel semsabor, temperado com a agua chilra de Aristoteles, as grandes tragedias de Shakespeare não ousaram apparecer no palco francez, senão compostas, alindadas, decotadas, e castradas pelo bom Ducis. Foi preciso que viesse uma geração completamente nova, que nunca se viciara nos ares empestados, na atmosphera artificial das estufas de Versailles, para que respirasse com delicias os aromas inebriantes da poesia, que procurava a sua inspiração nas crenças do povo, e nos sentimentos do poeta.

Ora o que succedeu na Europa com a poesia popular, aconteceu no Brazil com a litteratura indiana. A *Conjuração dos Tamoyos* do poeta Magalhães, os poemetos nacionaes de Gonçalves Dias assemelham-se um pouco ás tragedias shakspearianas de Ducis. Dizem-me que os *Tymbiras* de Gonçalves Dias mostram já uma tendencia maior para se impregnarem na côr local, e para reflectirem, na sua nudez sublime, as grandes imagens dos povos primitivos da America. Não conhecendo esse poema, não posso formar juizo sobre elle, mas outros poemetos indianos, publicados no volume de versos do grande poeta brasileiro [1], authorisam-me a suppôr que a morte ceifou Gonçalves Dias antes d'elle ter inaugurado verdadeiramente a litteratura nacional do Brazil, e que á *Iracema* do snr. José d'Alencar pertence a honra de ter dado o primeiro passo affoito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições.

[1] Edição de Leipsick.

Quem lê os romances de Cooper, e se enthusiasma com as suas descripções magnificas, com os usos pittorescos dos selvagens, com a linguagem imaginosa e colorida, apanagio de todos os povos primitivos, que vivem n'um contacto intimo com a natureza, se volve depois os olhos para as terras de Santa Cruz, se contempla essas florestas, onde resplende a vegetação prodigiosa dos tropicos, onde os cipós se entrançam em longas cordas de verdura, onde as bromelias pendem em festões variegados dos troncos das arvores, se pensa n'esses rios portentosos, que se desenrolam na vastissima amplidão dos desertos e em cujas aguas rumorejantes se espelham as altissimas cupulas das selvas marginaes, se vê passar com os olhos da phantasia, por esses maravilhosos ermos, os indios silenciosos, cuja tez é doirada pelos raios do sol, cuja linguagem se inflamma no ardor do clima, cujas paixões ferventes se exaltam ao sopro da brisa ardentissima dos tropicos, lamenta de certo que não houvesse um poeta, que soubesse aproveitar os thesouros da poesia, espalhados com profusão por esse territorio admiravel, e que, da mesma fórma que Fennimore Cooper, désse um magico relevo ás tradições e ás chronicas d'esses povos, a quem Deus concedera para habitação como que um arrabalde do Paraiso.

Felizmente o snr. José d'Alencar livrou a sua patria d'esse labéo. *Iracema* é uma tentativa, uma lenda apenas de 156 paginas, mas em que se revela o estylista primoroso, o pintor enthusiasta das paisagens nataes, e o chronista sympathico dos antigos

povos brasileiros. Pela primeira vez apparecem os Indios, fallando a sua linguagem colorida e ardente, pela primeira vez se imprime fundamente o cunho nacional n'um livro brasileiro, pela primeira vez são descriptos os selvagens com aquelles toques delicados, que dão um realce tão vivo aos typos do romancista da America do Norte. Iracema, a virgem tabajara, a *virgem de labios de mel*, é a candida e meiga irmã da *Flôr dos bosques*, e da *Estrella da manhã*, e de *Orvalho de Junho*, essas formosas creações do grande escriptor dos Estados-Unidos. A musa nacional solta-se emfim dos laços europeus, e vem sentar-se melancholica e pensativa, á sombra das bananeiras, vendo o sol apagar o seu facho ardente na perfumada orla das florestas americanas.

Vi, não sei já em que jornal do Rio de Janeiro, notada como defeito a profusão de termos indigenas espalhados nas formosas paginas d'*Iracema*. É possivel que o auctor não podesse eximir-se ao desejo de fazer apparato de erudição em materia tão nova, e esse apparato, se tornasse ininteligivel o volume ou inçasse de termos desagradaveis o brilhante matiz da prosa do snr. José d'Alencar, podia realmente considerar-se como defeito, mas o entretecer nos periodos da lenda algumas palavras sonoras e doces, que, ainda mesmo que não sejam comprehendidas pelo leitor, em nada prejudicam o interesse do livro por serem designação de plantas americanas ou de objectos do uso dos indigenas, não creio que possa macular por fórma alguma o formosissimo quadro do pintor brasileiro. São uns accessorios col-

locados ao fundo da paisagem, que em nada diminuem a admiração que o quadro nos inspira, porque representam objectos para nós desconhecidos. A pequenez do livro, e o facto de ter a fórma legendaria que requer a concisão, e impossibilita as explicações entremeiadas no texto, fizeram só com que fosse mais sensivel o emprego d'essas palavras da lingua indigena que, n'um romance, onde as descripções, tomando proporções mais largas, e descendo a mais ligeiras minuciosidades, explicam o termo para nós ignoto, passaria completamente despercebido.

Não; esse não é o defeito que me parece dever notar-se na *Iracema*; o defeito que eu vejo n'essa lenda, o defeito que vejo em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrépidamente, é a falta de correcção na linguagem portugueza, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma lingua differente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis, e de insubordinações grammaticaes, que (tenham cautella!) chegarão a ser risiveis se quizerem tomar as proporções d'uma insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato.

Se os escriptores brasileiros desejam realmente fazer uma lingua nova, corrompendo a antiga, como as linguas modernas da Europa se formaram da corrupção do latim, devemos advertil-os de que isso não prova senão o despreso das regras mais elementares da philologia. A transformação das linguas é um phenomeno, que se opéra sem que a vontade humana possa n'ella intervir por forma alguma; como qual-

quer outro phenomeno physico, está sujeito a leis fixas e immutaveis, como a gravitação, ou a expansão dos gazes. Max Müller demonstrou amplamente na sua *Sciencia da linguagem*, e com elle demonstraram-n'o todos os eruditos philologos da moderna eschola, que a philologia é uma sciencia da natureza e não uma sciencia historica. O fluxo e refluxo das linguas têem um caminhar tão certo como o fluxo e refluxo dos mares, que obedecem á acção longiqua da lua. Essa transformação pôl-a Deus nas mãos dos ignorantes. O nivel da linguagem eleva-se, não se abaixa. É ao povo, esse ignorante sublime, que está confiado o sagrado deposito. Os sabios *enriquecem* um idioma, só o povo o *transforma*. As fórmas grammaticaes não se alteram a bel-prazer dos escriptores; a indole d'uma lingua não são elles que a modificam por decreto. Parece-me necessario que os escriptores brasileiros se compenetrem bem d'esta verdade hoje elementar.

Porque motivo um livro brasileiro se distinguirá na linguagem d'um livro portuguez, quando os livros de Prescott americano não se distinguem dos livros de Macaulay, quando Ticknor e Southey, Cooper e Walter Scott, Washington Irving e Charles Dickens escrevem exactamente o mesmo correcto inglez? quando Arboleda e Zorrilla, Mármol e Espronceda entoam os seus inimitaveis versos no mesmo sonoro e altivo hespanhol? Estas dissidencias não podem indicar senão um erro da nossa parte, ou da parte dos nossos irmãos ultramarinos. As linguas transformam-se corrompendo-se, e a corrupção, em-

quanto não é fonte de renovamento, é vicio e vicio fatal. Ora n'este caso ou nós estamos corrompendo o idioma, ou os escriptores brasileiros o corrompem. Mas nós cingimo-nos ás velhas regras, nós sem nos desviarmos da linha recta, emquanto os brasileiros se comprazem em seguir umas veredas escabrosas, por onde caminha aos tombos a lingua de Camões. É glorioso ser um d'estes escriptores, que fazem brotar um idioma novo do cadaver corrupto d'uma velha lingua, mas não nos parece igualmente glorioso entrar na classe d'aquelles que receberam dos seus passados uma linguagem formosa, harmoniosa e opulenta, e que a estragam, e que a desfiguram, e maculam, e concorrem d'essa fórma para a transformarem de corpo cheio de vida em cadaver purulento, de manto de purpura em farrapo ignobil.

Aproveitei este ensejo para dizer verdades, que me pesavam ha muito na consciencia, e que parecerão talvez rudes, quando se souber que são escriptores de primeira ordem, talentos verdadeiramente grandiosos, os que estão á frente d'esta crusada de novo genero. Mas pareceu-me util recordar estes principios elementares de philologia a quem, cégo por um sentimento talvez louvavel, caminha visivelmente n'uma vereda errada, e vai arrastando por ella uma litteratura cheia de vida, e florescente de promessas.

Ainda que o snr. José d'Alencar não seja dos mais audazes revoltosos, ainda que o seu estylo verdadeiramente magico resgate plenamente as in-

112

correcções de linguagem que lhe podemos imputar, desejariamos que nem sequer essa leve macula existisse n'um livro primoroso, n'um livro, que está destinado, como a *Iracema*, a lançar no Brazil as bases d'uma litteratura verdadeiramente nacional.

JULIO DINIZ [1]

No seculo passado a litteratura franceza, corroída pelo grande vicio das litteraturas decrepitas, a affectação, caminhava por um rapido pendor para o sepulchro das futilidades, onde desapparecia, tendo como epitaphio os periodos dogmaticos de La Harpe, em quanto a sociedade se engolphava no abysmo sangrento da republica. Mas como as sociedades não morrem, antes encontram na sua mesma dissolução os elementos regeneradores, a litteratura não succumbe, e quando parece que o espirito humano, fatigado, não póde encontrar mais a inspiração juvenil, a que deve as obras primas que illustram os seculos aureos, encontra-se de subito, por baixo das cinzas frias que enchem a apagada pyra da poesia, uma centelha vivida, d'onde irrompe mais vehemente e mais luminosa a sacra chamma; entre o concerto de vozes enrouquecidas que

[1] *As Pupillas do snr. reitor* — Chronica d'aldeia, 1 vol.

se requebram em insulsas *fiorituri*, ouve-se de repente uma voz pura que entôa a nota clara e sonora que vae acordar no coração dos homens as fibras dormentes, e despertar-lhes a apagada sensibilidade. Foi o que succedeu então. No meio dos romances vergonhosos que maculam mesmo essa epocha, onde difficilmente se distingue uma nodoa mais viva; no meio das *marivaudages* fastidiosas, das pastoraes insipidas que se modelavam pelos zagaes e zagalas de mr. de Florian, das frias declamações de um sentimentalismo falso, que, copiando todos os defeitos de Rousseau, não lhe podiam copiar as bellezas, porque essas são inherentes ao genio até quando se extravia, appareceu um livro que se chamava *Paulo e Virginia*. Era um idyllio e um drama, todo singeleza, todo suavidade, onde a arte só procurava esconder-se, mas onde a inspiração do poeta, depois de se ter immergido no seio fecundo da natureza, rescendia em cada pagina as encantadas fragrancias da primavera, e do amor, essa outra primavera do coração humano.

Na epocha em que o romantismo triumphante, depois de ter produzido obras primas immortaes, se entregava aos excessos que acompanham as reacções, e se mergulhava no abysmo dos paradoxos declamatorios, dos longos romances em que os nefandos crimes se succediam a cada pagina, entremeando-se com as mais absurdas theorias e com as mais atrozes inverosimilhanças; quando o estudo das paixões e dos caracteres cedia o campo ao engenhar das peripecias; quando os escriptores procuravam actuar

sobre os instinctos menos nobres do coração humano, em vez de agitarem os sentimentos elevados que se conservam no fundo da nossa alma, particulas da essencia divina, como no fundo de um lago, onde tambem ha vasa e lodo, o tremulo reflexo das estrellas do firmamento; quando, em fim, a litteratura franceza entregava aos freneticos applausos do mundo inteiro a *Lelia* de Jorge Sand, essa emphatica declamação cujos paradoxos prejudiciaes mal se disfarçam no brilhantismo do estilo que os envolve, os *Mysterios de Paris* de Eugenio Sue, essa fria concepção de um espirito systematicamente extravagante, e as *Memorias do diabo* de Frederico Soulié, pesadelo atroz de um grande talento cujo estado normal era uma especie de febre de sangue; quando essa litteratura estava sendo devorada pela mesma doença que fizera succumbir a litteratura do seculo XVIII, a affectação, a affectação debaixo de outra fórma, contorcendo-se em visagens de condemnado, em vez de empunhar cajados pastoris ornados de fitas côr de rosa, appareceram alguns talentos juvenis e ridentes que foram banhar-se nas aguas puras da fonte em que Bernardin de Saint-Pierre encontrára a doce imagem de Virginia, e voltaram com primores de singeleza e de inspiração que hão de sobreviver a todas as grandes machinas de que foi tão prodiga a litteratura franceza. Esses primores eram a *Petite comtesse* de Octavio Feuillet, a *Maison de Penarvan* de Julio Sandeau, e tambem o *Amaury* de Dumas, o *André* de Jorge Sand, joias inimitaveis que redimem bastantes façanhudos crimes

*

litterarios dos mesmos escriptores, e muitos outros deliciosos livrinhos em que os grandes talentos da França encerraram o oiro mais puro da sua inspiração.

Nós hoje estamos atravessando uma crise similhante, e os talentos, que despontam na nossa patria, parecem vir já corroidos por uma lepra original, que os não deixa expandirem-se livremente ao sol claro e puro do nosso firmamento. A affectação, a turgescencia, o pedantismo, e, o que é peior ainda, a imitação pouco sensata dos modelos estrangeiros menos imitaveis, dão a esta nascente litteratura todos os symptomas de uma decrepidez precoce. Nos escriptos dos talentosos moços que se estreiam, debalde se procura um grito que parta do coração, uma idéa que brotasse espontaneamente, como flor da madrugada, no seu espirito illuminado pelo sol do enthusiasmo; em vez d'isso encontram-se apenas phrases pomposas, pensamentos que foram atirados á circulação por escriptores francezes que tem modernamente procurado a popularidade n'uma certa extravagancia que por cá se aprecia muito. Espiritos juvenis, mas falseados por uma leitura sem discernimento, acceitam como oiro de lei essa moeda falsa, e devolvem-n'a ao publico apenas galvanisada por um estilo, cujo esplendor ficticio póde deslumbrar um instante aquelles que não fazem differença entre o scintillar das lentejoilas e o refulgir dos diamantes.

Felizmente, ha tambem entre esses escriptores, que entram agora na liça, alguns espiritos vigorosos

e sensatos que se não deixam seduzir pelas tentações do extravagante, e que vão procurar á simplicidade nobre, á inspiração verdadeira e casta, á natureza, em fim, o segredo das obras primas, a magica vara com que se doma a indifferença do publico, despertando no leitor mais rebelde a commoção inesperada. Um d'esses altos espiritos é o do romancista que escreveu, debaixo do pseudonymo de Julio Diniz, as *Pupillas do senhor reitor*, um dos mais formosos livros de que se deve ufanar a litteratura portugueza.

Não julguem exaggerado o elogio, com toda a sinceridade o affirmo; conheço poucos romances nossos que se possam pôr a par d'este precioso livro, que nos vem do Porto, revelando-nos de subito um dos talentos mais elevados da nossa patria.

Qual é então o grande predicado d'esse romance? qual é o dote principal que justifica este elogio? Oh! Deus meu! um dote bem modesto, para o qual devem olhar com supremo desdem os nossos Victor Hugos embryonarios... a simplicidade, o mesmo predicado para assim dizermos impalpavel, o mesmo tenue encanto que é em *Paulo e Virginia* o levissimo frouxel da sua juventude immortal. Quaes são as grandes molas que o sr. Julio Diniz poz em movimento para nos inspirar o supremo interesse que nos captiva da primeira á ultima pagina do seu livro? Oh! duas apenas, e bem triviaes: a natureza e o coração humano. E' tão pouco... pois é tudo.

Eu já disse em alguma parte que ha uma coisa ainda mais difficil do que ser bom actor, é ser mau

actor. Referia-me, já se vê, a quem tivesse um talento verdadeiro. Effectivamente, o mau actor declama, fatiga-se, tressua, para no fim de contas encontrar uma intonação falsa e um gesto absurdo; o bom actor... *diz*... toma posse do papel, identifica-se com elle, e deixa irromperem-lhe do coração os gritos verdadeiros que a dôr, o jubilo, a angustia, a surpreza lhe arrancam, deixa que lhe transluza no olhar o reflexo da chamma interior. Posso dizer o mesmo dos grandes talentos litterarios; escrever obras primas é-lhes muito mais facil do que escrever essas extravagancias, que nos penalisam quando as vemos assignadas por um nome justamente illustre. Pois Victor Hugo nas *Contemplações* não faz esforços prodigiosos para carregar as tintas negras nas poesias formidaveis em que tenta descrever os grandes padecimentos moraes? As imagens accumulam-se, ultrajando frequentes vezes o bom senso, fervem as antitheses, as palavras sonoras *ronflent*, como elle diria, estiradas n'um leito de hyperboles, e o leitor, fatigado, pára a meio caminho d'essas longas declamações. N'esse mesmo livro, onde se encontram estes clamores emphaticos, ouve-se de repente uma simples nota dolorosa, um gemido do alaude vibrando no silencio augusto da noite, e repercutindo-se ao longe, grave e triste, como o suspiro de um espirito nocturno; essa nota simples e pungente, que os dedos distrahidos do poeta arrancaram das fibras dormentes do melancolico instrumento, arraza-nos subitamente os olhos de lagrimas. E' uma estrophe em que lamenta

a morte da filha, é um desafogo do coração profundamente commovido que se formulou em versos melodiosos. Pois isso vale mais do que os gritos apocalypticos da sua musa violentada. E' simples e é sublime. O que não tem produzido aquelle vasto genio desde que se arrojou ás alturas inaccessiveis onde o admiramos ainda, mas aonde o não seguimos já? Que poemas gigantes, que titanicas concepções tem accumulado! Fica-se absorto diante d'esse monumento esplendido que elle tem elevado até aos céos, torre babelica onde não falta mesmo bastantes vezes a confusão das linguas, mas quando encontrará elle de novo a sublime inspiração que lhe dictou aquella *Prière pour tous*, que eu leio e releio sempre, e que sempre me commove profundamente, e que sempre me rodeia como que de um véo de angelica melodia? Não quero dizer que elle modernamente não tenha feito obras primas, que a sua *Légende des siècles* não seja um portentoso poema; porém se eu, perante os livros da sua velhice, admiro o homem que soube architectar estes colossos resplandecentes, perante as poesias da sua mocidade não admiro, penso e sinto... Ao contemplar as pyramides quem não pasma do genio do homem, mas quem ha tambem que não se volte extasiado se de subito respira o doce aroma da violeta escondida? Vaga fragrancia, perfume tenue que fluctuas nas azas da brisa, és tu, és tu que és a poesia!

O livro do sr. Julio Diniz é, como elle mesmo o intitula, uma simples *chronica de aldeia*. Cuidam que foi procurar peripecias estranhas, caracteres

116

excepcionaes? cuidam que ao menos deu ao estilo um esplendor deslumbrante, que inundou de tintas maravilhosas a téla do seu quadro? Nada d'isso. A aldeia é uma pobre aldeia do norte, singela e humilde, com as suas aguas murmurantes, os seus campos que verdejam ao sol, os seu loiros trigaes no estio. O reitor... Quem suppõem que é o reitor? Um d'estes padres evangelicos que fazem discursos por ahi além, e que andam sempre graves e prégadores? a quem a gente da terra dá o nome de santo, e que teve lá na sua vida passada um drama tenebroso, de que se dá conta junto do leito de um moribundo recalcitrante? Nada; é um bom padre, sem preconceitos, conversando em linguagem chã com os seus freguezes, dando-lhes conselhos quando elles lh'os pedem, e soccorrendo-os mesmo sem elles lh'o pedirem, rindo-se das pilerias do medico, praticando actos de suprema caridade, e protegendo sem phraseado os que precisam do seu amparo. Em torno d'esse vulto as pupillas, uma séria e santa, toda abnegação e sacrificio, outra um pouco estouvada, criança mimosa, boa, honesta, alegre e expansiva; depois vem o medico da aldeia, o velho João Semana, mais recheado de anedoctas do que de receitas, levando sem se queixar uma vida afadigada, e tendo de sciencia quanto baste para os curativos de cada dia, excellente homem, typo verdadeiramente magistral pela suprema verdade com que é pintado; depois os camponezes, o tendeiro João da Esquina, o fazendeiro José das Dornas, e os dois filhos, e o Daniel, rapaz de cabeça que se lança aos

estudos, o que não o impede de ser um estouvado, e de coração aberto e franco, e mesmo tão aberto que os amores entram em tumulto por alli dentro; mas tudo isto são typos que o leitor conhece, se conhece a aldeia, typos que tem vida e animação, e não retratos photographicos, typos que se movem, que sentem, e que nós vemos e sentimos; agrupam-se em torno de nós sérios ou risonhos, como uma familia ideal cujos habitos conhecemos, cujas particularidades adivinhamos, e que desde o momento em que entraram na nossa memoria nunca mais a abandonam.

Pois isto não é tão simples, tão nosso, tão caseiro? Quem não tem lá, na sua longinqua infancia ou n'uma aberta da sua vida vertiginosa, a vaga imagem de uma aldeia assim? Quem não viu uma vez, ao pôr do sol, quando se espraiam as sombras pelos campos, passeiar scismador, grave ou ridente, o vulto semi-curvado do padre bom e santo? Quem não sentiu já uma vez pelo menos o chouto da mulinha do honrado João Semana? Quem não divisou, na volta do trabalho, o vulto airoso de Clara, atravessando a azinhaga de cantaro á cabeça, e entoando por desfastio uma d'essas melancolicas canções populares, em quanto se esfumam no horisonte os cabeços da serra, e se ouve lá muito além o gemer de um carro, e o mugido do boi que torna ao curral, e o tilintar das campainhas das ovelhas, e o grito distante do pastor? E a noite já vem proxima, da choça humilde sae o fumo da ceia frugal, a Ave-Maria espalha nas campinas a sua nota grave e

meiga, o canto monotono dos ralos vibra entre as searas, o silencio augusto do crepusculo, a que dão mais melancolico realce estes vagos rumores, sacode o seu véo de inspiração sobre a fronte do poeta, cujos passos abafados resôam no pisar das folhas sêccas que juncam a estrada, esta commoção suave impregna-lhe o espirito, as memorias da infancia esvoaçam em torno d'elle, avesinhas brancas da noite, o seu talento, olvidando as affectações escholasticas de uma litteratura senil, banhando-se nas limpidas aguas de uma inspiração verdadeira, exhala a sua fragrancia nativa, e é n'uma d'essas horas de revelação, para assim dizermos, que se escreve o *Parocho de aldeia*, quando se é Herculano; que se escrevem as *Pupillas do senhor reitor*, quando se possue o talento que Julio Diniz revela.

Alli não ha a preoccupação de realista, não ha a preoccupação da cópia, e é por isso que não saem as figuras rigidas, são ellas mesmas que tumultuam diante dos olhos do desenhador, que lhes segue indolentemente com o lapis os contornos. E' a visão interior que toma corpo e fórma, é a reminiscencia risonha que vae agrupando as scenas, dando-lhes a tocante poesia ou a feição comica que adquirem passando pelo chrisol da imaginação do poeta. E como elle as vê lá no seu espelho intimo tambem o leitor as divisa, e sente a impressão que sentiria ao contemplal-as na realidade. E' porque o poeta tem a arte suprema de esconder a arte, e a leitura do seu livro assimilha-se então a uma pales-

tra despreoccupada entre dois amigos de infancia que recordam os passados episodios da sua vida. Á medida que um os vae lembrando, o outro vae sentindo reviverem-lhe na memoria as linhas meio apagadas d'esses quadros que se reconstruem, que se reanimam, e é com jubilo indizivel que se diz: «Bem me lembra» e o panorama olvidado passa por diante de nós todo resplandecente e colorido.

Não faltam os defeitos comtudo n'este formoso livro, e a linguagem descuidada, o estilo ás vezes prosaico, o periodo muitas vezes cerrado e pouco viavel revelam no escriptor uma certa difficuldade em manejar o instrumento que lhe serve para communicar ao publico o seu pensamento elevado e nobre. A *Familia ingleza* publicada logo em seguida ás *Pupillas* accentuou bem a physionomia litteraria de Julio Diniz. Ha n'elle duas faculdades predominantes, a faculdade de observação e a faculdade dramatica, mas a primeira domina a segunda a ponto de a prejudicar; por isso os seus romances, interessantes, mas de pequeno enredo, se estendem por tantas paginas. Travando bem o dialogo, quando falla em seu nome a frase enleia-se-lhe, e não corre com a necessaria valentia e correcção. Desenhando admiravelmente, o seu colorido é fraco. Podemos dizer que tem as qualidades e os defeitos dos romancistas inglezes, que estuda de preferencia e foi isso talvez que deu aos seus livros um ar de novidade, que impressionou um publico habituado ás imitações francezas.

118

THOMAZ RIBEIRO

Houve um tempo em que a poesia trajou á côrte, em que a etiqueta sugeitou os poetas ao seu rigoroso imperio. Então os excessos de qualquer ordem eram banidos como crimes, e o proprio enthusiasmo dos lyricos tinha de se conter dentro de limites marcados pela mão severa dos legisladores do Parnaso. As leis sumptuarias regulavam o trajo da musa, como regulavam o trajo dos burguezes e dos villãos; não lhe permittiam nem a opulencia asiatica da purpura recamada de oiro, das tranças embebidas em perfumes orientaes e estrelladas de diamantes, nem lhe permittiam tambem a casta mudez das estatuas gregas. Uma simplicidade ornada, eis o que lhe destinavam as leis vigentes na monarchia d'Apollo. O bom gosto offendia-se com os raptos delirantes da poesia exaltada pela paixão; mas as tradições nobliarchicas dos discipulos de Boileau não se affrontavam menos com os plebeismos da phrase, que tentava singelamente exprimir uma commoção singela.

A poesia reclamava o que os francezes chamavam *style soutenu*, quer dizer um stylo mantido sempre na altura nobre da linguagem academica; mas a opulencia do colorido, o tropel d'imagens scintillantes, o aureo matiz da palavra tambem não convinham á sobriedade exigida pela disciplina litteraria. O maior elogio que os censores dictatoriaes da epoca podiam fazer a uns versos, é que eram bons como boa prosa.

Depois veio a reacção, e a poesia moderna, quebrando os laços que a prendiam, pairou, como a aguia dos cerros alpestres, no céo illuminado pelos rubidos esplendores da aurora dos novos tempos. Não houve audacia que não julgasse possivel, e, immergindo-se na atmosphera de fogo do lyrismo, com as azas que a paixão lhe dava, não temeu nem a sorte de Icaro, nem o destino de Phaetonte. Roubando ás mãos do velho Apollo desthronisado as redeas do carro do sol e da poesia, percorreu em doido galope os espaços immensos do firmamento. As regiões litterarias, habituadas até então ao clima das zonas temperadas, sentiram os ardores tropicaes, logo que a musa romantica, solta á brisa a clamyde purpurea, em pé no carro d'ouro, guiou na orbita vertiginosa os corceis fumegantes d'Apollo. Então os jardins alinhados, onde se dispunham em alamedas os arvoredos de folhagem rara e miuda como as arvores de Raphael, transformaram-se n'umas florestas americanas, onde a seiva luxuriante enrolava aos troncos dos copados sapucayas as roseas grinaldas das bromelias, onde os cipós se enleavam

em rede verdejante, onde cantavam passaros de mil côres, d'onde se exhalavam aromas de endoidecer, onde o sol accendia um diamante em cada gôta d'orvalho que scintillava na relva humilde, mas onde tambem as plantas damnosas cresciam com profusão, e onde as hervas parasitas aproveitavam esse prodigo trasbordar de seiva, de calor e de vida.

Entre nós é Thomaz Ribeiro talvez a expressão mais completa d'esta poesia liberrima com todos os seus felizes arrojos e tambem com todos os seus defeitos. Nascido e creado á beira da serra da Estrella, tendo por musa a fada agreste das serranias, afinando os seus cantos balbuciantes pelo fragor das torrentes espumosas, respirando no aroma da flor silvestre das cumiadas onde alveja a neve o aroma da poesia nativa, dando ao vôo do seu estro, que principiava a ensaial-o, por modelo o vôo das aguias do Herminio, tendo por Longino o genio da procella, por *Tractado do sublime* o espectaculo solemne d'uma noite de vendaval, quando as torrentes levantam mais alto nas trevas a sua voz clamorosa, quando o vento geme e zune, acamando como relva os abertos da montanha, quando emfim os relampagos e os raios, succedendo-se de continuo, crusam as suas fitas de fogo em torno dos pincaros altivos, e, coroando-os com um diadema de pallidas chammas, transformam em Sinai o Herminio, Thomaz Ribeiro, abrindo os olhos á luz do mundo intellectual, viu a poesia, como Ezechiel viu Deus, passar na tempestade!

E n'isso teve Thomaz Ribeiro um ponto de con-

tacto com os grandes fundadores da poesia romantica. Quem ensinou a Byron o segredo dos grandes arrojos, quem lhe deu a selvagem harmonia dos seus versos, senão foi o Oceano com as suas iras, e a sua indefinivel saudade e a voz bramidora das suas ondas? Onde aprendeu Victor Hugo a fazer vibrar o verso como um clarim de batalha, a dar ás suas odes a energia audaz e infrene, se não foi nas recordações da sua tumultuosa infancia, quando ia envolto, botão de rosa apenas desabrochado, nas prégas do manto do conquistador terrivel, nas azas ardentes d'essa tempestade, que se chamava Napoleão? E onde conheceram todos os iniciadores do movimento litterario d'este seculo a verdadeira natureza do sublime, senão foi nas peripecias inauditas d'esse cataclysmo que transformou o mundo, e que teve o nome de *Revolução franceza?*

Todos os poetas, verdadeiramente poetas, que neste seculo appareceram, e conquistaram de prompto uma popularidade indisputavel, foram mais ou menos filhos da tempestade; a geração que nos precedeu presenciou as grandes luctas, e nellas os seus poetas adquiriram a sua sublime feição lyrica, a sua tragica energia; e se hoje, nestas placidas épocas, alguns pifios imitadores, alguns Ascanios de botequim, tentam alargar os passinhos para acompanhar esses Enéas que sáem, com a mente exaltada e envoltos no manto epico do incendio de Troia, podemos affiançar-lhes, para os consolar, que são tambem filhos da tempestade, mas, como os francezes dizem, da tempestade 'num copo d'agua.

120

Thomaz Ribeiro é, pela natureza do seu genio, irmão d'esses grandes iniciadores da poesia romantica. Parece que os cataclysmos da natureza, que deveria ter presenceado muita vez na sua infancia, exerceram sobre o seu estro a mesma influencia que os cataclysmos da sociedade exerceram sobre os poetas que desagrilhoaram a poesia, acorrentada pelas classicas tradições, e que muitas vezes tambem se desmandaram no ardor e no enthusiasmo da revolta.

Hoje que o seculo recaiu de novo no torpor de que o haviam arrancado as trombetas estridentes fazendo desabar os muros da velha Jericó, e chamando para saudarem o alvorecer da liberdade os povos adormecidos, hoje que o enthusiasmo esfriou, e que o bom gosto, esse regulador das litteraturas avelhentadas, tomou de novo as redeas do governo, a critica tem pedido severas contas aos revolucionarios das offensas que fizeram ao bom senso, e dos excessos que praticaram. Uns, como por exemplo M. Nisard, lamentam a revolta, e pedem em altos gritos a renovação da disciplina litteraria, a que se devem, segundo elles dizem, as obras primas do seculo de Luiz XIV. Outros, e entra nesse numero Cuvillier Fleury, reconhecendo a legitimidade da insurreição, lamentam que a opulencia de imagens dos novos lyricos degenerasse muitas vezes em pompa d'oiropel e de lentejoulas, e que, abrindo de par em par as portas do templo apollineo a todas as palavras, a todas as idéas, embora plebêas e singelas comtanto que tivessem um lampejo de poesia,

deixassem tambem entrar d'envolta a trivialidade esfarrapada e enlameada.

Effectivamente são esses os defeitos e as qualidades dos poetas d'essa escola, e que podemos chamar poetas revolucionarios. Mas embora elles firam muitas vezes o bom gosto, tão profundamente respeitado pelos classicos, nenhuma poesia exerceu nem exercerá tanta influencia como a d'elles, porque nenhuma é mais espontanea, mais filha do coração, nenhuma pede menos recursos á arte e maior profusão de tintas á natureza, e portanto nenhuma ha que melhor se case com os instinctos do coração, e com as tendencias do espirito humano.

Ora Thomaz Ribeiro é o mais revolucionario dos nossos poetas, audacias ninguem as tem como elle, imagens de nenhuma phantasia brotam em mais caudal torrente, gritos do coração ninguem os solta mais espontaneos. Tem ás vezes uma simplicidade quasi infantil que arranca as lagrimas, outras vezes uma tragica violencia que agita e arrasta, outras uma pompa de lyrismo que enthusiasma e abrasa. Elle é a poesia em todo o seu florescer livre e descontrangido, é o romantismo na plena e primeira exaltação da victoria. É inimigo pessoal de Boileau, e as *desordens bellas*, a *simplicidade ornada*, o *style soutenu* contam-n'o como adversario decidido. Não ha phrase que o assuste, nem assumpto que o arripie. Todos nos lembramos ainda do rumor que se levantou nos arraiaes da critica, quando Thomaz Ribeiro ousou pôr na *varrida lareira* da boa Annitas *tres achas e uma panella*. Graças ao nosso poeta

121

de Parada de Gonta, renovou-se em 1862 nas margens do Tejo a lucta que se travára em 1830 nas margens do Sena a proposito das audacias do *Ernani*. O *Ernani* sobreviveu á lucta, e o *D. Jayme* tambem, o que prova que, apesar de todos os defeitos incontestaveis d'este poema, havia nelle esse lyrismo vigoroso que póde até offender as academias, mas que em todos os tempos, no tempo de Dante, de Shakespeare, e de Victor Hugo, ha de, a despeito da indignação dos criticos, arrastar e captivar as multidões, que se guiam pelas inspirações de um enthusiasmo.

Comtudo não desejariamos que o deslumbramento da victoria cegasse o auctor sobre os vicios da sua maneira. Nos versos de Thomaz Ribeiro entre o scintillar do oiro de lei fulgem tambem as lentejoilas, e a audacia na singeleza leva-o muitas vezes á trivialidade. O bom gosto não se póde admittir como o unico legislador da poesia, mas é certo que mesmo nos grandes raptos do lyrismo não é bom despresar os seus modestos dictames. Não queremos que o bom gosto seja o timido mareante, que não ousa affastar-se das costas quando sopra a brisa favoravel, e quando o navio d'Orpheu anceie por se arrojar ás solidões sublimes dos longiquos mares, mas queremos que seja o piloto vigilante que, deixando as pandas velas abrir-se ao vento como candidas azas, leva a mão no leme para evitar os baixios, para conservar o navio na esteira que vae seguindo, e para impedir que elle transponha o estreito espaço que, segundo dizia Napoleão voltando da Russia, vae do sublime ao ridiculo. Devemos con-

fessar que nessa galera coroada de flores, e cheia de musicas suaves, que Thomaz Ribeiro arroja a mares nunca dantes navegados, o piloto cáe ás vezes nas ondas como o Palinuro de Virgilio.

II

O grande emprehendimento da poesia moderna foi incontestavelmente o de derribar as barreiras da convenção, e dar emfim á natureza os seus fóros, o de supprimir o *bello* academico, substituindo-o pelo *bello* tal como sempre a humanidade o concebeu desde os aureos tempos da Grecia, até o seculo prezente, em que o espirito humano não quiz ser guiado por um grupo de presbytas litterarios, e viu com os seus proprios olhos e applaudiu tudo o que trazia em si reflexos do ideal. Raphael escrevendo ao seu amigo Balthazar Castiglione, dizia-lhe que aspirava constantemente a reproduzir nos seus quadros uma idêa da formosura, que elle tinha vagamente no espirito; mas, desde os Carache até David, já os pintores não pensavam 'nesse ideal, e apenas se limitavam a reproduzir a belleza, tal como a fixavam as tradicções academicas, o que introduziu forçosamente a frieza e a monotonia na arte: ora o que succedia na pintura succedia tambem na poesia, porque é a mesma inspiração que as anima, embora seja differente a execução material dos sonhos que a phantasia dicta a poetas e a pintores, embora seja

*

122

o escopro, a lyra, ou o pincel que tenha de traduzir as elevadas concepções dos homens em quem a imaginação é a faculdade predominante.

A poesia romantica, despaçando os moldes convencionaes, deu liberdade á inspiração pessoal, e deixou-a voar com as proprias azas em procura d'esse typo de bellesa soberana, que na terra se não encontra. D'esse typo temos nós todos mais ou menos no espirito a vaga concepção, mas nem os maiores genios se pódem ufanar de que sempre alcançam reproduzil-o. Quem sè póde gabar de que nunca tomou as extravagancias da sua imaginação pelo delirio sacro que o deus sublime produz áquelles de quem se apodera?

Quem póde dizer que não tomou nunca idêas parasitas que lhe brotaram na mente pelas confidencias do oraculo delphico? Ha comtudo uma regra que deve servir a todos para afferirem as producções da sua intelligencia, e essa regra é que não quereriamos nunca vêr proscripta, e é a que se denomina *bom gosto*. A etiqueta desappareceu, mas a polidez ficou em logar d'ella; a etiqueta é ridicula, a polidez é necessaria. As regras convencionaes e academicas são absurdas, e podemos e devemos infringil-as; mas não devemos affrontar o bom senso da humanidade, que mesmo, em plena exaltação das paixões, protesta contra os delirios absurdos que o offendem.

Thomaz Ribeiro, com a audacia que lhe ganhou tantas victorias, que tantas vezes o levou ao sublime pelo arrojo epico do pensamento, e pela singeleza

elegiaca da commoção, que lhe inspirou o primeiro e o quarto cantos do *D. Jayme*, tambem lhe fez affrontar muitas vezes os escrupulos do bom gosto, esmagando-os debaixo do seu carro triumphal. A critica bramiu, mas Thomaz Ribeiro continuou, victoriado pelo publico, seguindo a sua estrada ovante ao cabo da qual o esperava o Capitolio. Mas se o publico o applaudiu, se lhe deu a mais ruidosa popularidade que nunca entre nós um poeta obteve, não foi porque lhe agradassem esses crimes de lezo bom gosto de que no *D. Jayme*, principalmente do quinto canto em diante, se encontram alguns exemplos, que ainda havemos de encontrar entre as sublimidades da *Delphina do mal* e que misturam as suas notas discordantes com as magnificas harmonias dos *Sons que passam*; não, foi porque as bellezas dos seus versos subrepujaram os defeitos, porque ninguem lança em rosto ao sol as suas manchas senão alguns astronomos caturras que o observam atravez d'um telescopio emquanto o grande facho luminoso do firmamento

... poursuivant sa carrière
Verse des torrants de lumière
Sur ses obscurs blasphèmateurs.

Nos *Sons que passam*, collecção de poesias soltas que Thomaz Ribeiro acaba de publicar e que a casa Moré do Porto editou, encontram-se algumas das manifestações mais brilhantes do talento de Thomaz Ribeiro, e essas podemos dizer affoitamente que

123

são tambem obras primas de poesia portugueza. E' indesculpavel comtudo que não sejam os *Sons que passam* um livro complementar primoroso; 'num poema, obra de largo folego, encontram-se por força ao lado dos grandes raptos as estrophes, onde a musa desfallecida encolhe as azas e segue um vôo rasteiro, mas 'numa collecção de poesias soltas uma escolha severa podia simplesmeute admittir as obras que dão honra ao poeta e illustram a nossa litteratura. Para que se hão de pôr a par das poesias verdadeiramente magistraes que se intitulam: *Festa e Caridade*, *Lagrimas*, *A Judia*, *Novas Conquistas*, etc., tantas futilidades d'albuns, tantos madrigaes, cuja existencia ephemera devia terminar quando expirasse o echo dos applausos nas salas onde elles brotaram, flores d'um instante que só rescendem e brilham a essa luz ficticia dos bailes, que empallidece e afinal se esvae aos clarões radiantes da aurora?

Armand de Pontmartin, critico severo, injusto e odiento, mas a quem se não podem negar lampejos de bom senso, analysando as *Contemplações* de Victor Hugo, censura o grande poeta pelas *mignardises* inesperadas em que se contorse a musa altiva e casta do auctor das *Folhas d'outomno*. Pois merecia a pena, diz o critico, fazer uma guerra de morte á escola affectada do seculo passado para no fim voltar ás mesmas affectações! proscrever dos bosques as dryades para obrigar os antros a *faire la bouche en cœur!* desthronisar Zephiro e Flora para fazer com que a brisa em pessoa diriga mis-

sivas d'amor ás flores? Eram 'nesse caso mais risonhas as ficções da velha mythologia.

Permitta-me Thomaz Ribeiro que lhe diga tambem: Pois merecia a pena derrubarmos a Arcadia, e proscrevermos os versos ás tranças pretas, e ás folhas de rosa que poisavam nas faces das damas, para voltarmos pelo fastidioso caminho dos albuns aos mesmos madrigaes, aos mesmos frivolos nadas, para vestirmos de novo d'ouropel a musa severa do romantismo? para irmos com os olhos mal enxutos do pranto que a poesia sublime que se intitula *Lagrimas* nos fez derramar, lêr os versos a *Azor* ou os requebros d'um comprimento feito á exm.ª sr.ª D. Fulana, a quem Deus perdóe, como nós não perdoamos, o ter albuns e o ter cãesinhos fraldiqueiros?

Dir-me-ha o auctor dos *Sons que passam* que na accusação mesma está a defeza e que é licito peccar em tão boa companhia como a de Victor Hugo; mas eu responder-lhe-hei que as *Contemplações* são o primeiro degrau de uma decadencia espantosa, que Deus queira que pare nas *Chansons des rues et des bois;* porque, se continua na mesma progressão, a-la-fé, como diria um dos nossos portuguezes velhos, que temos d'aqui a pouco de medir o gigante de Guernesey pela bitola do sr. Anthero do Quental.

Nas *Contemplações* ainda ha uma profusão maravilhosa de fructos opimos, mas ha já esses fructos pecos, que Armand de Pontmartin, com a perspicacia de raivoso, lá foi descobrir entre a folhagem opulenta; mas as compilações, que deram a Victor Hugo fóros de primeiro poeta do nosso tempo, são

124

as que antecederam as *Contemplações*, e 'nessas não encontra Thomaz Ribeiro desculpa para collocar esses nadas, mais ou menos bonitos, que foi arrancar dos albuns, ao lado dos primores que abundam na collecção dos *Sons que passam*.

Entre esses primores avulta mais que todas a poesia intitulada *Lagrimas*, que tem por assumpto a morte da mãe do poeta. A inspiração nunca se elevou tão alto, e nunca melancolia mais singela produziu no animo dos leitores uma commoção mais profunda. Lamartine, quando lhe morreu a filha na Palestina, roseo botão que o sol da Asia crestou, sentiu accordar aos profundos golpes da sua dôr de pae a lyra adormecida, e desferiu-lhe nas cordas o canto mais sublime talvez da sua carreira poetica. Victor Hugo, quando lhe morreu uma das filhas victima d'um d'estes desastres que pungem tanto mais quanto mais inesperados são, escreveu, com o rosto ainda banhado de lagrimais de certo as mais sublimes poesias das suas *Contemplações*. Pois a par d'essas elegias, inspiradas por uma dôr verdadeira aos dois maiores poetas da França, enfileira-se sem receio de competencia a elegia de Thomaz Ribeiro, se é que as não vence algumas vezes na singeleza da expressão, e na commoção profunda que em cada strophe transpira.

'Neste rapido esboceto d'uma das physionomias mais sympathicas do nosso paiz e do nosso tempo, esboceto inspirado principalmente pela publicação dos *Sons que passam*, mostrei-me talvez severo em demazia com o grande poeta de quem sou profundo

admirador, e a quem me ligam os laços da mais estreita amisade. Inspirou-me o interesse da sua propria gloria; apontei os escolhos a esse navegador destemido, que vae mais longe do que ninguem na sua derrota audaciosa, apontei os perigos da proximidade do sol a quem tão perto d'elle voava. Era mais uma homenagem ao seu talento. Só naufragam nos longinquos mares os Magalhães e os Gamas, e só póde ter a sorte d'Icaro quem possue azas possantes e vôo arrojado e altivo.

125

AS MEMORIAS DE JUDAS

« Vão-se os deuses » bradava na amplidão do imperio romano uma voz desconhecida, quando o polytheismo se desconjunctava, quando os velhos templos oscillavam nos seus fundamentos e se alluiam com fragor, quando dois murmurios vagos, partindo das extremidades do mundo antigo, faziam correr um calafrio pelas veias dos subditos de Cesar, como se esses longinquos rumores fossem apenas o prenuncio d'um perigo terrivel e ignoto. Era d'um lado o gemido de Jesus expirante, do outro o confuso ruido dos barbaros sahindo das suas florestas nataes, e marchando vagarosamente para as fronteiras do imperio, que d'alli a dous seculos haviam de transpôr.

E comtudo não fôra o echo d'essa dupla tempestade ainda remota que fizera tremer o chão do paganismo, e que derrubára dos altares as estatuas dos velhos deuzes. Quando se preparava pelo christianismo e pela invasão dos barbaros septentrionaes a renovação do mundo, havia muito tempo já que

essas estatuas não eram mais do que idolos vãos, havia muito tempo que o prestigio se dissipára, havia muito que se rasgára para usos profanos o véo do symbolismo que as envolvera, e os deuses, abandonando o marmore, tinham-se de novo perdido no seio fecundo da natureza, d'onde a imaginação dos povos primitivos os fizera brotar, como vagas emanações da grande alma do universo.

O polytheismo succumbira no dia em que Lucrecio com o seu desdenhoso scepticismo apagou com o vento gelado da analyse as visões luminosas d'esse mundo phantastico e risonho, o polytheismo expirára principalmente no dia em que Ovidio transformou em contos licenciosos as tradições da scismadora Grecia, no dia em que as deusas nebulosas e ethereas foram profanadas pelo bafo impuro d'esse espirituoso materialista, no dia em que os deuses, precipitados do céo, como Vulcano, pelo pontapé agaiatado d'esse frivolo sceptico, se expozeram na sua nudez olympica ás vistas zombeteiras d'um povo, que ia vendo apagar-se-lhe uma a uma, como outras tantas estrellas, as crenças com que tinha sido embalado na infancia.

Extinctos esses fachos, o que restava? A humanidade sepultada em trevas profundas, cerrava os ouvidos á voz da consciencia, e entregava-se á orgia brutal que tornou para sempre nefastamente celebre essa epoca da vida do mundo. Era então que se ouvia soar lugubremente o grito «Vão-se os deuses». Que importava? O horisonte ia-se aclarando a pouco

126

e pouco, e a aurora do christianismo espraiava por sobre a terra a sua luz immaculada.

Hoje chegámos outra vez ao periodo funesto em que se escurece o mundo moral, á medida que a civilisação vae tornando mais facil e mais commoda e mais cheia de gosos a nossa vida transitoria. Vem o crepusculo, de novo, assoma a noite cerrada e caliginosa, e a custo se distinguem, entre as nuvens que a involvem, a estrella dos magos, que guia a humanidade ao berço do Redemptor.

O grito «Vão-se os deuses» póde soar na Europa. Os Lucrecios não faltam, que os produz com fartura a escola critica da Allemanha; os Ovidios vão apparecer tambem, porque o pallido vulto de Jesus, descoroado da sua aureola divina, e reduzido, como evangelisador, ás proporções d'um charlatão vulgar, já nol-o desenharam na téla frivola do romance, em plena orgía d'estylo materialista, representando o papel d'Armand Duval da formosa Maria de Magdala.

Assim nos surge o vulto do Divino Mestre n'um romance, que um dos maiores talentos modernos da Italia, Petrucelli della Gattina, escreveu em francez com o titulo de *Mémoires de Judas*.

Oh! eu não venho defender contra os sabios investigadores historicos da fundação do christianismo, nem contra os espiritos desdenhosos que não consentem a Jesus sequer os fóros de grande homem, não venho defender contra elles essa melancholica figura, cuja tunica celeste foi jogada aos dados pelos modernos pensadores. Se no meu tempo a humani-

dade já se julgou bastante forte e viril para regeitar o braço divino que a amparava, e para caminhar sósinha na estrada do progresso, se essas velhas superstições, tão queridas da nossa infancia, já despertam apenas um sorriso nos labios da geração soberana que ahi campeia, se mesmo a fonte pura do ideal, que manava do corpo lacerado do Christo, como o balsamo bemfazejo do tronco retalhado d'uma arvore sublime, é renegada como insipida, e se todos procuram de preferencia o licor inebriante mas esterelisador d'um materialismo sem aspirações, não serei eu que erga a voz contra esses triumphos da civilisação. Mas consintam-me ao menos que lamente o ter vindo ao mundo n'uma epoca, onde não vejo em torno de mim senão as ruinas de tudo quanto era grande e bello, de tudo quanto dispertava o enthusiasmo dos nossos paes e dos nossos avós! Consintam-me que, ao vêr sumir-se no horisonte o sol do christianismo, sol maravilhoso e fecundo que parecia ter sido acceso no firmamento do mundo moral pela propria mão de Deus, me sente com profunda tristeza a contemplar o céo despovoado, e que deixe resombrar 'nestas linhas que traço ao correr da penna, depois de ter lido o livro do romancista italiano, a melancholia amarga e desalentada que me inspira este crepusculo da humanidade, cujas sombras se accumulam em torno de mim.

Por que heide eu espantar-me de vêr o rabbi de Nazareth representar no livro de Petrucelli della Gattina um papel tão secundario e tão sem importancia, que nos parece impossivel que das palavras

127

desse orador empolado e obscuro brotasse o Evangelho do mundo inteiro, o Evangelho do porvir? Por que hei de espantar-me de o vêr, transformado em magnetisador d'encruzilhadas, em prestidigitador de praça publica, fazer em vez de milagres empalmações? Por que hei de eu espantar-me de vêr isso n'uma obra de homem de sciencia, como Salvador e Straus, mas 'numa obra d'arte, 'num romance onde a poesia do idealismo, da fé parecia dever encontrar um ultimo refugio? Por que? Não vejo eu que essa sublime figura de Christo, como os grandes poetas da geração que nos precedeu a comprehenderam, já não póde ser percebida egualmente pelos escriptores desdenhosos da actualidade?

Não vejo eu que o materialismo invade a arte, como invadiu a philosophia, como invadiu a vida practica! 'Nesse mesmo livro de Petrucelli della Gattina quaes são as paginas mais formosas? São aquellas onde o materialismo campeia em toda a sua plenitude, são aquellas onde se descrevem as orgias romanas, os espectaculos ferozes e delirantes dos amphitheatros, são aquellas onde o furor da côr local, que nas obras da arte moderna substitue a paixão, o ideal, o enthusiasmo, o sentimento, leva o author a entrar nas particularidades mais minuciosas e ás vezes mais revoltantes. Ahi é que o estylo do romancista desenvolve todos os seus recursos, ahi é que a sua palheta se mostra rica de tintas, ahi é que se lhe aviva o colorido: mas chega apenas á physionomia do Christo, lá lhe treme o pincel, e se confundem os traços. Cahiu fulminado, como

Oge, ao pôr na arca santa a mão profanadora? Não, mas ao pintor materialista faltam as brancas azas que o levantem á comprehensão d'essa doce figura, tal como foi não sei nem quero saber, mas pelo menos tal como povoou durante seculos a imaginação da humanidade!

Assim a destruição do christianismo, inaugurada pelas frivolas gargalhadas de Voltaire, continuada com gravidade e indifferença pelos membros da moderna escola historica, já o romance a acceita como facto consummado, e atira ao entretenimento das massas o vulto do divino mestre, adornado com todas as mesquinhas ambições, com todas as paixões vulgares da humanidade menos allumiada pelos raios da luz do céo! A isto chegamos já; depois do seculo da destruição, veio o seculo do anniquilamento de todas as crenças, e o homem, expulso de novo do Paraizo, vagueando nas trevas, póde perguntar como Alfredo de Musset ao genio zombeteiro, que principiou como creança malfazeja, a derrubar o templo.

Dors-tu content, Voltaire?

É 'nesta escuridão profunda em que o mundo está submerso que póde vibrar como nos tempos nefastos do imperio romano o grito: «Vão-se os deuses.» Mas 'nessa epoca ao pallido luar do polytheismo succediam as trevas, mas arraiadas pelo vago clarão que brotava na Palestina; então, como diz Victor Hugo:

L'arche de Bethléem dorait le front de Rome.

128

Hoje porém á medida que vacilla e se apaga a luz do Evangelho, procurámos debalde em torno de nós qualquer vago pronuncio de esplendor que o substitua. A estrella do espiritualismo em que Platão já punha os olhos, e que era como a estrella d'alva precursora do sol do Calvario, refulge talvez ainda no céo crepuscular, estrella vespertina, mas a humanidade já não põe os olhos n'ella, e prefere guiar-se nas trevas, em que se agita, pelos fogos fatuos, pelas phosphorescencias da putrefacção que emanam alados e ficticios clarões, dos tremedaes do materialismo.

DR. SILVA GAYO [1]

Abranger uma epoca num quadro cheio a um tempo de movimento e de côr; lançar no turbilhão onde se agitam os personagens da realidade typos phantasiados, mas nos quaes se resumem os caracteristicos dos grupos em que se divide a multidão anonyma, turba de comparsas para a historia, feixe de protogonistas para o romance; enleiar habilmente com o drama da sua existencia o drama da existencia d'um povo; percorrer com a imaginação os innumeros degraus da escada social, descer do rei ao mendigo, subir do mendigo ao rei, e dar igual relevo com a sua lampada piedosa aos andrajos do pobre, á purpura do soberano; ao lado das paixões terriveis que sacrificam um reino, pintar as paixões não menos devoradoras que sacrificam apenas uma mulher; mostrar como as mesmas causas primordiaes produzem estes resultados minimos aos olhos do historiador,

[1] *Mario* — Episodios das luctas civis de 1828-1834.

129

mas que, para o romancista, são o complemento indispensavel das acções que a posteridade vê; fazer-nos comprehender de tal modo esses caracteres que á primeira vista só repugnancia inspiram; fazer-nos entrar na intimidade não só dos homens que passaram deixando um nome aos seculos, mas das gerações confusas que o tempo varreu da face da terra; evocar assim do nada a floresta rumorejante, que a morte decepou, e fazel-a reviver toda, carvalho e musgo, arvoredo e relva, eis a missão do romancista considerada no seu mais elevado aspecto, eis como o romance póde ser não, como se dizia nos primeiros annos d'este seculo, uma epopéa burgueza, mas a epopéa d'um povo.

É necessario comtudo vigoroso pulso para architectar este formidavel edificio; tem-n'o mais do que todos na Europa esse genio colossal que se chama Alexandre Dumas; se o seu systema de composição rapido e febril lhe permittisse estudar a fundo uma epoca, aprimorar as linhas do desenho, distribuir o colorido com os necessarios cambiantes, que prodigios legaria ao mundo! E ainda com todos esses defeitos, que admiravel poema é o *Visconde de Bragelonne!* que soberba cathedral innundada de sol e de poesia, onde por toda a parte scintillam arabescos, onde os vultos dos heroes immoveis sobre as campas tumulares parecem pôr-se em movimento á voz do evocador sublime.

A faculdade de crear essas grandes moles parecia negada aos portuguezes; parecia que não tinhamos entre nós um talento complexo bastante para

delinear esses planos agigantados, e pôr em relevo os pormenores. Não nos faltavam de certo os talentos; a obra comtudo não apparecia; tentou-a e executou-a o sr. Silva Gayo no seu primeiro e admiravel livro, *Mario*.

A epoca por elle escolhida, e indicada no titulo do livro é bastante proxima de nós. Estão vivos muitos dos luctadores, as paixões ainda mal adormecidas, e comtudo a epoca já pertence á historia. Passaram sobre ella mais do que os seculos, passaram as ondas da renovação politica. Magnifico momento este para o romance historico. Ainda no coração do povo a fibra palpitante do enthusiasmo e da colera para vibrar ao sopro ardente do romancista! E trinta annos de tolerancia para que essa commoção seja pura! É a tempestade comtemplada pelo naufrago que chegou a salvamento á praia. É o drama lido pelo actor que na vespera colheu os applausos, e que sente um prazer indisivel ao recordar-se da commoção violenta que o salteou nos lances mais patheticos e portanto de maior perigo.

Esse, dir-me-hão, é o sentimento dos vencedores que lêem e o dos vencidos? Confessam lealmente que se o auctor fez as apreciações debaixo do ponto de vista das idéas que professa, foi de uma rigorosa imparcialidade e de uma alta justiça na exposição dos factos.

É isso que dá ao volume do sr. Silva Gayo fóros de livro serio; a historia politica e militar d'essa calamitosa epoca e dos annos que a precederam, existindo sobre si, destacada do romance, havia

130

de ter um valor proprio e altissimo. Se o *Mario* nos não revelasse principalmente um grande romancista, havia de nos revelar um publicista eminente e um homem com predicados notaveis de historiador.

Mas o romancista chama-nos de preferencia. É a primeira vez, ousamos dizel-o, que em Portugal nos apparece um romance completo 'nesse genero, satisfazendo as multiplicadas condições que tal genero exige.

Paixões, caracteres e acção, quer Victor Hugo que constituam os tres aspectos do drama. O romance deve conter um ou mais dramas, e tem afóra isso a *mise-en-scène* por conta do escriptor.

O dramaturgo dispõe dos actores para lhe darem vida aos typos, dos bastidores para collocarem a scena no meio que lhe compete. O espectador vê com os olhos do corpo moverem-se os personagens, e desenrolar-se o drama. O leitor vê com os olhos da alma; a penna do romancista tem de pôr em relevo as figuras, de as cercar de paizagens, de lhes collocar ao lado os mil accessorios que nos façam sentir que essas figuras vivem, porque a vida lhes tumultua em torno, porque vemos junto d'elles os mil objectos que nos rodeiam. Graças á prespectiva, aos jogos de luz e sombra, consegue o pintor desprender os vultos da téla, e dar-lhes movimento emfim. Na narrativa e na descripção estão os jogos de sombra e luz, está a prespectiva do romancista.

Pois em tudo isto é mestre o sr. Silva Gayo. Acção? Alli a temos abundante e logica, e juntando á complicação, unidade, seguindo sem tropeçar o

seu caminho, arrastando comsigo uma turba de episodios, como o navio magestoso comsigo leva um turbilhão de chalupas. Abrange um espaço immenso e não perde nunca o fio conductor, vai da Beira a Angola e de Angola ao Brazil, do humilde presbyterio ao gabinete regio, d'ahi ao acampamento tumultuoso; illumina-se com o lampejo sinistro do canhão, desenrola-se nas solidões ao lado dos fugitivos, alegra-se com o vivaz folguedo das romarias, atravessa rindo o campo da comedia, passa luctuosa no palco do mais pungente drama, enreda-se 'num labyrintho d'acontecimentos, mas leva o bom senso ao lado, e, sem parar um instante, correndo pelos magicos jardins, pelas devezas sombrias, pelas aridas charnecas, deslaça o nó por duas ou tres scenas admiraveis.

Caracteres? Tem-n'os de primeira ordem. Jorge Pinto é uma grandiosa concepção.

O genio do mal nunca apparece n'aquellas paginas sem inspirar terror. Sabe ser grande em tudo, grande no amor, no odio, na intriga, na desgraça, na morte. É um Titão fulminado; é Ajax ameaçando os céos com o punho. Vencido, morre como gigante. Desapparece, hediondo e sublime, na cratéra d'um vulcão que elle mesmo accendera. A sua figura grandiosa domina por tal fórma o drama, que tudo pareceria pequeno ao seu lado, se o auctor, deixando-a no seu isolamento sombrio, não lhe desenhasse defronte um grupo de figuras que o sol do bem illumina.

E comtudo, incrivel fatalidade da natureza

humana! as figuras de Thereza, Mario e a do padre Mauricio, bem que magistraes, não nos captivam, como a de Jorge Pinto, pela sua potente originalidade. É porque o supremo bem tem só um modo de se manifestar: o da abnegação e o do sacrificio; o mal, como Protheu, reveste milhares de fórmas; o bem, como a estrella, irradia placida e inalteravel luz; o mal, como a labareda, crepita e ondeia em mil cambiantes varios.

Mixto de bem e mal, Fernando Garcia é, como verdade, o mais vigoroso desenho do auctor. Fernando é homem; não está nem acima nem abaixo da humanidade; mas como o seu retrato foi admiravelmente apanhado na mais ligeira expressão da sua physionomia mobil! Porei de parte o pittoresco do typo, a vivacidade alegre, picante, chistosa do seu dialogo; consideral-o-hei apenas como photographia! É soberba.

Essa faculdade notavel tem o sr. Silva Gayo; com dous traços desenha um personagem. O conde de Basto atravessa um instante a scena, a sua physionomia nunca mais esquece; um fulano Belchior gagueja em tres periodos; não foi preciso mais e o Belchior ficou.

Parente affastado do risonho João Semana, o dr. José Marques tem com elle certo ar de familia. Nasceram ao mesmo tempo um em Coimbra, outro no Porto; não sei a qual darei a preferencia, nem quero estabelecer comparações. Direi apenas que o José Marques dá um alegrão á gente quando appa-

rece a declinar o seu *Promptus, prompta, promptum* no dorso da mula inoffensiva.

Para dizer quanto Silva Gayo sabe agitar as paixões, bastaria descrever a lucta horrenda que ellas travam no espirito de Jorge Pinto. Mas em que elle prima principalmente é naquillo a que chamei scenario. Como os personagens se movem naquelles ares cheios de vida; pinta-me de relance as flores angolenses, as solidões d'Africa, e eu sinto-me transportado aos tropicos, e vejo e sinto o que Mario vê, e o que Mario sente. Depois que effeitos de *mise-en-scène!* A noite de tempestade, a chuva, os relampagos, e Garcia e Jorge Pinto dilacerando-se a punhal entre a confusão medonha da natureza! A noite serena, na vespera do combate, o Porto adormecido, as sentinellas velando, o silencio augusto da sombra, Fernando Garcia e Mario evocando as scenas do passado, enlevando-se nos sonhos de outr'ora. Parece que lhes oiço as vozes, vibrando, semi-veladas, na athmosphera nocturna, quando o somno chove das estrellas que a madrugada vai desmaiar em breve.

Aqui o drama de amor, além o drama de politica! Hoje as dôres cruciantes da paixão, ámanhã os jubilos ardentes da batalha! Aqui o primoroso quadro da romaria! Além a fuga do presidio. 'Num dos extremos da cadeia Jorge Pinto, no outro o negro Thadeu, ambos admiraveis. As paixões humanas bem estudadas, uma epoca inteira soberbamente resuscitada, enleiando-se tudo 'numa teia de supremo interesse, eis o que é o livro do sr. Silva Gayo; o

132

mais notavel romance, que ha muitos annos apparece em Portugal, mesmo depois do livro das *Pupillas*, que não é composição menos primorosa, mas que tem mais limitadas aspirações.

Silva Gayo tem defeitos litterarios, e o seu livro não está isento d'elles; hei de lh'os notar quando fôr tempo; agora cumpro um dever de critico saudando simplesmente o radioso despontar de um dos mais esplendidos talentos de que Portugal se gloria.

RAMALHO ORTIGÃO [1]

Porque será ainda hoje Paris a fascinadora da Europa?

Outr'ora resplandecia alli o sol da liberdade, o enthusiasmo agitava as multidões, e 'nessa atmosphera ardente desabrochavam, puras e immortaes, as creações do genio.

Hoje a liberdade eclipsou-se, o genio vagueia exilado, e, se as multidões ainda se enthusiasmam, é quando Thereza canta *La femme à barbe*, ou *La chanson du sapeur*.

Na litteratura, a Balzac succedeu Ernesto Feydeau, a Alexandre Dumas, Ponson du Terrail; as aventuras de Rocambole prendem a attenção dos leitores, que seguiam outr'ora com ardor a figura, pelo menos luminosa e varonil, do aventuroso D'Artagnan.

O romance não é tanto o espelho como o pulso

[1] *Em Paris.*

133

da sociedade; não avaliemos tanto o mundo parisiense pelos quadros repellentes que d'elle nos apresentam os modernos romancistas, como pela voga que esses romancistas adquirem. Se a *Fanny* me denuncia o profundo aviltamento da boa roda parisiense, não é porque eu supponha que o typo da heroina seja a reproducção fiel do typo generico das francezas; mas porque as vinte e tantas edições do livro me revelam que está por lá tão adormecido o sentimento da moralidade, que a consciencia publica se não revolta contra essas pasmosas aberrações da imaginação e do talento.

Por isso repito que o romance é o pulso da sociedade. Dize-me o que lês, dir-te-hei as manhas que tens.

Ora, Paris lê as *Grandes dames* d'Arsène Houssaye, a *Condessa de Chalis* d'Ernesto Faydeau, e *L'Affaire Clémenceau* de Dumas filho.

D'onde eu deduzo que os Octavios de Parisis, as condessas de Chalis e as Izas não repugnam ao paladar litterario e á consciencia do publico.

Outr'ora no periodo viril da França, quando os rapazes tinham vinte annos, os proprios typos da corrupção só se occultavam envoltos no véo doirado da poesia.

D. Juan era encantador; por noites de luar, ouvia-se debaixo das janellas d'Elvira o melancholico descante da sua guitarra andaluza; a flor vermelha viçava entre as folhas da romeira, rescendia a baunilha em volta da varanda para onde o tentador chamava a enamorada creança; e quando a

grinalda de flores de laranjeira voava desfolhada e murcha, é porque lh'a crestára na fronte a brisa cálida e rescendente das noites voluptuosas em que palpitam as estrellas languidas no azul desmaiado do firmamento.

Hoje D. Juan chama-se Octavio de Parisis, entra na sala d'Elvira, dança com ella a valsa das Rosas, accende o charuto e vae-se embora.

É uma simplificação.

A peccadora d'antes chamava-se Manon Lescaut; doida, mas uma doce rapariga. Qualquer sopro a levava comsigo a voltear no turbilhão dos gosos ephemeros, e das falsas delicias; mas voltava logo a chorar as lagrimas do arrependimento nos braços do apaixonado Desgrieux. E esses crimes de fragilidade como os expiava ella? Morrendo nas solidões da America, face a face com o Omnipotente, purificada pelas brisas que sopravam nas virginaes florestas, rehabilitada por uma dôr immensa, quasi santificada por uma penitencia de Magdalena.

O espirito levantava-se em presença d'aquella scena grandiosa, e a commoção final ao menos era salutar e pura.

Hoje a peccadora chama-se Iza: é torpe; o vicio n'ella é um instincto bestial; está abaixo da mulher de marmore, porque é mulher de lama, e o publico parisiense, que digo? o publico europeu segue com delicias por todas as sentinas da devassidão aquella Messalina infrene, até que n'um d'esses tremedaes a vara a punhalada d'um Deserieux assassino.

L'Affaire Clémenceau! Romance onde nem um

134

instante se vê uma nesga de céo azul! Respira-se alli uma athmosphera abafadiça e doentia, empestada pelos miasmas da corrupção, e o pulmão anceia debalde por uma lufada d'ar balsamico e fresco!

E aquillô é Paris! Um baile Mabille em ponto grande!

Qual é pois o motivo porque Paris continúa ainda assim a fascinar a Europa?

Pelo mesmo motivo porque a Grecia, no tempo do imperio romano, aviltada e escravisada, continuava a ser os enlevos do mundo inteiro.

Entre a Grecia em decadencia e o Paris da actualidade ha innumeros pontos de contacto; os prefeitos romanos faziam por lá o mesmo que hoje faz o barão Haussmann; para consolarem os gregos de já não terem Demosthenes davam-lhe vias consulares, como o prefeito do Sena dá *boulevards* aos seus administrados, e os jogos do circo produziam o mesmo effeito que actualmente produzem as corridas de Chantilly.

E os gregos consolavam-se, como os parisienses se consolam!

Tinham tambem o seu Offenbach, era Luciano; o conto de *Lucio* ou o *Jumento* pede meças á *Bella Helena* ou á *Périchole.*

Plutarcho, o homem pacato, representava só elle a *Revista dos dois mundos.*

Quando Voltaire exclamava, debruçando-se do camarote n'uma das representações do seu *Edipo*: *Applaudissez Athéniens, c'est du Sophocle,* só se

enganava em metade da phrase, no que dizia respeito a Sophocles.

O que não deixa de ser maravilha, porque o costume de Voltaire era enganar-se apenas em tres quartas partes do que dizia.

Mas os parisienses são incontestavelmente os athenienses da moderna Europa, e essa similhança torna-se ainda mais notavel, quando os comparamos na decadencia.

Paris tem, como Athenas, um encanto que sobrive a todos os aviltamentos e a todas as humilhações: é o *espirito*.

O elemento gaiato da indole parisiense atravessa incólume todos os cataclysmos em que desapparecem as feições mais elevadas do seu caracter.

L'esprit, em Paris, *court les rues;* d'ahi resulta que se enlameia quando as ruas estão enlameiadas, mas não cessa de girar.

Venha um raio de sol, e enxuga-se logo.

Estas reflexões fazia-as eu, lendo o recente livro de Ramalho Ortigão: *Em Paris*.

Sente-se em cada pagina o enthusiasmo por aquella doida cidade, que ri sempre, ainda que a innunde o sangue dos patibulos, ainda que lhe roxeiem os pulsos os grilhões do despotismo.

E Ramalho Ortigão deixa-se captivar de tal modo pelo encanto da feiticeira, que faz mais do que enthusiasmar-se por elle, impregna-se nos seus ares, e abdica um pouco a sua individualidade portugueza para escrever um livro essencialmente parisiense.

Ha occasiões em que chego a esquecer-me de

que sou compatriota do autor, e imagino que estou conversando com um collega de Léo Lespés ou de Paulo de Saint-Victor.

Aquelle toque inexprimivel, que distingue as composições francezas, que dá ao periodo a ligeiresa que não fatiga, ao paradoxo a originalidade inesperada, á phrase a alegria contagiosa, encontra-se em todos os capitulos do livro de Ramalho Ortigão.

Ha um romancinho, intitulado *No asphalto parisiense*, que se diria escripto por qualquer escriptor francez dos de voga mais justificada.

Tem os predicados, e mais ainda, tem os defeitos da moderna litteratura d'esse genero em França.

Ora note-se: ter até os defeitos é um merecimento; porque a intenção do author, escrevendo o romancinho que abre o volume, foi dar-lhe todas as apparencias d'uma aventura real da vida parisiense.

Foi um *tour de force* executado com rara habilidade; quiz distribuir a côr local, soube escolher as tintas necessarias, até aquellas que regeitaria, se pintasse livremente.

Mas como foi que Ramalho afinou tão facilmente o seu estylo pelo diapasão do bom folhetim francez? É porque elle possue naturalmente a qualidade que lá mais se preza: a viveza e o relevo.

Ha em todas as litteraturas um certo numero d'escriptores que fazem com facilidade o que em pintura se chama *academias*. Adquirem uma certa habilidade de mão, costumam-se a tornear o periodo, armazenam um grande numero de phrases pomposas e em dias de gala saem á rua com aquellas

phrases enfileiradas, de grande uniforme, e de tambor na frente, ; levam horas, se fôr necessario, a desfilar, sem perderem nunca o alinhamento, e deslumbrando os papalvos, que não penetram os segredos da tactica, e se deixam fascinar invariavelmente pelos mesmos galões doirados, as mesmas golas vermelhas que saem sempre á rua, na mesma ordem, em todas as occasiões de parada.

Este estylo *ronflant* é que é exactamente o estylo facil; ora agora o que se chama facil é o difficil.

Nada mais simples para quem tem um certo conhecimento da lingua, e sabe da medição da prosa, do que arranjar estes periodos sonoros e luminosos. A questão é não deixar perder a cadencia e não permittir a entrada na fórma a palavras sem penacho.

O que é um pouco mais complicado é fazer estylo simples, deixar cahir a phrase a descuido, soltar o paradoxo despretenciosamente e encontrar a palavra propria para exprimir uma idéa que produza certa e determinada impressão. Estender no painel uma camada de côr uniforme e brilhante qualquer pintor o faz; nos cambiantes e nos contrastes, no relevo, é que está a difficuldade.

Em França, onde a lingua possue uma quantidade enorme de phrases sonoras e luzidias, já feitas e espalhadas na circulação, qualquer escriptor deita periodos arredondados e retumbantes; é por isso que se aprecia immensamente um estylo que se distingua d'estas academias vulgares.

O sr Ramalho Ortigão possue essa qualidade

136

em grau eminente; a phrase tem relevo, o estylo tem originalidade, é possivel até que exagere um pouco o predicado, e que procure e force o effeito, quando lhe não occorre naturalmente.

Conhecendo a fundo a lingua, o termo proprio nunca lhe falta, e com a maior facilidade folhetinisa á franceza em portuguez legitimo.

É esse um dos merecimentos do seu livro.

Este volume *Em Paris* vem confirmar e sanccionar plenamente a reputação ha muito tempo adquirida pelo distincto escriptor no campo do jornalismo.

Não o deixarei passar comtudo sem uma observação.

A feição principal do livro é a feição alegre. O viajante ri, conta desenfastiadamente, desenvolve paradoxos, conversa emfim como só se conversa em Paris, a acreditarmos o que Alexandre Dumas em muitos livros assevera.

Em Paris é um livro de depois de jantar, depois de um jantar francez, entenda-se. Nenhum dos convivas comeu lombo de porco, e está por conseguinte livre dos sombrios pensamentos que esse manjar inspira sempre, principalmente agora, que a trichinose veio complicar a digestão, já de si difficil, d'essa iguaria essencialmente portugueza.

Veio o champanhe, saltaram as rolhas, espumou o vinho nos copos, nos crystaes faceados, reflectiu-se em mil cambiantes o esplendor dos lustres, e Ramalho Ortigão tem a palavra, e o assumpto é Paris.

Ramalho Ortigão falla; fechando-se os olhos, os

que o escutam imaginam-se no *Café Anglais*, á roda de uma mesa em torno do qual scintilla o espirito do folhetim francez.

Essa conversação é o livro.

Ora, dil-o-hei? Desejava mais alguma cousa.

Em primeiro logar, é difficilimo sustentar uma conversação assim, ligeira sempre, paradoxal, recheiada de bons ditos, viva, petulante, chistosa sem que por vezes se sinta a fadiga no esforço que o conversador faz para lhe accudir, custe o que custar, uma palavra chistosa, um pensamento original. Ha um momento em que a expontaneidade fallece, e em que se sente a *recherche*, dando aqui ou além ao periodo uma ligeira côr pretenciosa.

Será esse, de quando em quando, o defeito do formoso livro: *Em Paris*.

Por outro lado parece-me que Ramalho Ortigão inutilisou voluntariamente uma das feições do seu bello talento, condemnando-se a ser sempre risonho e amavel, a fazer do seu livro simplesmente um longo e brilhante folhetim, uma deliciosa conversação. O seu espirito elevado tem recursos para encarar tambem as coisas pelo lado sério, e não faltam na sua palheta côres levemente melancholicas para contrastarem com as tintas alegres, e tornarem d'esse modo a téla ainda mais captivadora.

Querem a prova d'isso? Leiam o admiravel prologo, que é o meu capitulo de predilecção. O escriptor ainda não está em Paris e a influencia fascinadora da grande e frivola cidade ainda não pesa sobre elle; o seu espirito, completamente despreoc-

137

cupado, revela-se-nos em todos os seus aspectos, e ao lado da feição risonha de folhetinista, que se desenvolve no livro todo, apparece-nos a feição austera e sympathica do scismador e do pensador.

É verdade que o prologo é escripto no mar, e que o espectaculo serio e sublime do oceano deve segredar a um escriptor inspirações muito diversas das que bebe depois no turbilhão da moderna Babylonia. Se Paris não devesse a Ramalho Ortigão um tão pronunciado affecto, se lhe não merecesse tanta indulgencia, é provavel comtudo que, por entre os deliciosos capitulos do seu livro, nos apparecesse um capitulo mais severo em que a decadencia moral e intellectual da velha e lamacenta Lutacia fosse mais pungentemente verberada do que nos capitulos que se intitulam *Ponson du Terrail* e *O petit crevé*.

Em Paris é a formosa producção de um folhetinista; Ramanho Ortigão é mais do que isso: é um critico e um erudito. Das tres feições do seu talento apresenta o seu livro uma só, mas de certo a mais brilhante e a mais sympathica ao publico.

A actividade intellectual de Ramalho Ortigão não ha de parar aqui, e os seus livros posteriores hão de mostrar que me não enganei dizendo que o volume *Em Paris* ainda não revela todas as qualidades litterarias do seu author.

O que é verdade é que o distincto escriptor póde dizer-me que não tem a critica direito de investigar porque motivo seguiu elle este e não aquelle plano, e que dizendo, como digo e repito, que o

executou admiravelmente, devo dar por finda a minha missão.

Assim é; demais 'num livro que se intitula *Em Paris* é de rigor a ausencia de capitulos em que se fulmine a orgia da nova Babylonia. Com effeito, em Paris o proprio propheta Daniel, se quizesse traduzir as letras de fogo das paredes sem submetter a traducção á censura prévia, corria muito serios riscos de ir parar ao correccional.

138

INDEX

	Pag.
Duas palavras ao leitor	7
Arnaldo Gama :—O Filho do Baldaia . .	11
Rebello da Silva :	
Casa dos phanthasmas, 2 vol. . . .	24
Camillo Castello-Branco :	
O Santo da Montanha	38
Miguel d'Antas :—Les faux Don Sébastien .	56
Da iniciativa litteraria dos portuguezes na peninsula hispanica.	68
Castilho e Anacreonte	105
Virgilio e Castilho	116
Eduardo Vidal :—Folhas soltas . . .	136
Julio Cesar Machado :—Em Hespanha. .	145
Méry	155
Emilio Castelar	168
As décadas portuguezas :	
I—João de Barros.	176
II—Diogo do Couto	200
Litteratura brazileira—José d'Alencar :	
Iracema, lenda do Ceará	212
Julio Diniz—As pupillas do sr. reitor . .	225
Thomaz Ribeiro	236
As Memorias de Judas	250
Dr. Silva Gayo : Mario—Episodios das luctas civis de 1828-1832	257
Ramalho Ortigão :—Em Pariz	265

139

12-8-26